

REPRODUTIVO LEGAL

O SÉCULO

ilustrado



Nº 1532 • 13-5-67 • preço 5\$00



FÁTIMA FAZ HOJE 50 ANOS

PEIXE

CUIDADOS A TER COM O PEIXE CONGELADO

COMO SE COMPRÁ

Ao comprar peixe congelado fique sabendo que 100 gramas de pescado equivalem, em proteínas, a 100 gramas de carne, ou a 2 ovos, ou a meio litro de leite.

Se o comprou já cortado, repare se não há qualquer diferença de cor em todo a superfície dos cortes, mas se o comprou embalado, assegure-se de que o embalagem não está roto e que o peixe não teve contacto com o ar.

Compre sempre o peixe, como de resto todos os produtos congelados, após ter feito todos os outros compras.

* * * * *

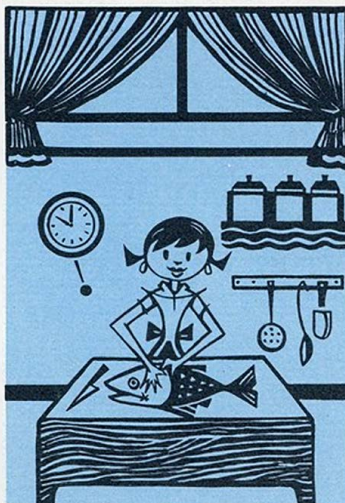
COMO SE CONSERVA

Quando se pretende conservar em casa, o peixe congelado, durante um certo tempo, deverá observar-se o seguinte:

Se não tem frigorífico só a poderá conservar durante umas 8 horas, colocando-o em LUGAR FRESCO e bem envolvido em papel. Se utilizar um caixote, com gelo picado, a conservação pode ir até 10 a 12 horas.

Se tem frigorífico poderá conservá-lo nas prateleiras normais de 10 a 12 horas, consoante o tamanho de peixe.

Se tem frigorífico com congelador, isso é o ideal, porque pode conservar o peixe em sua casa, nas melhores condições, durante 10 a 15 dias.



COMO SE PREPARA

SE NÃO TEM PRESSA deixe o peixe descongelar lentamente à temperatura ambiente em qualquer local ou no prateleira do seu frigorífico. Uma peça de pescado com meio quilo demorará a descongelar, no frigorífico, 6 a 8 horas e, fora dele, à temperatura ambiente, cerca de 4 horas.

MAS SE ESTIVER COM PRESSA pode cozinhá-lo sem descongelar bastando para isso a seguinte:

FRITO — Deixe estar a posta ou filete durante cinco a dez minutos com sal, limão e qualquer outro tempero a seu gosto; em seguida passe-o por farinha ou ovo. Logo que o azeite ou óleo estiver bem quente — fumegante — mergulhe o peixe deixando-o fritar em lume brando

COZIDO — Deite bastante sal na água e os condimentos que entender. Quando a água estiver a ferver, mergulhe o peixe e deixe cozer durante um quarto de hora

NO FORNO — Prepare-o o seu modo e coloque-o num forno muito quente, até que comece a alourar. Deixe-o ficar em forno brando até que o calor penetre bem no peixe e este fique completamente assado. Mantenha-o assim durante um quarto de hora por cada meio quilo de peixe.

EM MOLHO — Procêdo do mesmo modo como se tratasse de peixe fresco, apenas deixando-o ferver uns dez minutos mais por cada meio quilo de peixe cozinhado.

uma receita para si...

* PESCADINHAS ELEGANTES

Arranjam-se as pescadinhas e dá-se-lhes um golpe nas costas, a todo o comprimento. Põe-se uma frigideira ao lume com uma colher de café de cebolinhas picadas por pescadinha. Postas as pescadinhas na frigideira, regam-se com vinho branco, água de cozer peixe e um pouco de manteiga. Mantém-se no forno e é preciso regar várias vezes com o próprio molho. Quando não tiverem quase molho, estão prontas. Ficam um instante no forno para alourar, tiram-se para fora e deitam-se-lhes pingos de limão e salsa bem picada.



SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DE PEIXE AO PAÍS



Ω
OMEGA

O RELÓGIO OMEGA

UM PRESENTE QUE SEMPRE SATISFAZ

OFERECER UM OMEGA É DAR UM RELÓGIO PARA TODA A VIDA

COLEÇÃO DE OURO

De 4800\$ a 19800\$

Na coleção OMEGA, a mais vasta do Mundo em relógios de precisão, há sempre um relógio que satisfaz o mais exigente — porque OMEGA é a elegância ao serviço da precisão. Quer se trate de um *Ladymatic*, o

relógio automático para senhora, ou de um *Saphette*, com vidro facetado como um diamante e que cintila como ele; quer se trate, ainda, dum OMEGA "Genève", o relógio criado para os que desejam uma

elegância original, sóbria, mas distinta, ou de um relógio de joalheria, valioso e de fino gosto, todos os relógios OMEGA têm o aspecto simples e a linha clássica que desafia os caprichos da moda.

Ω
OMEGA



Omega
cronometro oficialmente
nos Jogos Olímpicos
de México 1968.

A PREÇOS FIXOS NAS AGÊNCIAS OFICIAIS, COM GARANTIA INTERNACIONAL

DIRECTOR
FRANCISCO MATA
REDACÇÃO

Guedes de Amorim
Manuel de Lima
João Corregeador da Fonseca
Adriano de Carvalho
Pedro Alvim
Fernando Brederode Santos
Roby Amorim

★

Leopoldo Nunes
Luís Alves
Augusto Fraga
Mário Heitor
Observador
Manuel Figueira
Manuel Alves Matias
Etelvina Lopes de Almeida
Edmundo Nery Motrena
Álvaro Duarte de Almeida
Lauro António
Luís Fraga
José Mensurado
Carlos Pinhão
Leonardo Teles
Francisco Nobre
Mário do Amaral
Mário do Rosário

SECRETARIA
DA REDACÇÃO
Maria dos Anjos Mendes

REPORTAGEM
FOTOGRAFICA

Eduardo Gageiro
Beatriz Ferreira
Fernando Baião
Abel Fonseca
Salvador Ribeiro

e
Augusto Cabrita

ARRANJO GRÁFICO

Baltazar Ortega
Luís Filipe da Conceição
Baptista dos Reis

FOTOGRAFIA
DE LABORATÓRIO

Florianio de Oliveira
António Xavier
Henrique Albuquerque

MONTAGEM

Álvaro de Magalhães

PUBLICIDADE

Mário Vidreiro

ASSINATURAS E AGÊNCIAS

Francisco do Espírito Santo
Eugénio Costa

EDITOR

Fernando Castro

Edição semanal de «O SÉCULO»

Redacção e Administração:
R. do Século, 41-63 — Lisboa-2
Tel. P.B.X. 36 27 51 — Oficinas:
Rua do Século, 59, e Travessa
da Oliveira à Estrela, 4-6

Sucursal no Porto:
R. St. António, 15-1.º

PROPRIEDADE:

Sociedade Nac. de Tipografia

Ano XXX - N.º 1532 - Preço \$500
13 DE MAIO DE 1967
SAI AOS SÁBADOS
PREÇO DE ASSINATURAS

Continente e Ilhas:
trimestral: 65\$00; semestral:
120\$00; anual, 230\$00
Províncias Ultramarinas, Espanha
e Brasil: semestral, 130\$00;
anual, 240\$00
Estrangeiro: semestral, 160\$00;
anual, 300\$00

VISADO PELA CENSURA

VIETNAM (6)

ENTRE O MEDO E A ESPERANÇA

reportagem de MAURICE DAUPIAS



A árdua caminhada dos guerrilheiros para a frente de combate

HANOI — A noroeste do paralelo 17, a grande altura, aviões americanos de reconhecimento fotográfico, em pequenas patrulhas, sobrevoam a cadeia montanhosa do Khas. Há longos meses já que as suas máquinas eléctricas fotografam cada quilómetro quadrado de selva. E nessa penumbra verde, saturada de humidade, que começa a pista Ho Chi Minh. Contudo, nos milhares de instantâneos recolhidos pelos aviões, a selva surge somente como um bloco de verdura bem difícil de interpretar. As objectivas apenas

apreendem os cimos compactos das árvores e os fantásticos rochedos negros envoltos pela bruma.

Uma grande reunião de estratégia

Ao abrigo da vigilância aérea, nesse dia, forma-se uma estranha aglomeração: reúnem-se ali doze mil «dang cong» e três mil solda-

dos. Os «dang cong» são trabalhadores voluntários arregimentados por quatro meses. Transportam o abastecimento das tropas, asseguram a construção e reparação das estradas, a evacuação dos feridos e dos mortos. São camponeses robustos, treinados para transportar, dois a dois, cargas suspensas de uma vara de bambu. Os três mil soldados pertencem ao regimento 145 e vêm de Thanh-Hoa, o celeiro de arroz do Vietnam do Norte.

A dois quilómetros da ravina de Nam-Pao, perto de uma casca-



GUERRILHEIROS VIÊTCONGS, MESMO EM PLENA SELVA, SÃO INFORMADOS DE COMO A GUERRA VAI DECORRENDO EM OUTRAS ÁREAS

ta, abre-se uma caverna cuja entrada é protegida por densa camuflagem. No interior, iluminados por candelários de acetilene, trinta oficiais e quatro comissários políticos estão sentados em semicírculo. Escutam atentamente o coronel Chung, chefe do estado-maior da «divisão de manutenção para a Frente de Libertação do Sul».

Um coronel de pequena estatura, quase insignificante

Chung é o responsável pela pista Ho Chi Minh. O seu campo de actividade estende-se do Vietnam do Norte até à fronteira do Camboja. Organizou vinte e quatro etapas de cinquenta quilómetros, entre as quais vão e vêm, como formigas, milhares de transportadores. De pequena estatura, quase insignificante, o coronel Chung combateu dezassete anos com as tribos das montanhas e conhece cada recanto da cordilheira como a palma da sua mão. Perante uma carta na escala de 1/100 000, o coronel Chung explica com voz forte:

— Camaradas oficiais, encontramos no início de uma longa marcha. Os camiões tornaram-se demasiado vulneráveis à aviação. A vossa descida para as províncias do sul efectuar-se-á a pé. O equipamento dos combatentes será reduzido ao mínimo: uma coberta de «nylon», três quilos de

alimentos concentrados à base de soja e açúcar, uma espingarda, duas granadas e quarenta cartuchos, ou uma metralhadora e três carregadores. O pessoal do estado-maior velará para que não tenham qualquer preocupação logística. Encontrarão por toda a parte pequenos depósitos intermédios bem aprovisionados. As colunas de «dang cong» assegurarão por etapas, até aos locais de combate, o transporte das armas pesadas, explosivos e munições. O vosso itinerário principal compreende três troços e cobre mais de três mil quilómetros.

«O primeiro, de Napé ao planalto de Nakai, não oferece qual-

quer risco. As florestas de castanheiros gigantes e os paredões de calcário cavados por inúmeras grutas oferecem excelentes abrigos contra a aviação. Em Nakai, controlarão os efectivos, fraccionando o regimento por companhias. A pista a seguir estende-se ao longo do vale de Nam-Ca-Dinh.

«Do outro lado das falésias começa a cadeia do Dente do Tigre. Dois obstáculos difíceis: os desfiladeiros de Sangsue e de Ai Lao. Em seguida, atravessar o desfiladeiro de Tchepone, para entroncar em Saravane. De Saravane a Attopeu, não abandonem o leito do Sekhong. A quinze quilómetros de Nakai, não oferece qual-

(Continua na pág. 11)

A "FLAMA" PUBLICOU O SEU Nº 1000

Com a sua última edição, a revista «Flama» publicou o seu nº 1000 com magníficas apresentações gráficas e excelente leitura. «O Seculo Ilustrado» assinala-se à festiva data que representa um assinalável esforço no ingrato e difícil campo da imprensa. Na verdade, a «Flama» — que no próximo ano comemorará as suas «bodas de prata» — atingiu um nível fora do vulgar que a coloca entre o melhor do que se publica em Portugal tanto nos seus esquemas gráficos como em qualidade jornalística.

A todos quantos trabalham na «Flama» aqui deixamos a expressão da nossa simpatia e camaradagem, desejando o prosseguimento dos seus êxitos a bem da imprensa portuguesa que tanto dignifica.



SUMÁRIO

PÁG.

VIETNAM
ENTRE O MEDO
E A ESPERANÇA
(6.º ARTIGO) 4

PAULO VI 6

DE TODOS
OS DESPORTOS 12

ACABOU
O CAMPEONATO
NACIONAL DE FUTEBOL 14

FUTEBOL
FUTEBOL
FUTEBOL 16

(TV) 18

(O MUNDO
DE AMANHÃ)
5ª M DIAS HORAS DA
EUROPA À AUSTRÁLIA
E VOLTA 19

AB'INDÂNCIA
DE MINI-VEGETAS NO
FESTIVAL DE CANNES 23

A PRINCESA IRENE FOI
COROADA RAINHA...
MAS DA FEIRA
DE SEVILHA 24

HUMOR PARA
O FIM DE SEMANA ... 27

DE SÁBADO A SÁBADO 28

DOMINGO TAURINO
EM VILA FRANCA E NO
CAMPO PEQUENO 30

SIGNOS 34

MICHAEL GAINÉ
A IMPORTÂNCIA
DE TER ÓCULOS 36

DUAS TONELADAS
DE OURO ROUBADAS
NO CORAÇÃO
DE LONDRES 44

FÁTIMA — 50 ANOS
DE ORAÇÃO 46

SAMMY DAVIS 61

PAULO VI

VEM cá tanta gente, tanto Padre, mas o Santo Padre não vem.» Deitou, pesarosa, estas palavras a menina-madrugada Jacinta, a mais nova dos videntes de Fátima, quando as aparições da Cova da Iria suscitavam desencontrados movimentos de opinião. Muitos acreditavam, muitíssimos mais recusavam-se a aceitar as manifestações da Senhora do Rosário. Provou-se e bem provado que os pastorinhos falavam verdade. Também se provaria, de seguida, que tudo quanto a Celestial Mensageira comunicara aos zagaletes, de bom e até de mau, se não atendessem aos seus pedidos, se iria realizando. Após cinquenta anos do começo da Mensagem de Fátima, vem o próprio Sumo Pontífice ajoelhar, na Capelinha das Aparições, para rogar à Mãe Corredentora pela paz entre os homens. Consagrados a tarefas absorbentes, de pesadas responsabilidades, não costumam os Papas deixar o Vaticano. Mudaram os tempos, desgraçadamente para pior. Sabe o Vigário de Cristo que, em alguns pontos geográficos, há guerras ateadas, sem fim anunciado. Com a sua autoridade apostólica e o seu fraternal coração abriu, decididamente, uma nova época de peregrinações. Anda sem descanso nem alegria o Papa da justiça e da oração. Na Terra Santa, na O.N.U., e, agora, em Fátima, o representante de Cristo, falando ao Céu, com a sua presença dará lição-exemplo a todas as nações. A honra, para o nosso País, que advém de tão elevada presença, a mais saliente de toda a Cristianidade, iguala-se à admiração que tão invulgar atitude desperta, sem dúvida nenhuma, por toda a parte. Jacinta, no Céu, (não esquecida certamente da Cova da Iria e das ovelhas), deve bater palmas, radiante: «Finalmente, o Santo Padre visitou o meu Portugal!» Esta a única nação que visita, na Europa, depois da Itália. Como o mais devoto dos peregrinos, o Papa reconhecerá, na Cova da Iria, que a Terra de Santa Maria continua dedicada ao Dogma da Fé. Todos os portugueses que sabem rezar vão juntar as suas preces às do Santo Padre, todos os peregrinos rezarão, fervorosamente, com o peregrino da dianteira, para que o Céu se compadeça das desavenças da Terra. Recolhido, profundo, suplicante, Paulo VI, aos pés da Rainha da Caridade, demonstrará que a distância que vai do Mundo à Paz é somente a que vai, pela oração e pela paz, de qualquer ponto da Terra a Fátima.

O facto da primeira visita de Sua Santidade a um país europeu ter sido dedicada a Portugal, tem um significado histórico de amplas dimensões. Durante os seus quatro anos de pontificado, que se completam no próximo mês, o Santo Padre deslocou-se a três países, porém, nenhum deles situado na Europa. Paulo VI honrou com a sua presença, até agora, apenas três territórios: a Terra Santa (1964), a Índia (1964) e os Estados Unidos (1965). Coube agora ao nosso País a honra da sua magnánima presença. Por ocasião da Sua passagem, cumpre-nos evocar a evolução desta suprema figura da Igreja. E, precisamente, pertence aos homens da Imprensa de-

dicar-lhe uma homenagem lindamente merecida. Paulo VI representa, para os que têm por ofício a missão de informar e comunicar através da Imprensa, um patrono que não se cansa de reclamar os direitos da sua profissão: **O direito do homem a exprimir livremente as suas opiniões tem as suas raízes na dignidade da pessoa humana e constitui uma das prerrogativas essenciais.**

SAO suas estas palavras e obedecem ao seu alto sentido humano atento e interveniente em todos os momentos em que periga a liberdade do homem. Porque para Paulo VI obter a informação é um direito universal in-
alável e inalterável do homem moderno.

alável e inalterável do homem moderno.

É bem significativa a atenção de Sua Santidade aos complexos problemas que envolvem a Imprensa. Em 1963, o Santo Padre abençoou os jornalistas e visitou um serviço de Imprensa por Ele organizado.

Nessa ocasião, dirigiu aos redactores e tipógrafos de todo o Mundo palavras de ânimo e deu-lhes a bênção. E mais do que uma vez considerou a Imprensa esplêndida e corajosa missão ao serviço da verdade.

De resto, o Santo Padre é filho de um jornalista. Na Sua origem existem fortes elos

SEGUE

nas páginas
centrais:

PAULO VI
EM
FÁTIMA





com esse aspecto da informação e comunicação. Criar a unidade do homem cristão como é a sua mensagem, pressupõe uma abertura que exige uma ampla fonte de informação. Ele próprio em certa altura evocou S. Paulo, sob cuja protecção colocou o seu pontificado e que considera um precursor do jornalismo ao serviço da difusão das ideias,

O Cardeal Montini, que sucedeu a João XXIII, na cadeira de S. Pedro, foi muitas vezes designado como «Ministro não oficial dos Negócios Estrangeiros». Foi sempre, portanto, uma característica da Sua personalidade o desejo de comunicação.

Paulo VI nasceu em Conséio, perto de Bréscia, a 23 de Setembro de 1897, filho de um jornalista, deputado e membro influente da Acção Católica. Seu pai, Jorge Montini, que foi um político muito activo nos partidos cristãos do centro, desenvolveu uma progressiva política, intensa

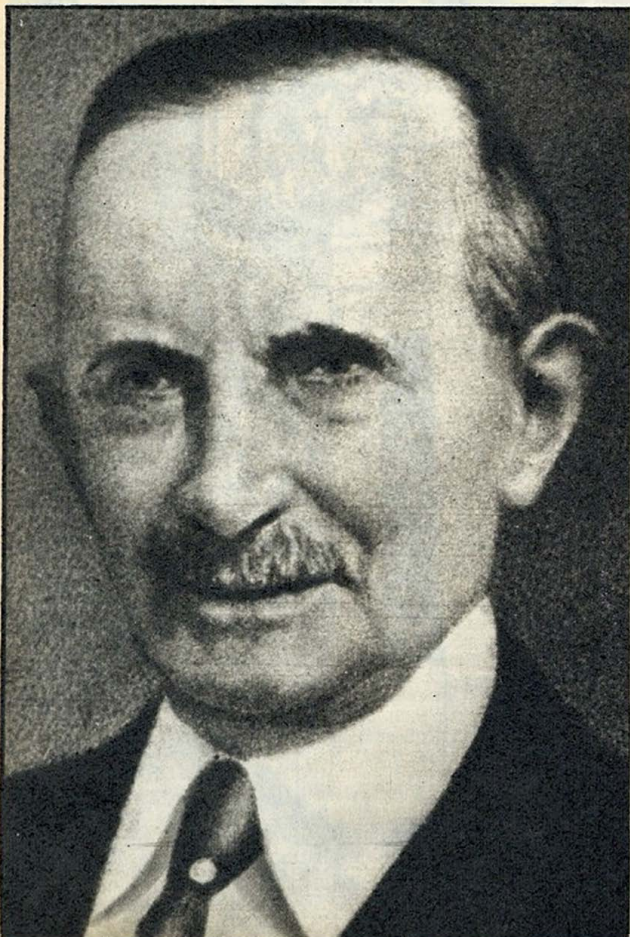
e eficaz, no sentido do aproveitamento total dos terrenos italianos do Norte.

FEZ os estudos secundários, em parte com os sacerdotes jesuitas na cidade de Bréscia. Por vontade de seu pai, que possuía rendimentos avultados em virtude do aproveitamento das suas propriedades rurais, aquele que é hoje o Santo Padre deveria seguir um curso superior, de preferência a Agronomia, a Engenharia e as Ciências Políticas.

Mas, ao contrário disso, o jovem Montini escolheu o seminário, anuindo seu pai aos seus desejos. Assim, João ordenou-se no Seminário de Bréscia, no dia 29 de Maio de 1920. Nesse mesmo ano, apoiado pelo bispo da diocese, deu entrada no Seminário Lombardo de Roma, concluindo aí o curso da Universidade Pontifícia. A sua entrada para os serviços da Secretaria de Estado do Vaticano, onde chegou a ser o maior colaborador de Pio XII, deu-se em 1925 e,

◀ **A MÃE DE PAULO VI, CIUDITTA ALGLAISE, FALECIDA EM 1943. A INFLUÊNCIA SOBRE SEU FILHO FOI IMPORTANTE NA SUA FORMAÇÃO ESPIRITUAL. PAULO VI FOI EDUCADO COM DOÇURA E SEVERIDADE, JUNTAMENTE COM OS SEUS IRMÃOS LODOVICO E FRANCESCO**

PAULO VI



JOÃO BAPTISTA MONTINI EM 1916, POUCO ANTES DE ENTRAR PARA O SEMINÁRIO, ONDE, DEZ ANOS DEPOIS, FOI ORDENADO

◀ **GEORGIO MONTINI, PAI DO PAPA PAULO VI, FALECIDO EM 1943. ADVOGADO E JORNALISTA, FOI VÁRIAS VEZES ELEITO DEPUTADO PELA LOMBARDIA. UM DOS IRMÃOS DO SANTO PADRE, LODOVICO, PAI DE SETE FILHOS, É SENADOR DEMOCRÁTICO-CRISTÃO**



NUM BEIJO DE TOTAL FRATERNIDADE, ESPERADO HÁ 919 ANOS, O PAPA ROMANO E O PATRIARCA DE CONSTANTINOPOL. ATENAGORA, CHEFE DA IGREJA ORTODOXA, ESTABELECEM UM NOVO ELO PARA UNIFICAÇÃO DA COMUNIDADE CRISTÃ



A CASA ONDE NASCEU O SANTO PADRE, EM CONCESIO

devido aos seus méritos, atingiu os postos mais elevados na Santa Sé. Em breve era um dos dois pró-secretários de Estado do Vaticano e o mais íntimo conselheiro de Pio XII. Mas já antes tinha sido adido à Nunciatura em Varsóvia. Assim a sua gloriosa carreira foi uma contínua e firme ascensão.

QUANDO se formou na Academia Eclesiástica, nesse tempo o jovem Montini manifestou o desejo de partir para Varsóvia. No seu regresso a Roma trazia uma larga experiência dos processos da diplomacia eclesiástica. Retoma os seus estudos, sendo nomeado, pelo vicariato romano, capelão do Circolo Universitário Católico.

Dois anos depois, como capelão nacional da Federação dos Estudantes Católicos, adquire o que a todos os títulos se pode dizer uma grande popularidade, conquistando com o seu dinamismo a juventude e dando-lhe uma orientação diferente. Em 1924, a sua incansável actividade dava-lhe um papel importante como acção: Mons. Montini era redactor principal da Secretaria de Estado da Santa Sé. Passou depois a reger a cadeira de História da Diplomacia Pontifical, na Academia Eclesiástica do Vaticano.

MAS, um facto vem precipitar a marcha da sua brilhante carreira. A nomeação de Mons. Domenico

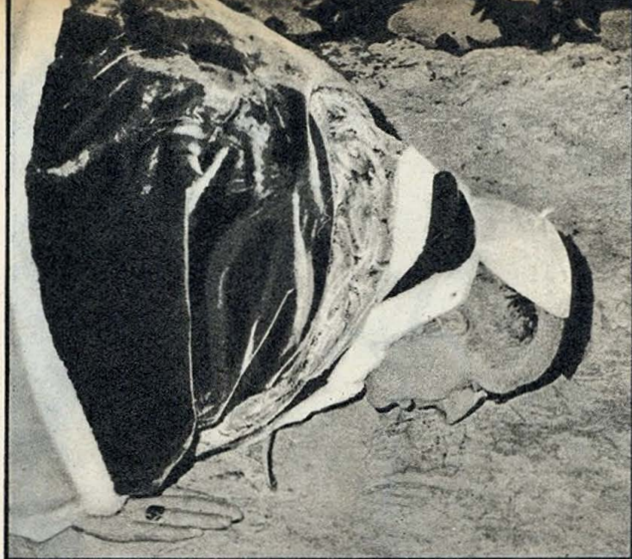
DURANTE O CONCÍLIO ECUMÉNICO, OS BISPOS OUVEM A MENSAGEM DE UNIFICAÇÃO CRISTÃ PROFERIDA POR PAULO VI. O SEU PONTIFICADO É ASSINALADO PARTICULARMENTE POR ESSA AVULTADA TENTATIVA DE CONCILIAÇÃO DOS DIVERSOS CREDOS RELIGIOSOS



PAULO VI

O SANTO PADRE BEIJA PIEDOSAMENTE A AUTENTICA
«VIA SACRA», POR OCASIÃO DA SUA VISITA À PA-
LESTINA

PAULO VI DEITA A SUA BÊNÇÃO SOBRE AS ÁGUAS DO LAGO DE
TIBERÍADES. ESTE LAGO FOI TEATRO DE MUITOS EPISÓDIOS NARRA-
DOS NO EVANGELHO. NAS SUAS MARGENS, CRISTO INDICOU
S. PEDRO COMO PRIMEIRO PAPA, COM A FRASE: «TU ÉS PEDRO
(TU ÉS PETRUS) E SOBRE ESTA PEDRA EDIFICAREI A MINHA IGREJA»



Tattini como secretário dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários levou-o à sua sucessão nas funções de substituto da Secretaria de Estado. Nesse cargo se conservou até 1952, ano em que subiu à posição de pró-secretário.

Em Novembro de 1954, deu-se a sua nomeação para Arcebispo de Milão. O Cardeal Montini foi sagrado Bispo em 12 de Dezembro, na Basilica de S. Pedro, cuja cerimónia foi presidida pelo cardeal Tisserant, decano do Sacro Colégio.

A sua acção humanitária em Milão foi relevante. Num meio tão difícil como o que encontrou, conseguiu, pelo seu prestígio, transformar-se no «Arcebispo dos Operários», aparecendo em 1955 com 150 mil trabalhadores em S. Pedro, para comemorar a instituição do dia de S. José Operário pelo Papa Pio XII.

Em Outubro de 1958, um um grande desgosto vem perturbar a vida deste príncipe da Igreja: morre o seu grande amigo Pio XII. Eleito João XXIII, no primeiro consistório, em 15 de Dezembro, Mons. Montini figura à frente dos novos cardeais. A sua arquidiocese rejubila e o Cardeal Montini continua a sua missão, visitando os enfermos, conversando com os humildes e os operários que constituem a sua principal preocupação.

Em 1963, no dia 30 de Junho, o Cardeal João Baptista Montini foi eleito Papa, tomando o nome de Paulo VI.

É essa figura fulgurante da Igreja que nos honra agora com a sua visita, que é mais uma pedra posta para a edificação da unidade de todos os cristãos.



Garanta O FUTURO!

Torne-se PROSPERO e INDEPENDENTE

APRENDA RADIO E TELEVISÃO!



PEÇA FOLHETOS GRATIS A

CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA

Seja um bom técnico de electrónica...
a Ciência do FUTURO!

R. D. ESTEFANIA, 32-1º

TEL. 573 95 LISBOA

VIETNAM

(Continuado da pág. 5)

lómetros a este de Attopeu começa o terceiro troço. É o mais perigoso. Nessa altura, o regimento deverá dividir-se em grupos de dez homens até chegarem à região dos Stieng.

«Os camponeses Stieng são nossos aliados. Respeitem os seus usos e dominem as vossas expressões perante os membros das tribos. São muito susceptíveis. Obterão deles os guias para contornar os montes de Canelle e o planalto de Kontum. Tenham em atenção nessa zona as armadilhas mortais preparadas pelos camponeses.

«O último troço do percurso será duro: abundam os helicópteros e os aviões de reconhecimento do inimigo. Apliquem rigorosamente as regras de segurança. Evitem todo o contacto com a divisão aeromóvel dos «intervencionistas» instalada em força em Ang Khê. Até à fronteira do Camboja observem um silêncio absoluto da rádio. Passo agora a palavra ao camarada técnico.»

Modificação sensível na táctica de progressão

Um homem pequeno e magro, o rosto costurado por uma profunda cicatriz de dois centímetros, devida à explosão de um obus, aproxima-se da carta. Trata-se de Nguyen Phuoc, doutor em Ciências, comissário dos armamentos anti-aéreos, antigo oficial de tiro da divisão 351, de Dien-Bien-Phu. Nguyen Phuoc fala lentamente, com uma curiosa voz enrouquecida.

—Entre vós, alguns veteranos devem ter notado que surgiu uma

mudança na nossa táctica de progressão. Abandonámos as linhas de crista para caminhar pelo fundo dos vales e ao longo dos rios. A razão está no facto de os intervencionistas americanos terem posto em acção um novo sistema de radar. Os seus aviões de reconhecimento estão equipados com um «olho infravermelho». De cada vez que um objecto quente, homem ou animal, emissor de infravermelhos, atravessa o campo desse olho, é automaticamente registado num «écran» de televisão. O metal, que é uma matéria neutra, mas emite infravermelhos, é também imediatamente detectado. Isto permite descobrir as nossas armas.

«Logo que um ponto quente surge no «écran» da televisão, uma máquina electrónica calcula instantaneamente a sua posição no

terreno e transmite automaticamente pela rádio as coordenadas de tiro à artilharia ou às esquadilhas de bombardeiros. Com um sistema de tanta precisão, toda a fonte de calor no solo se transforma num alvo.

«Ora nós sabemos que a água é um corpo interdito aos infravermelhos. Absorve o calor mas não o restitui. Quando um avião de recolha de fotos voa durante a noite, voa muito lentamente. O ruído dos seus motores ouve-se muito ao longe. Bastar-vos-á então mergulhar na água para escapar aos seus radares e às suas máquinas fotográficas. Eis porque o vosso itinerário decorrerá no fundo dos vales e ao longo dos rios de débito constante.

«Devem também desconfiar dos túneis e dos subterrâneos. O ar quente que aí circula faz apare-

cer facilmente em manchas claras, no «écran» de infravermelhos, a saída e a entrada de caça-galeria.

«Para evitarem ser assinalados utilizem vários túneis; mas em vez de soldados utilizem búfalos. Cinco búfalos representam a intensidade de calor de cinquenta homens. Uma manada de quarenta búfalos e fogueiras de acampamento que atraíam as bombas podem salvar um regimento.

«Quero acrescentar que os imperialistas americanos dispõem de filmes ultra-sensíveis capazes de diferenciar a folhagem morta da folhagem viva. Façam que os vossos homens renovem constantemente a sua camuflagem. Terminei.»

(Copyright Agence Europa Presse e «O Seculo Ilustrado»)

GUERRILHEIROS DO VIETCONG, CAPTURADOS PELOS AMERICANOS, AGUARDAM TRANSPORTE PARA SAIGÃO



DE TODOS OS DESPORTOS

BOXE

Um comerciante dinamarquês residente em Cascais convidou o pugilista Boerge Krogh, seu compatriota e campeão da Europa dos leves, a passar quinze dias em sua casa, treinando-se para o seu combate de 30 de Junho, para defesa do título com o espanhol Pedro Carasco.

Trata-se de Marx-Nielsen, que enviou uma carta ao jornal «BT», pedindo que transmitisse a oferta a Krogh.

Disse o sr. Marx-Nielsen: «Temos uma casa que será um excelente campo de treino para Krogh. Pode fazer os seus exercícios de estrada na mata em redor da resi-

dência e, como também fui pugilista, posso arranjar alguns ajudantes portugueses para Krogh»; e acrescentava que Madrid, onde se realiza o combate, fica apenas a uma hora de avião.

Logo que teve conhecimento da oferta, o campeão afirmou:

«É muito agradável a sensação de que os compatriotas que vivem no estrangeiro pensam em nós e tanto farão para nos ajudar. Aceitei reconhecidamente a generosa oferta e irei com Joe, que vem treinar comigo um mês antes do combate.»

O promotor Moegens Palle mantém ainda a esperança que a União Europeia de Pugilismo mude para Copenhaga o combate, mas se não alterar, declara que acompanhará com prazer Boerge a Portugal.



HIPISMO

COM UM NÚMERO RECORDE DE CONCORRENTES, FORAM DISPUTADAS AS TRADICIONAIS PROVAS HIPICAS PROMOVIDAS, ANUALMENTE, PELA SOCIEDADE ESTORIL-SOL — O RALI E A APRESENTAÇÃO DO CAVALO DE SELA. MAS NÃO FOI SÓ GRANDE A AFLUÊNCIA DE CONCORRENTES, PORQUANTO A ÚLTIMA DESTAS PROVAS, DISPUTADA EM FRENTE DO EDIFÍCIO DO FUTURO CASINO, NUMA TARDE DE SOL ESPLENDOROSO, REGISTOU UMA ASSISTÊNCIA ENTUSIASTICA, QUE DEVE TER ULTRAPASSADO O MILHAR.

O RALI, QUE FOI O OITAVO DA SÉRIE, DISPUTOU-SE NAS CATEGORIAS DE SENIORES, AMAZONAS E JUNIORES E COMPREENDEU UMA PROVA DE REGULARIDADE E OUTRA COMPLEMENTAR. NO FINAL, UM JURI, CONSTITUÍDO PELOS SRS. JOSÉ AFONSO ANTUNES PALHA, ENG. FERNANDO SOMMER DE ANDRADE, CAPITÃO ANTÓNIO SERÓDIO E MANUEL SOEIRO POSSOLO, ESTABELECEU A CLASSIFICAÇÃO.

A APRESENTAÇÃO DO CAVALO DE SELA — NOVA EDIÇÃO DA PROVA — PROLONGOU-SE POR TODA A TARDE, OFERECENDO AO NUMEROSO PÚBLICO A POSSIBILIDADE DE ADMIRAR MAGNÍFICOS EXEMPLARES DE CAVALOS NASCIDOS EM PORTUGAL, AGRUPADOS NA CLASSE A, E BELOS CAVALOS DE TODAS AS ORIGENS E PROCEDÊNCIAS, FORMANDO ESTES A CLASSE B. NA PRIMEIRA DESTAS CLASSES, OS EXEMPLARES CONCORRENTES, EM NÚMERO DE SETE, FORAM APRESENTADOS A MÃO, COM CABEÇADA DE BRIDÃO, ENQUANTO NA SEGUNDA, OS TRINTA E DOIS CONCORRENTES DESFILARAM MONTADOS POR CAVALEIROS COM TOQUE DE CAÇA, UNS, CHAPEU DE COCO OUTROS E FARDADOS OS RESTANTES, CONSTITUINDO UM ESPECTÁCULO COLORIDO QUE A ASSISTÊNCIA SUBLINHOU COM SINCEROS APLAUSOS. O MOMENTO QUE O PÚBLICO MAIS APLAUDIU FOI, POREM, AQUELE EM QUE SE APRESENTARAM SEIS «PONIES», MONTADOS POR CAVALEIROS DE PALMO E MEIO.

NA GRAVURA, VEMOS UM GRUPO DE CONCORRENTES.

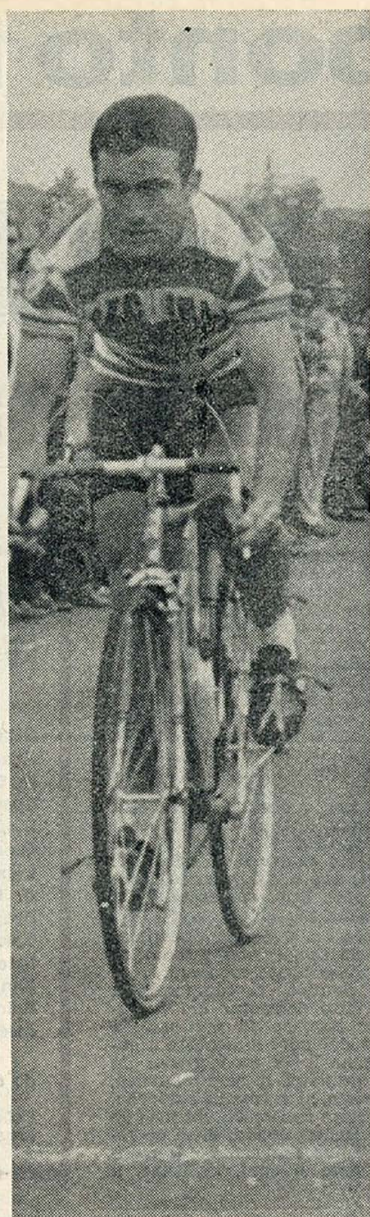


ATLETISMO

Maria Adelaide Marques, do Vitória de Setúbal, que deixou a categoria de juvenis, estabeleceu o recorde dos 70 metros barreiras e também triunfou no salto em altura. Foi ela, sem dúvida, a grande figura dos campeonatos regionais femininos de juniores.

Mas, para que a representação setubalense ganhasse ainda maior evidência, também Maria Adelaide Pereira se salientou como «sprinter» na prova de 80 metros.

Da mesma forma, também Ludovina Florêncio e Adília Silvério, ambas do Sporting, a primeira no salto em altura e a segunda no disco, estiveram em destaque.



CICLISMO

LEONEL MIRANDA, DO SPORTING, TAMBÉM GANHOU A SEGUNDA PROVA REGIONAL DE PROFISSIONAIS, QUE FOI DISPUTADA NA DISTÂNCIA DE 209 QUILOMETROS. O RÁPIDO CORREDOR LEONINO ESTÁ A FRENTE DA CLASSIFICAÇÃO DO CAMPEONATO, QUE SE DECIDE AMANHÃ NA PROVA CONTRA-RELÓGIO.

A ORGANIZAÇÃO DESTA SEGUNDA PROVA FICOU MUITO COMPROMETIDA COM OS INCIDENTES VERIFICADOS À CHEGADA. O PÚBLICO NÃO RESPEITOU A DISTÂNCIA CONVENIENTE E TRÊS CORREDORES FORAM VITIMAS DE QUEDAS DE CERTA GRAVIDADE. TUDO ISTO PORQUE NÃO HOUVE QUEM MANTIVESSE A ORDEM À CHEGADA.



NATAÇÃO

O PODEROSO E MAGNÍFICO ATLETA RUSSO LEONID ILLITCHEV É UM DOS MELHORES NADADORES EUROPEUS E MUNDIAIS NOS 100 METROS LIVRES. O RECORDE MUNDIAL (52,9 S.), QUE ESTÁ EM PODER DO FRANCÊS ALAIN GOTTHALLES, PODE SER BATIDO POR ELE.

ILLITCHEV, CUJO PODER FÍSICO IMPRESSIONA, FAZ UMA PREPARAÇÃO INTENSA COM HALTERES.

ponto final

a ACADÉMICA aguentou-se no 2º lugar

O campeonato nacional de futebol de 1966-67 já pertence à história. A última jornada, disputada no domingo, nada alterou, digno de realce, ao que já estava decidido. Apenas a Académica teve de lutar ainda um pouco, mais com o cérebro do que com os músculos, para segurar o segundo lugar, que o F. C. do Porto ainda namorava. Mas a Académica aguentou-se muito bem, frente ao Sporting, e chegou ao fim sem ter ganho, mas também sem ter perdido. O empate já lhe servia e cuidou de o defender, o que fez, aliás, jogando francamente bem, em especial na segunda parte.

Esta foi a melhor classificação de sempre dos estudantes no campeonato nacional.

O Benfica, já campeão, foi a Aveiro defrontar um Beira-Mar também já sem nada para defender e disposto a entrar na festa do vencedor do campeonato, o qual ofereceu, de resto, as faixas de campeão.

Nestas condições, um jogo de marcação cerrada, além de representar um esforço tremendo para o qual, inclusive, a

CLASSIFICAÇÃO FINAL DO CAMPEONATO NACIONAL DA I DIVISÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
BENFICA	26	20	3	3	64-19	43
Académica	26	18	4	4	50-18	40
F. C. Porto	26	17	5	4	56-22	39
Sporting	26	11	8	7	36-24	30
Setúbal	26	10	7	7	27-25	27
Guimarães	26	11	4	11	35-38	26
Leixões	26	8	8	10	23-29	24
C. U. F.	26	9	5	12	26-43	23
Braga	26	9	5	12	33-33	23
Varzim	26	8	6	12	29-42	22
Belenenses	26	7	6	13	26-34	20
Sanjoanense	26	4	11	11	23-39	19
Beira-Mar	26	5	4	17	23-58	14
Atlético	26	5	4	17	29-55	14

Beira-Mar e Atlético baixaram à II Divisão, entrando o Barcelense e o Tirsense para os seus lugares.

Oliveirense e Ovarense, da zona Norte, e Seixal e Leões de Santarém, da zona Sul, também perderam os seus lugares na II Divisão.

equipa aveirense já não estaria preparada, ainda contribua para furtar ao público o espectáculo de futebol que esperava. E por isso o Beira-Mar preferiu enveredar pelo caminho de deixar jogar e procurar jogar.

Assim, depressa veio ao de cima a diferença que separa as duas equipas e que é, afinal, idêntica à que separa o campeão da maioria das equipas que disputam a I Divisão. O que acontece é que as táticas modernas ajudam muito a disfarçar tal diferença, visto que não deixar jogar e desistir de pensar em ganhar facilita as actuações.

Quem deve ter sentido uma enorme sensação de alívio foram os jogadores encarnados, que puderam jogar sem o habitual colete de forças das táticas defensivas e ainda por cima com a vantagem de saberem que tinham pela frente um adversário leal e refractário a jogadas subterâneas.

Desta forma, a exibição foi boa e o resultado subiu até 9-0, o que não é de surpreender.

OS MELHORES MARCADORES

46-47 — Peyroteo (Sport.)...	40
47-48 — Araújo (F. C. P.)...	36
48-49 — Peyroteo (Sport.)...	40
49-50 — Julinho (Benf.)...	27
50-51 — Vasques (Sport.)...	29
51-52 — Aguas (Benf.)...	28
52-53 — Matateu (Bel.)...	29
53-54 — Martins (Sport.)...	31
54-55 — Matateu (Bel.)...	32
55-56 — Aguas (Benf.)...	28
56-57 — Aguas (Benf.)...	30
57-58 — Arsénio (C. U. F.)...	23
58-59 — Aguas (Benf.)...	26
59-60 — Edmur (Guim.)...	24
60-61 — Aguas (Benf.)...	28
61-62 — Azumir (F. C. P.)...	23
62-63 — Torres (Benf.)...	28
63-64 — Eusébio (Benf.)...	28
64-65 — Eusébio (Benf.)...	28
65-66 — Eusébio (Benf.)...	25
66-67 — Eusébio (Benf.)...	31

ARTUR JORGE, LESIONADO EM CHOQUE OCASIONAL COM MORAIS, TEVE DE SAIR DO CAMPO, PARA RECEBER TRATAMENTO





ESTA É A BRIOSA EQUIPA DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA, QUE SE CLASSIFICOU EM 2.º LUGAR NO CAMPEONATO NACIONAL, A SUA MELHOR CLASSIFICAÇÃO DE SEMPRE — E QUE FOI A GRANDE ANIMADORA DA COMPETIÇÃO

O campeão, que somou 43 pontos, com vinte vitórias, três empates e três derrotas, foi o que marcou mais golos (64), mas a Académica foi a que teve a defesa menos batida, apenas com 18 golos, enquanto que o Benfica sofreu 19.

Pertenceu também ao Benfica o melhor marcador do campeonato, Eusébio, que marcou 31 golos. Artur Jorge, da Académica, que chegou a

estar à frente de Eusébio, não passou dos vinte e cinco. O moçambicano é, pela quarta vez consecutiva, o melhor marcador.

Tiveram a honra de derrotar o campeão, o Braga, que se classificou em 9.º lugar; o Belenenses, que ficou em 11.º; e o Vitória de Setúbal, que alcançou a 5.ª posição. Os três emrates sofridos pelo Benfica verificaram-se na Póvoa

de Varzim, nas Antas e em Alvalade.

Depois do Benfica, o atacante mais realizador foi o do F. C. do Porto, que marcou 56 golos. O Sporting, em 4.º lugar e a 13 pontos de diferença do vencedor, teve um ataque muito frouxo. Apenas marcou 36 golos e sofreu 24.

Apesar de ter bons elementos na defesa, o Atlético desce de divisão, precisamente em consequência deste sector, que

sofreu 55 golos, o que também sucedeu ao Beira-Mar, que ainda sofreu mais três (58).

O número de golos marcados, em geral, é bastante baixo, mas isso deve-se ao desenvolvimento das táticas defensivas. Por esses países europeus verifica-se o mesmo fenómeno. O Real Madrid, por exemplo, em trinta jogos do campeonato, só marcou 59 golos.

OS VENCEDORES DOS 33 CAMPEONATOS

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
34-35 — F. C. PORTO	14	10	2	2	43-19	22
35-36 — BENFICA	14	8	5	1	44-23	21
36-37 — BENFICA	14	12	—	2	57-13	24
37-38 — BENFICA	14	10	3	1	34-16	23
38-39 — F. C. PORTO	14	10	3	1	57-20	23
39-40 — F. C. PORTO	18	17	—	1	76-21	34
40-41 — SPORTING	14	11	1	2	58-23	23
41-42 — BENFICA	22	19	—	3	74-34	38
42-43 — BENFICA	18	15	—	3	74-38	30
43-44 — SPORTING	18	14	3	1	61-22	31
44-45 — BENFICA	18	14	2	2	79-26	30
45-46 — BELENENSES	22	18	2	2	74-24	38
46-47 — SPORTING	26	23	1	2	123-40	47
47-48 — SPORTING	26	20	1	5	92-40	41
48-49 — SPORTING	26	20	2	4	100-35	42
49-50 — BENFICA	26	21	3	2	86-35	45
50-51 — SPORTING	26	21	3	2	91-28	45

51-52 — SPORTING	26	19	3	4	91-32	41
52-53 — SPORTING	26	19	5	2	77-22	43
53-54 — SPORTING	26	20	3	3	80-25	43
54-55 — BENFICA	26	18	3	5	61-20	39
55-56 — F. C. PORTO	26	18	7	1	77-20	43
56-57 — BENFICA	26	17	7	2	75-25	41
57-58 — SPORTING	26	19	5	2	79-21	43
58-59 — F. C. PORTO	26	17	7	2	81-22	41
59-60 — BENFICA	26	20	5	1	75-27	45
60-61 — BENFICA	26	22	2	2	92-21	46
61-62 — SPORTING	26	19	5	2	66-17	43
62-63 — BENFICA	26	23	2	1	81-25	48
63-64 — BENFICA	26	21	4	1	103-26	46
64-65 — BENFICA	26	19	5	2	88-21	43
65-66 — SPORTING	26	18	6	2	70-21	42
66-67 — BENFICA	26	20	3	3	64-19	43

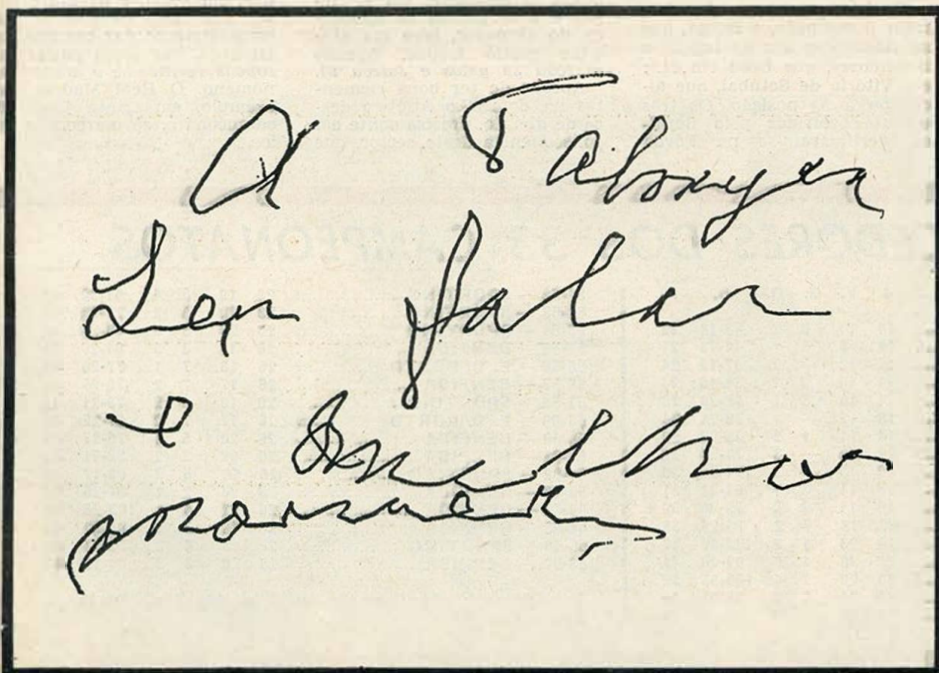
RESUMO: Benfica, 15; Sporting, 12; F. C. Porto, 5; Belenenses, 1.



A RAPARIGUINHA QUE NASCERA QUASE SOBRE AS TÁBUAS, TINHA UMA VONTADE INDOMÁVEL. ERGUEU-SE, GUINDOU-SE, TRANSFORMOU-SE NUMA GRANDE DAMA

APOS cinco meses de agonia, em que o seu amor à vida, a sua febril tenacidade mantiveram uma dramática luta, contra a morte, Palmira Bastos acabou por sucumbir. Mais alguns dias e teria chegado aos 92 anos (completá-los-ia a 30 deste mês), quase um século praticamente vivido sobre as tábuas do paleop, por entre constantes trovoadas de aplausos, que transformaram a humilde filha de ainda mais humildes cómicos de uma barraca de lona na grande dama do nosso Teatro, numa das mais notáveis figuras dos cartazes portugueses de todo o sempre.

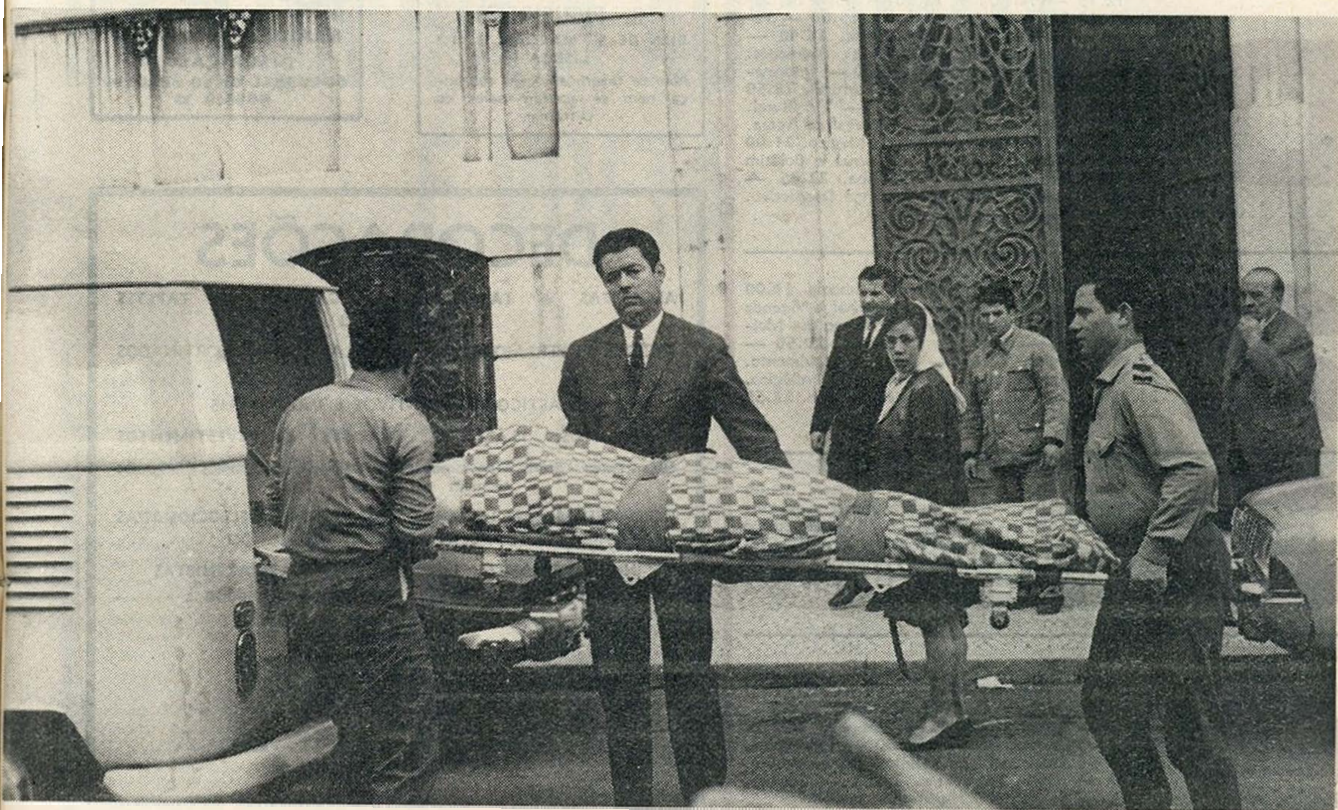
Os pais eram «bonecreiros» espanhóis (ele galego de Santiago de Compostela, ela de Valhadolid) que corriam Portugal sob umas lonas, cantando aqui umas coplas brejeiras, além recitando um poema heróico, acolá bailando umas «seguidillas» ensossas. A mocinha nasceu em Aldelagavinha, ali a dois passos de Alenquer, durante um alto da companhia. A «Pharmácia Ceia», foi a sua maternidade. Não tardaria muito tempo que o pai levasse sumiço. Se morreu, se simplesmente desertou dos deveres familiares nunca chegou a saber-se. A companhia desfez-se e Dolores Hey (a



O ÚLTIMO AUTÓGRAFO DE PALMIRA BASTOS

NUM MOMENTO DE INTIMIDADE, NOS SEUS ÚLTIMOS DIAS DE LUCIDEZ, PALMIRA PEDIU PAPEL E LÁPIS. O SEU CÉREBRO CONTINUAVA A PENSAR NO SEU TRABALHO E NOS ENSAIOS DA PRÓXIMA PEÇA. MAS OS LÁBIOS RECUSAVAM-LHE A MAIS PEQUENA ARTICULAÇÃO. E FOI ENTÃO QUE A SUA MÃO, JÁ TRÊMULA, ESCREVEU A SUA ÚLTIMA FRASE QUE ERA, AO FIM E AO CABO, A SÍNTESE DA SUA PRÓPRIA VIDA: — A PALMIRA SEM FALAR É MELHOR MORRER

PALMIRA BASTOS



A ÚLTIMA SAÍDA DE CENA FOI FEITA EM SILÊNCIO, SEM OS APLAUSOS QUE COSTUMAVAM COROAR CADA UMA DAS SUAS INTERVENÇÕES. O CORPO FRIO, DA GRANDE FIGURA DO PALCO, ABANDONA A CASA DE SAÚDE ONDE MORREU, PARA RECEBER A ÚLTIMA HOMENAGEM DOS QUE COM A SUA MORTE PERDIAM ALGUNS DOS MAIS EMOTIVOS MOMENTOS DA SUA VIDA

mãe de Palmira Martinez que viria a ser a nossa Palmira Bastos) ficou sôzinha com duas filhas. Veio para Lisboa: de dia trabalhava de costura; à noite era corista onde quer que a chamassem as fascinantes luzes da ribalta

Dupla descoberta

A mocinha foi crescendo entre bastidores. Em breve tinha na ponta da língua todos os papéis das peças que iam à cena. Corria o ano de 1890, Palmira tinha 15 anos e Sousa Bastos (o fabuloso empresário que tanto dignificou o Teatro português) ouviu falar na mocinha, quis vê-la e achou-lhe graça. Tanta que, quatro anos depois, a tomaria como esposa. Naquela altura, porém, tomou-a como vedeta. Estreou-se no Teatro da Rua dos Condes na fantasia «O Reino das Mulheres». Era um papelinho apenas, mas o público soube escolhê-la entre os

primeiros nomes do cartaz. Nasceria uma vedeta.

Ver Palmira ou ver a peça?

A ascensão foi rápida: tanto para o coração do público como para o de Sousa Bastos. Os trinta anos que os separavam não foram suficientes para obstar a um feliz e longo romance de amor que durou vinte anos. Palmira vinha do nada; por isso mesmo, quis impor-se como grande senhora, antes de ser grande vedeta. Não houve gênero que não tentasse: a comédia, o drama, a tragédia. Fez todos os autores portugueses, interpretou todos os grandes criadores estrangeiros, desde os clássicos aos nomes mais intervenientes do nosso tempo.

O seu nome no cartaz valia uma peça e a verdade é que as pessoas acorriam ao Teatro «para ver a Palmira», não para ver esta ou aquela peça, este ou aquele

autor, mas a sua popularidade nunca a fez abandonar um certo cepticismo. Ainda há seis anos dizia a uma jovem que iniciava a carreira: «Não acredites que eles vêm ver a peça, nem ver-me a mim. Vêm é para poder dizer daqui por uns anos: eu ainda vi a Palmira Bastos antes dela morrer!...»

Seria assim? Seja como for, a verdade é que a atriz também afirmara: «O palco é triste, árido e frio. É como uma grande árvore que no Inverno fica despidada de folhas. Mas a árvore ainda tem raízes que a prendem à terra. O Teatro dentro, não: desmorona-se com uma simples martelada. Quando o pano cai e se desarma aquilo tudo — oh! meu Deus! — como o palco é triste, feio e árido!»

Saída de cena

Após setenta e sete anos de glória no palco, de ter percorrido o longo e árduo caminho que a

levou de Palmira Martinez a Palmira Bastos, a grande atriz fez a sua última saída de cena. Em grandeza, como durante toda a vida, depois de ter representado o mais difícil epílogo de toda a sua carreira exemplar. Submeteu gerações perante o encantamento da sua presença, a mágica da sua palavra, o talento da sua capacidade interpretativa.

Mais pobres

Biografá-la na avidez dos nomes de peças, na galeria de condecorações, na lista de homenagens, to enumerar de viagens e «tournées» que foram êxitos seria dizer muito pouco.

O Teatro português ficou subitamente empobrecido. Mas o luto não é só da gente que pisa as tábuas. É de todos nós, de todos nós que, também, estamos de luto, a quem nos roubaram um ente muito querido, que todos amámos e admirámos. Também nós ficamos mais pobres.

PROGRAMA DE 14 A 20 DE MAIO



12.15 — Telejornal. 12.30 — Missa de Domingo. 13.25 — Música e Artistas. 15.00 — Telejornal. 15.10 — Tarde de Cinema. 16.40 — Série Juvenil. 17.30 — Desenhos Animados. 17.55 — Passatempo Infantil. 18.30 — Informação Desportiva. 18.35 — Poly em Portugal. 18.50 — Juventude no Mundo. 19.00 — TV Rural. 19.30 — Telejornal. 19.55 — Portugal de Agora. 20.20 — TV 7. 20.50 — Carrocel Mágico. 21.00 — Cena Aberta. 21.30 — Telejornal e Boletim Meteorológico. 21.55 — TV Clube. 22.25 — «Mrs.» Thursday. 23.30 — Domingo Desportivo. 23.50 — Telejornal e Meditação.

15.00 — Curso Unificado da Telescola. 19.00 — TV Educativa. 19.30 — Telejornal e Agenda da Praça. 19.50 — Hawkeye e o Último dos Moicanos. 20.20 — Momento Desportivo. 20.50 — Carrocel Mágico. 21.00 — Poesia e Movimento. 21.30 — Telejornal e Boletim Meteorológico. 21.55 — Concurso. 22.45 — Perry Mason. 23.50 — Telejornal e Meditação.

15.00 — Curso Unificado da Telescola. 19.00 — TV Educativa. 19.30 — Telejornal e Agenda da Praça. 19.50 — Culinária. 20.20 — Expedição Survival. 20.50 — Carrocel Mágico. 21.00 — Títulos de Caixa Alta. 21.30 — Telejornal e Boletim Meteorológico. 21.55 — Noite de Cinema. 23.50 — Telejornal e Meditação.

15.00 — Curso Unificado da Telescola. 19.00 — TV Educativa. 19.30 — Telejornal e Agenda da Praça. 19.50 — Desenhos Animados. 20.20 — Carta de Espanha. 20.30 — Nós e o Público. 20.50 — Carrocel Mágico. 21.00 — TV «Jazz». 21.30 — Telejornal e Boletim Meteorológico. 21.55 — Museu do Cinema. 22.25 — Variedades. 23.15 — Contos de Maupassant. 23.55 — Telejornal e Meditação.

15.00 — Curso Unificado da Telescola. 19.00 — TV Educativa. 19.30 — Telejornal e Agenda da Praça. 19.50 — Nós as Mulheres. 20.20 — Programa da Junta da Acção Social. 20.40 — Vamos Jogar no Totobola. 20.50 — Carrocel Mágico. 21.00 — Notícia de Artes Plásticas. 21.30 — Telejornal e Boletim Meteorológico. 21.55 — Museu do Cinema. 22.25 — Variedades. 23.15 — Contos de Maupassant. 23.55 — Telejornal e Meditação.

15.00 — Curso Unificado da Telescola. 19.00 — TV Educativa. 19.30 — Telejornal e Agenda da Praça. 19.50 — Série Juvenil. 20.20 — Sangue na Estrada. 20.35 — Barreira de Sombra. 20.50 — Carrocel Mágico. 21.00 — Ao Serviço da Nação. 21.30 — Telejornal e Boletim Meteorológico. 21.55 — TV Mundo. 22.55 — Série de Aventuras. 23.55 — Telejornal e Meditação.

15.00 — Curso Unificado da Telescola. 17.15 — Telejornal. 17.30 — Série Juvenil. 18.20 — Nos Bastidores da Aventura. 18.45 — Vida São em Corpo São. 19.00 — TV Educativa. 19.30 — Telejornal e Agenda da Praça. 19.50 — Teledesporto. 20.20 — Encontro com a Vida. 20.35 — Cartaz TV. 20.50 — Carrocel Mágico. 21.00 — Folclore. 21.30 — Telejornal e Boletim Meteorológico. 21.55 — TV Clube. 22.20 — Série de Aventuras. 23.45 — Telejornal e Meditação.

ACABA DE SAIR MAPA MUNDO 6\$50

Edição actualizada a 7 cores, na medida de 60 X 84 cm., contendo as actuais fronteiras, 132 bandeiras de todas as nações e fusos horários.

Envie o seu pedido em carta com letra bem legível, incluindo o valor em selos de correio. a

E. FIGUEIREDO
RUA DE S. MARÇAL. 3. 1.ª
LISBOA

Não se fazem envios à cobrança nem se aceitam selos do Ultramar

*espere e
fica pronto!*

**FOTOCOPIA
EXACTA**

RAPIDEZ · PERFEIÇÃO
DISCRIAÇÃO
BUROCRACIA DE 10 SEGUNDOS
MOBILIO. 33

DECORAÇÕES

ALCATIFAS ★ TAPEÇARIAS ★ CARPETES ★ TAPETES
PASSADEIRAS

TECIDOS ULTRAMODERNOS E TELAS PARA CORTINADOS
E ESTOFOS

PLÁSTICOS DECORATIVOS E INDUSTRIAIS

PAVIMENTOS, PLÁSTICOS, SOALHOS E REVESTIMENTOS

Orçamentos grátis, enviamos amostras e destacamos brigadas técnicas para todo o País

VERDADEIRAS MARAVILHAS DE SONHO SELECIONADAS
EM TODAS AS FÁBRICAS DO MUNDO

Nos FABRICANTES, IMPORTADORES E ARMAZENISTAS
que vendem também directamente ao público

Liane

Na RUA DE S. NICOLAU, 5 A 13 — LISBOA-2
(Junto à Rua dos Fanqueiros)

MINHA SENHORA

O
LABORATÓRIO
DOS
PRODUTOS
DE BELEZA

CENNY

ABRIU NO
INSTITUTO DE BELEZA

ARMINDA

AV. ANT.º AUG.º DE AGUIAR, 25
Tels.: 41 150 - 41 948

UMA

**SALA TÉCNICA DE
DEMONSTRAÇÕES**

ONDE ESPECIALISTAS
A PODEM ACONSELHAR
NA SUA APLICAÇÃO
NOS TRATAMENTOS DO

ROSTO — BUSTO — CORPO

INDIGESTÃO?



apenas
em 3 minutos alivia

O SEU ESTÔMAGO DE PERTURBAÇÕES

Os medicamentos que compõem a
MAGNÉSIA BISURADA, tanto em pó
como em comprimidos actuam com
rapidez e eficiência. Bastam 3 minutos
para diminuir o mal estar ou a acidez
do seu estômago.
Tenha sempre consigo Magnésia Bisu-
rada, em pó ou em comprimidos.

**MAGNÉSIA
BISURADA**

**DIGESTÃO
ASSEGURADA**

EM DUAS HORAS DA EUROPA A AUSTRÁLIA E VOLTA

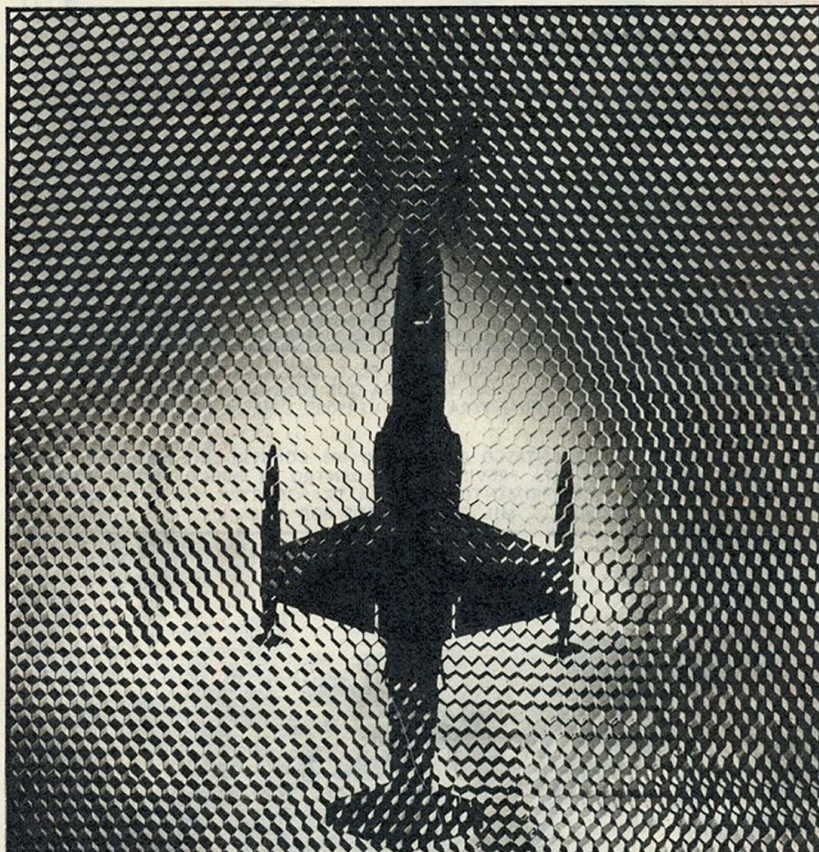
de FRANCO BERTARELLI

Os caminhos do céu, que já actualmente começam a estar superlotados, serão sulcados num amanhã muito próximo por aparelhos extraordinários, que terão formas espantosas e darão um rendimento enorme. Entre os meios destinados à mobilidade do homem e ao transporte dos bens que este produz, poucos estão em condições de progredir depressa e espetacularmente como os aviões, novos por definição (o aeroplano tem pouco mais de 60 anos) e aos quais a ciência astronáutica está a prestar um contributo cada vez mais vigoroso.

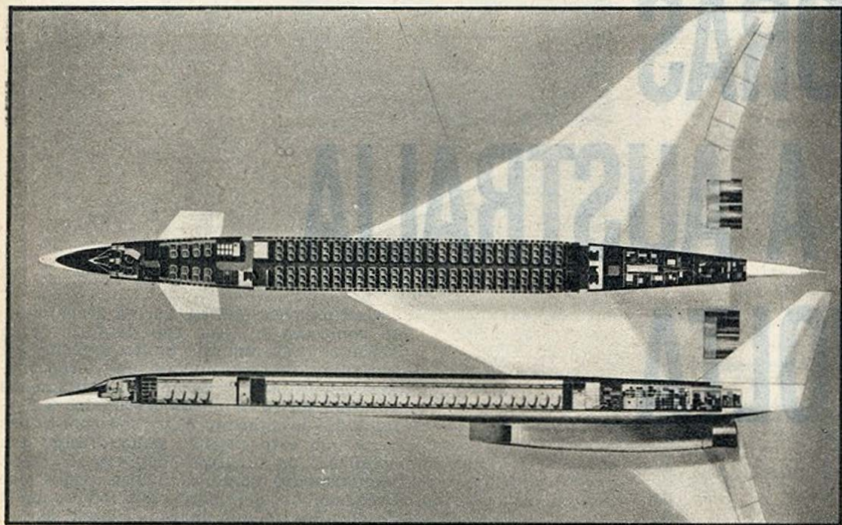
SEQUE

No futuro imediato, voaremos em 2 horas e 40 minutos através da Europa e da América com os aparelhos supersónicos de 3 mil quilómetros horários, ou então transporemos os oceanos a bordo de colossais transatlânticos do ar, com capacidade de mil lugares cada um, gastando pouquíssimo. A era das comunicações em massa entre os continentes começará então em toda a plenitude, mas implicará a transformação radical dos serviços em terra. Quando se derem estes extraordinários acontecimentos já estará em experiência o transporte balístico orbital: para se ir em meia hora de uma parte do Mundo à oposta, tomar-se-á a astronave de carreira com a mesma naturalidade com que actualmente se vai de Milão a Roma. E os peritos afirmam que isto acontecerá em 1980.

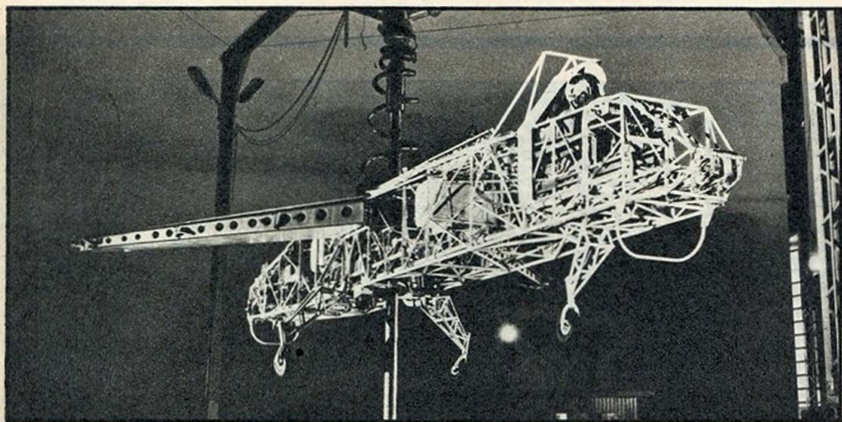
GRANDE PARTE DOS PROBLEMAS DO VOO A ALTA VELOCIDADE É DE NATUREZA AERODINÂMICA. O CÁLCULO DO PERFIL ALAR E A ESTRUTURA DO APARELHO DETERMINAM O SEU COEFICIENTE DE SEGURANÇA. E MODELOS COMO O QUE ACIMA SE VÊ SÃO ATESTADOS EM «CABINAS DE VENTOS», PARA A APRECIACÃO DA SUA RESISTÊNCIA (EM EQUILÍBRIO) A JACTOS DE AR, DISPARADOS FRONTALMENTE, QUE FAZEM AS VEZES DA PRESSÃO ATMOSFÉRICA EXERCIDA SOBRE OS APARELHOS EM VOO SUPERSÓNICO



DA EUROPA A AUSTRÁLIA



DOIS CORTES LONGITUDINAIS (SEGUNDO DIFERENTES PERSPECTIVAS) DO PROJECTO NORTE-AMERICANO SST, QUE CONSTITUI UMA VERSÃO MELHORADA DO CÉLEBRE BOMBARDEIRO XB 70, DESTINANDO-SE EMBORA À AVIAÇÃO CIVIL



UM MODELO PARA TESTE DO PROJECTO G 222, DA FIAT, QUE REPRODUZ A «TEORIA» DO SISTEMA DE VOO DESSE ENGENHO, O QUAL SE PENSA QUE PODERÁ ATINGIR A VELOCIDADE DE DOIS MIL QUILOMETROS POR HORA E TERÁ DUAS VERSÕES, UMA MILITAR E OUTRA CIVIL

O INTERIOR DO BOEING 747, GIGANTESCO AEROPLANO EM CONSTRUÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS E CUJO LANÇAMENTO ESTÁ PREVISTO PARA DENTRO DE POUCOS ANOS. O NOVO BOEING TEM 66 METROS DE COMPRIMENTO E PODERÁ TRANSPORTAR 490 PASSAGEIROS À VELOCIDADE DE MIL QUILOMETROS POR HORA



A aviação civil avança em três direcções principais: o veículo supersónico, o jacto colossal, o avião de descolagem e de aterragem curtíssimas. Estes três aparelhos fundamentais, que representam três tendências diferentes da aviação, integrar-se-ão entre si harmoniosamente para executar funções diferentes, em colaboração com os aeroplanos da geração actual, pois os aeroplanos, pelo menos os «civis», têm vida longa e envelhecem lentamente.

O avião supersónico já está quase ao alcance de todos nós: o *Concorde* anglo-francês voará, se não houver crises económicas inesperadas, em fins de 1970 e o SST (*Super Sonic Transport*) americano decerto mais tarde; mas pode mesmo acontecer que entre os dois rivais acabe por prevalecer, no tempo, o TV 144 soviético, do qual se sabe muito pouco, mas que deverá fazer os primeiros voos de prova em 1969. Estes aviões têm em comum apenas a característica de poderem superar a velocidade do som, que é de cerca de 1225 quilómetros por hora ao nível do mar e depois decresce, passando para 1060 quilómetros-hora a 20 mil metros de altitude. As suas outras características são, pelo contrário, diferentes.

O *Concorde* (56 metros, largura de 25 metros, peso de 148 toneladas e capacidade para cerca de 140 lugares) é concebido para voar a *Mach* 2,2, isto é, a 2,2 vezes a velocidade do som, o que, à rota de cruzeiro prevista entre 15 e 20 mil metros, corresponde a quase 2300 quilómetros horários. O SST deverá atingir uma velocidade entre *Mach* 2,7 e *Mach* 3, portanto compreendida entre 2900 e 3000 quilómetros, aproximadamente, e levará de 240 a 300 passageiros numa distância superior à do supersónico europeu. O trajeto Londres-Nova Iorque (5750 quilómetros), que os aviões actuais percorrem em 7 horas e 35 minutos, passará a ser feito em 3 horas e 17 pelo *Concorde* e 2 e 40 pelo SST: a América e a Europa estarão, assim, ligadas em tempo inferior ao dos nossos passeios dominicais.

Além destes dados sintéticos, há problemas técnicos de uma complexidade incrível, para resolver os quais se estão a despendar somas colossais. O nível a atingir é importante, não tanto pela velocidade pura (os bombardeiros militares já actualmente voam a *Mach* 3), como pelo poder excepcional de segurança, superior ao dos jactos actuais, pois centenas de milhares de pessoas voarão a velocidades e a altitudes familiares, actualmente, apenas a pouquíssimos pilotos militares. Além disso, os passageiros dos futuros supersónicos nem sequer sentirão que certas partes do avião que os transporta suportarão um calor de 250-300 graus, nem terão a noção de que o ar de «mela montanha» que respirarão dentro do aparelho será absolutamente diverso do ar rarefeito do exterior, no qual a concentração de ozono é muito superior ao que pode suportar um organismo humano; e não saberão também que certas pequenas variações imprevisíveis de rota — por exemplo, de 20 para 15 quilómetros — serão impostas pela necessidade de evitar os efeitos de radiações cósmicas mais intensas do que as normais, provocadas por erupções na superfície do Sol.

**Para o homem
o tempo
é o único bem
insubstituível**

A diferença de velocidade entre os dois projectos é significativa: no *Mach* 2,2 o calor produzido pelo atrito do aparelho



PREFIGURAÇÃO DO CONCORDE, O CELEBRE SUPERSÔNICO DE CONSTRUÇÃO FRANCO-INGLESA, QUE DEVE ESTAR PRONTO PARA VOAR DENTRO EM BREVE

ao rasgar a atmosfera é aguentado pela estrutura leve já utilizada actualmente, enquanto que a velocidades maiores torna-se indispensável recorrer a um aço inoxidável especial ou ar precioso titano, o que implica um aumento vertiginoso de custo. Parece que o preço de um SST oscilará entre, aproximadamente, 3 e 4 milhões de contos.

Depois, há ainda o problema do sonic

boom, ou seja, da onda de choque que nasce na proa do avião quando é superada a velocidade do som e que é causada pela compressão do ar. Essa onda assume a forma de um cone e chega à Terra, manifestando-se com um estrépito pavoroso e com intensas vibrações das moléculas do ar, as quais podem causar graves danos. Este inconveniente já foi resolvido, pelo menos em parte, à possibilidade de pas-

sagem da velocidade subsônica para a supersônica apenas a grandes altitudes, e portanto a distâncias grandes dos centros habitados. O fenómeno pode ser atenuado, mas não eliminado. No entanto, apesar destes obstáculos, o voo supersônico comercial será realizado e as velocidades aumentarão cada vez mais, pois a corrida ao «primeiro» e ao «melhor» é irresistível: no fundo, o tempo é o único bem insubstituível para o homem.

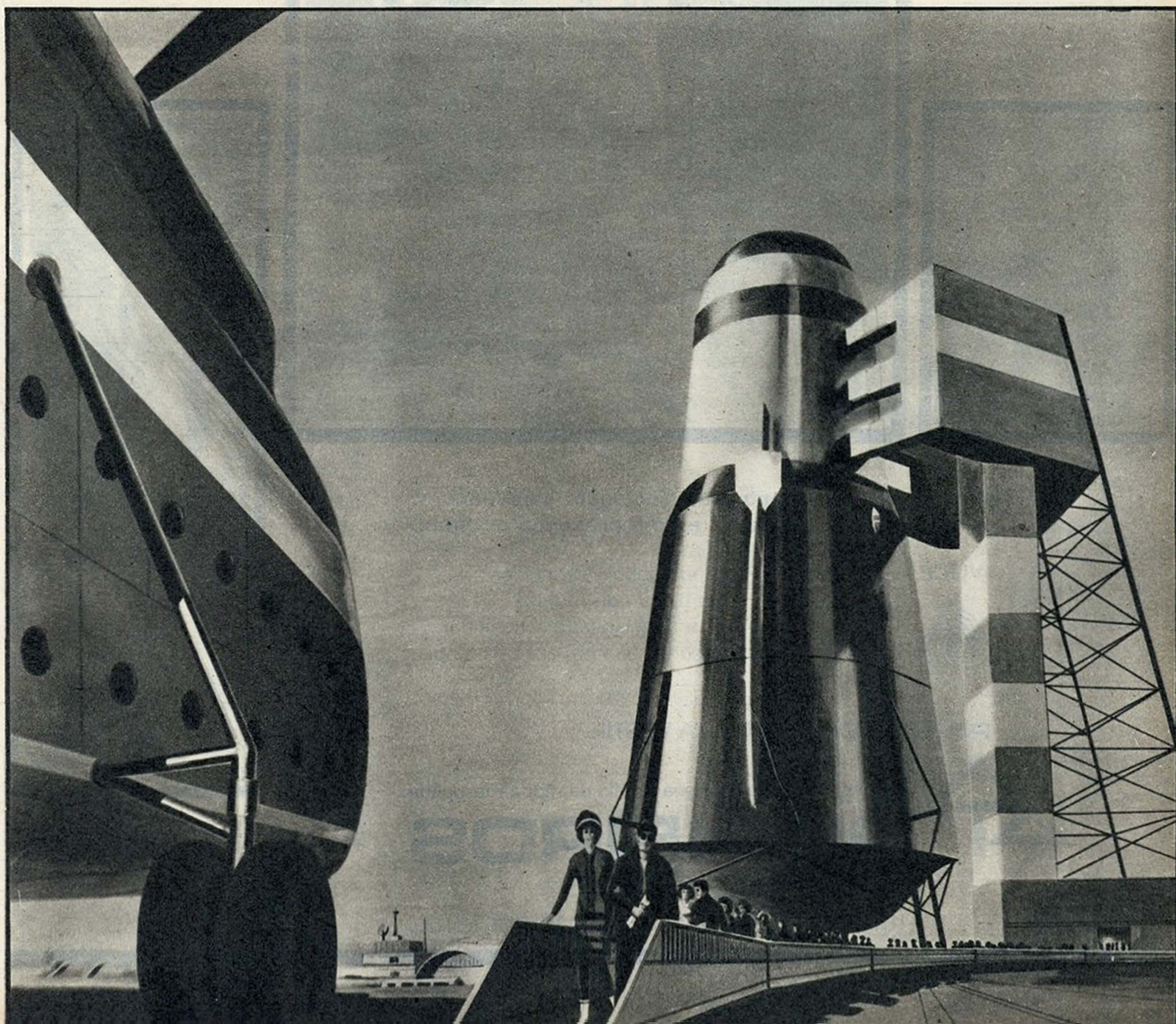
O avião gigante é uma coisa muito diferente, quer no plano técnico quer no plano comercial: a sua construção é difícil, mas não tanto como a do supersônico. Neste caso, trata-se de ampliar enormemente um jacto convencional para transportar a velocidade supersônica e a longa distância de 700 a 1000 pessoas, com o fim de diminuir muitíssimo o preço do bilhete.

Dez restaurantes nos futuros colossos do ar

Estes colossos do ar, com 30 *hostesses* e com 10 restaurantes, darão uma característica diferente à nossa maneira de viver e serão o instrumento capaz de fazer saltar as barreiras económicas que limitam os contactos de massa entre os continentes.

(Continua na página 42)

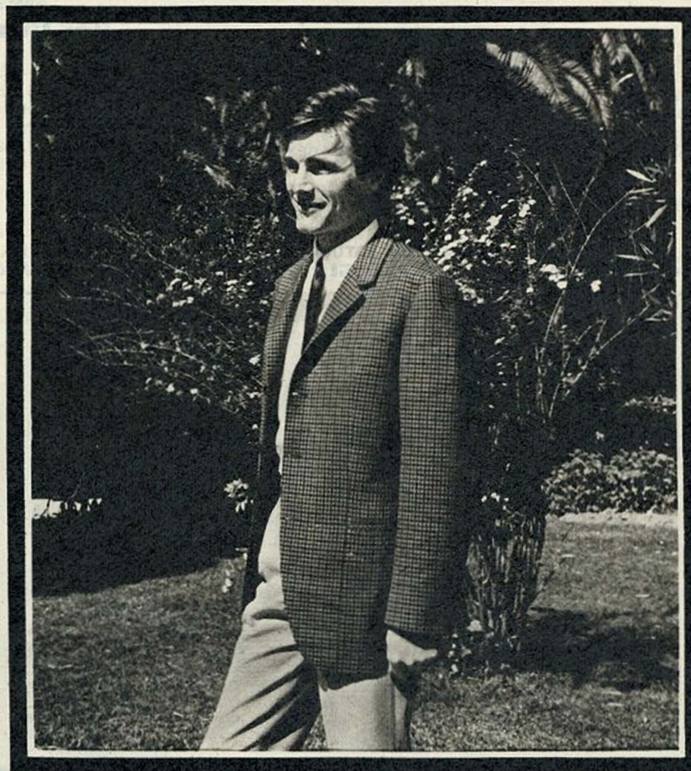
UM DESENHO DO PROJECTO PÉGASO, QUE ESTÁ PRESENTEMENTE EM ESTUDO NO LABORATÓRIO DOUGLAS, NA CALIFÓRNIA. O PÉGASO SERÁ UM MÍSSIL COMERCIAL, CAPAZ DE TRANSPORTAR 170 PASSAGEIROS À VELOCIDADE DE 26 MIL QUILOMETROS POR HORA





PRONTO A VESTIR

com escala por Londres, Milão e Lisboa.



Há 3 pontos que se encontram e conjugam para uma imagem moderna e uma presença original.

VOCÊ em primeiro lugar; logo depois os tecidos da melhor e da mais bela lã do mundo, a pura lã virgem, com a garantia internacional WOOLMARK numa confecção impecável da nova secção de



PINHEIROS - PRONTO A VESTIR



Lisboa fica desde agora na escala da moda masculina

PINHEIROS

da Rua Augusta

foram os primeiros e são os primeiros

ABUNDANCIA DE MINI-VEDETAS NO FESTIVAL DE CANNES

Enquanto certame destinado a galardoar, anualmente, obras de *arte cinematográfica*, o Festival de Cannes, como todos os Festivais, há muito que caiu em descrédito. Não é impunemente que na selecção dos filmes a apresentar e mesmo na sua classificação se concede preponderância aos dinheiros do produtor em vez de se a conceder aos talentos do realizador... Mas cair em descrédito não é o mesmo que cair em desgraça. Festivais como o de Cannes, se perderam todo o prestígio junto dos apreciadores de cinema, souberam multiplicá-lo junto dos cultores de vedetas. São concentrações de vedetas, Festivais como o de Cannes. E são, sobretudo, um trampolim hipotético a que recorrem muitos e sonhadores candidatos ao vedetismo. Moços e moças que, fiados no palminho da própria cara, cuidam depender só do «dar nas vistas» a sua entrada no círculo dourado dos ídolos do celulóide... e tratam pois de «dar nas vistas» despindo-se para passear nas ruas ou vestindo-se para nadar nas praias, entre mil e uma outras tropelias em que o mau gosto predomina e a imaginação se abstém (que não faz ela senão bem).



ESTA SUECA (QUE, INFORME-SE, É MÉDICA ESTOMATOLOGISTA!) CHAMA-SE ALICE TIMANDER E SONHA FAZER CARREIRA NO CINEMA. ORA PARA MATERIALIZAR ESSE SONHO ENTENDEU QUE MAIS IMPORTANTE DO QUE ESTUDAR ARTE DRAMÁTICA ERA CHAMAR AS ATENÇÕES PARA A PERFEIÇÃO DA PRÓPRIA PLÁSTICA — E NÃO ESTEVE COM MEIAS MEDIDAS: FOI ATÉ CANNES, E EXIBIU-SE NA PRAIA COM UM «VISON» EM VEZ DE UM ROUPÃO TURCO...

◀ GITTE HAENNING E OLEG VIDOV, DOIS ACTORIZITOS DINAMARQUESES DE PRESTÍGIO MODESTO, TRATARAM O MELHOR QUE PUDERAM DA PRÓPRIA PUBLICIDADE. POSSAM NAQUELES PREPAROS... NÓS PUBLICAMOS-LHES A CHAPA, SEMPRE AMIGOS DE AJUDAR



◀ AO LADO DA «RAINHA» DA FEIRA, O SEU MARIDO, PRÍNCIPE CARLOS DE BOURBON-PARMA, QUE É PRETENDENTE A OUTRA COROA: A DE ESPANHA

▶ EIS BEATRICE WELLES, ELEGANTE AMAZONA, NUM RUCILHO AJAEZADO NO PURO ESTILO ANDALUZ

ORSON WELLES, GORDO E JOVIAL, FEZ-SE ACOMPANHAR DA FILHA, BEATRICE, UMA ENCANTADORA CRIATURINHA DE 9 ANOS, QUE TEM, COMO ELE, A PAIXÃO DA ESPANHA DAS TOURADAS



A PRINCESA IRENE FOI COROADA RAINHA... MAS DA FEIRA DE SEVILHA

SUCEDENDO a Audrey Hepburn, Jackie Kennedy e Grace de Mônaco, Irene de Holanda, princesa de Bourbon-Parma, foi este ano a rainha da célebre Feira de Sevilha. E não desmereceu das antecessoras.

Com o traje tradicional, cheio de folhos e rendas e de brincos de largo anel, a princesa Irene, ao lado de seu marido, Carlos de Bourbon-Parma, pretendente ao trono de Espanha, circulou pelas ruas da capital da Andaluzia num sumptuoso coche e, graças à sua serena beleza e ao seu cativante sorriso... encantou toda a gente, mesmo os adversários do marido, os partidários do príncipe Juan Carlos.

Além do brasonado casal, afuíram, como sempre, à Feira de Sevilha muitas outras celebridades. Entre elas, Orson Welles. Com a sua paixão pela Espanha, o grande cineasta não perde nunca a maior das «fiestas» do povo andaluz. E por lá esteve. Enorme, gordo, sarcástico e feliz. E acompanhado da filha, Beatrice, uma graciosa criaturinha de 9 anos que não mastiga «chiclets» e adora os touros de morte.



OS PRIMEIROS MORADORES-PROPRIETÁRIOS DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS RECEBERAM AS CHAVES DE SUAS CASAS

Há um ano, a Icesa — Indústrias de Construção e Empreendimentos — iniciou em Santo António dos Cavaleiros um novo núcleo urbano, localizado a dois quilómetros de Loures e a dois quilómetros e meio de Lisboa. Os processos mais modernos da industrialização da construção foram postos em prática pela empresa, que para isso se rodeou dos mais competentes técnicos.

Os resultados de tal actividade estão exuberantemente evidenciados pelo que já se pode admirar na nova zona residencial e foram agora postos em singular relevo ao fazer-se, em acto presidido pelo sr. Joaquim Dias de Sousa Ribeiro, presidente da Câmara Municipal de Loures, a entrega das chaves aos primeiros moradores-proprietários de Santo António dos Cavaleiros.

Na verdade, no curto espaço de tempo já referido, a Icesa transformou uma propriedade rural numa autêntica pequena «cidade» onde, a par das construções de imóveis — imponentes e de características invulgares — se procedeu a um arranjo urbanístico e paisagístico com características inéditas entre nós: há excelentes zonas verdes, as residências dos primeiros moradores são rodeadas por belos arruamentos já na sua parte definitiva e estão aptas a funcionar as redes de esgotos, luz e água, assim como o aglomerado habitacional dispõe de uma central de gás butano com rede de distribuição para cada casa.

No que se refere ao conforto e aprazimento que desde o início Santo António dos Cavaleiros proporciona já aos seus primeiros moradores merece particular destaque o facto de haver, devidamente resguardados e com excelente aspecto, locais para entretenimento das crianças, assim como logradouros reservados aos adultos. Um centro comercial vai funcionar dentro em breve e, em Outubro próximo, as crianças de Santo António dos Cavaleiros disporão de duas salas de aulas.

Essas realizações levaram o presidente do Município de Loures a classificar a obra como gigantesca, pois cumpre um programa social e constitui um exemplo de amor ao próximo, aludindo ao facto de as residências serem vendidas em excelentes condições, quer através das Caixas de Previdência, quer a não beneficiários. Por seu turno, discursando também no acto da entrega das chaves, o vice-presidente do Conselho de Administração da Icesa, sr. eng.º Manuel Joaquim Monteiro de Barros, manifestou regozijo por a sua empresa ter cumprido todas as obrigações que a si própria impusera e evidenciou que a entrega das chaves correspondia à satisfação de um sem número de grandes e pequenas aspirações e necessidades que a partir daquele momento passavam a estar efectivamente cumpridas.

Ao fundo, à esquerda, prédios já em construção; em frente, imóveis em acabamento — imagem de Santo António dos Cavaleiros que serviu de cenário à cerimónia para entrega das chaves aos primeiros moradores do novo centro populacional, e na qual vemos o eng.º Monteiro de Barros, vice-presidente do Conselho de Administração da Icesa, quando discursava



O sr. eng.º Manuel Joaquim Monteiro de Barros, vice-presidente do Conselho de Administração da Icesa, quando procedia à entrega da chave a um dos primeiros moradores de Santo António dos Cavaleiros



▲ No cenário já oferecido pelo casario de Santo António dos Cavaleiros, que serve de pano de fundo, o presidente da Câmara Municipal de Loures, sr. Joaquim Dias de Sousa Ribeiro, presta homenagem à obra da Icesa, durante a sessão para entrega das chaves aos primeiros moradores daquele núcleo habitacional



aprenda
fácilmente
RÁDIO
ELECTRÔNICA
e
TELEVISÃO



Com a garantia de

RÁDIO ESCOLA

ÁLVARO TORRÃO

Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha)
Telefone 53 67 52 Lisboa

DESDE 1947

A mais antiga do género no País

O mais fácil e agradável processo de aprender os segredos da rádio, da electrónica e da televisão da maneira menos dispendiosa e com resultados garantidos

PEÇA O FOLHETO INFORMATIVO GRATIS

Queiram enviar-me o Folheto do Curso de Rádio, Electrónica e Televisão

NOME

MORADA

LOCALIDADE

RÁDIO ESCOLA S. I.-13-5-1967

HUMOR

PARA O FIM DE SEMANA

por **Carlos Pinhão**

FIM DE SEMANA COM A MORTE (...de Asdrúbal)

— Já viste o «Fim de Semana com a Morte»?

— De quem?

— Do António Vilar.

— Morreu?... Coitadinho!...

— Não morreu. Fez um filme.

— Ah, coitadinho!...

— Mas viste?

— Não. Tive outro fim de semana com outra morte.

— Estás de luto?

— Estou. Morreu o Asdrúbal.

— Qual Asdrúbal?

— Um que ainda era vagamente meu primo.

— Não me lembro. Pelo menos, assim, pelo nome...

— Pois, é. Esse foi todo o drama da vida dele.

— Qual drama?

— Esse de ninguém o conhecer pelo próprio nome.

— Qual nome?... O Asdrúbal?

— Esse mesmo.

— Não ficou a perder nada, não achas?

— Por mim, acho.

— É um nome feio.

— Pois é, mas ele tinha uma fêzada extraordinária no Asdrúbal e sentia enorme desgosto de ninguém o tratar por esse nome.

— Mas por que não o tratavam por Asdrúbal? Também não custava nada fazer a vontade ao rapaz...

— Olha que custava, custava um bocadinho, pelo menos, em criança.

— Realmente, Asdrúbal não é nome que se chame a uma criança.

— Chamavam-lhe «Dru-Dru»... — O que também é muito chato, convenhamos.

— Ele, assim que ganhou entendimento, afinava à brava com essa história do «Dru-Dru».

— Ai, dou-lhe razão. «Dru-Dru», francamente!...

— Foi crescendo, foi para a escola...

— Ai, certamente, não lhe chamavam «Dru-Dru»...

— Não, mas tratavam-no pelo número. No liceu, a mesma coisa. Na tropa, a mesma coisa.

— Embarro com isso de se tratar pessoas por números.

— Ele, então, odiava.

— Começo a ter uma certa simpatia pelo teu Asdrúbal que Deus haja.

— Amen!...

— Mas nunca por nunca o trataram por Asdrúbal?

— Muito raramente. Bem vês, o pai dele, o Monteiro, era uma pessoa muito conhecida e muito estimada lá no bairro, de maneira que as pessoas de família...

— Sim, sim, essas chamavam-lhe «Dru-Dru», já sei, mas as outras, as que não eram da família?

— Essas chamavam-lhe ou «o filho do Monteiro» ou o Monteiro Júnior ou ainda, o Monteiroinho.

— Pouca sorte a do teu amigo, realmente. Que a terra lhe seja leve!...

— Obrigado em nome da família.

— Bolas para essa família!...

— Mas olha que, com a outra família, ele não teve mais sorte.

— Qual outra?

— Casou, não é, e poderia ter sido até muito feliz, se não fosse essa mágoa constante de ninguém lhe chamar Asdrúbal.

— Então, a mulher?

— Chamava-lhe «querido».

— Teve filhos?

— Chamavam-lhe papá...

— De certo, entretanto, criou novas relações...

— O que ele criou foi novas relações. De facto, com o casamento, mudou de bairro, porque, naquele, nunca mais deixaria de ser o Monteiroinho. Simplesmente, no bairro novo, a mulher é que era muito conhecida e muito estimada e ele passou a ser, simplesmente, «o marido da Luízinha». Quando levava o filho à escola, chamavam-lhe «o pai do Jorginho». As famílias das colegas da filha chamavam-lhe «o pai da «Miquinhas». Os colegas do emprego, por não saberem pronunciar-lhe bem o nome, chamavam-lhe o «Drucas».

— Basta, basta, esse homem, de facto, tinha razão para levar uma vida amargurada.

— E levou, coitado. Só a morte o redimiu.

— Redimiu, como?

— Lá diz o epitáfio: «Aqui jaz o Asdrúbal».

— Custou, mas foi...

— Demasiado tarde, convenhamos...

SI DE SÁBADO A SÁBADO

LIVROS



«O CRISTIANISMO E O HOMEM CONTEMPORÂNEO»

Vive o homem atormentado de problemas, e, ao dar-se conta da asfixiante situação, duvida que assim tenha acontecido nesta época febrilmente desenvolvida de progresso técnico e científico. Nada mais verdadeiro, porém. Nada mais exacto, também, que ao próprio homem assentem quase todas as responsabilidades das inquietações que o oprimem, e que, consciente ou inconscientemente, o vão arrastando para um abismo de neuras, inevitáveis dias.

Para mostrar esse abismo aos que, no fim de tudo, desconhecem as raízes da situação em que se encontram, escreveu Jean Dujat «Le Christianisme et L'Homme Contemporain», que há semanas apareceu em tradução portuguesa de António Portocarrero (Livraria Tavares Martins, do Porto). Volume grande, de cerca de quatrocentas páginas, revela, em desenvolvimento ensaístico, a traição ou o abandono, se assim quiser chamar-se-lhe, que o homem tem feito aos princípios fundamentais da coexistência em família e sociedade. Desordem é afinal o começo e a base de tudo, pois se perderam (ou desdenharam até ao esquecimento) «os princípios filosóficos e religiosos conformes com a verdade sobre o homem, sobre o sentido da vida e do seu destino», tão indispensáveis, para «fazer nascer uma civilização nova sobre o alicerce dos princípios verdadeiros e a rejeição dos falsos princípios».

Foca e desenvolve Dujat pontos principais dos seguintes: a desordem moderna, a concepção cristã do homem e o marxismo; no capítulo «Idealismo e a desordem moderna», o fundamento e o valor do idealismo e a verdade substituída pela ideologia; de seguida, demonstra várias facetas do realismo cristão, bom assim a verdadeira noção do homem, as posições e atitudes indeclináveis, como a Caridade e a Fidelidade à Igreja. Na segunda parte, sobre Humanismo Moderno e a Vida Cristã, o A. desenvolve amplamente outros aspectos, sobre o que é da competência da Igreja e do dever do homem, com responsabilidade de quem sika, sem intervalos nem olvidos, o Cristianismo.

Está bem acima de quaisquer adjectivos «O Cristianismo e o Homem Contemporâneo».

G. de A.

CINEMA

«ANSIA DE VIVER» A REVELAÇÃO DE JOHN DEREK

Confessamos que o nome de John Derek como garantia de uma realização nada nos dizia. Vamos mesmo mais longe: levá-lo-nos a olhar com muitas reservas este seu trabalho, onde o actor acumulava ainda as funções de director e produtor independente. Até porque, não há muito tempo, Cornel Wilde, insistindo em tarefa semelhante, havia demonstrado, por A + B, que o lugar dos actores (mesmo quando mediocres, ou sobretudo nesse caso) deverá ser à frente das câmaras, nunca atrás.

Pois Ansia de Viver foi filme agradável de ver (e surpreender) e revelou-nos um John Derek consciente dos problemas que o seu continente enfrenta, concebendo, para o demonstrar, uma película inteligente, corajosa, estranha.

Situando a acção do filme numa ilha das Filipinas, durante a segunda guerra mundial, Derek delia, ao longo da obra, este rudimento de localização geográfica e histórica, procurando dessa maneira generalizar os acontecimentos ali narrados. São eles: um destacamento de americanos é completamente dizimado, pretendendo opor-se à invasão de um território por um inimigo oriental (no caso, os nipónicos). A situação é clara. O que está em causa é o Vietnam e a justificação (ou melhor: a não justificação) de uma guerra. Se não bastassem os ambientes, as referências às citações do conflito que os americanos mantêm na Ásia, bastaria notar dois pormenores: o aparecimento de um francês que não quer ajudar os americanos, solidarizando-se (ainda que interessadamente) com os indígenas, ou então uma fase da luta em que os próprios japoneses matam um dos seus, acidentalmente.

Depois, Derek dá-nos um meio ambiente górdio, uma guerra sem grandeza, num quase total alheamento por parte dos soldados americanos, que se entregam à cerveja e às mulheres, esperando, impacientes, o regresso aos E. U. A., mostrando que nada os prende a uma terra que nada lhes diz. Ursula Andrews (que foi há alguns anos mulher de Derek) desempenha no filme um papel que funciona, a um nível primário, como chamariz comercial. Mas, também aqui Derek construiu as coisas de modo a nada resultar gratuito ou artificial: Ursula será a representante de um público mal informado, uma consciência ludibriada, uma personagem que irá, pouco a pouco, por si própria, descobrindo uma torrente de violência de que, de início, lhe é vedado o conhecimento.

Plásticamente, o filme demonstra grande frescura, um sentido de ritmo e de montagem invulgares, salientando-se pelo constante recurso ao grande plano, ao plano de pormenor, ao analítico. Sem ser uma obra já madura, Ansia de Viver revelou-nos um novo realizador: John Derek. Quem diria!...

Lauro António



MÚSICA



GINO BECHI — ENCENADOR

A abertura da Trindade para uma nova temporada lírica, a cargo da Companhia Portuguesa de Ópera, criou um ambiente de expectativa. O teatro, depois das obras ali realizadas, surgiu todo em azul e ouro, bonito, sim, mas também funcional, com maiores comodidades para os espectadores e apresentando importantes melhoramentos quanto ao fosso da orquestra. Outro motivo de interesse (por certo não menor) residia no facto de a ópera de estreia ser encenada por Gino Bechi, artista mundialmente conhecido. Bechi introduziu algumas inovações na encenação da «Tosca», devendo salientar-se, sob este aspecto, o final do 1.º acto, com o «Te Deum» entoado por um coro colocado nos bastidores. As vozes, amplificadas por meio de uma instalação sonora arranjada para o efeito, davam a impressão de ecoar numa grande nave. Dos cantores-solistas destacamos Luís França, que tem uma boa criação no difícil papel de «Scarpia» e se distinguiu dos restantes pela beleza do timbre. França Como, vinda até nós em regime de intercâmbio, possui uma voz potente, embora um tanto áspera. Mas o que mais nos chocou foi a maneira como se apresentou vestida no 1.º acto e o modo como pisa o palco. O tenor João Rosa continua a impor-se pelos excelentes agudos e parece já saber controlar o volume da voz. A Orquestra de Ópera da E. N., à parte do incidente no 3.º acto, na passagem confiada aos violoncelos, actuou com dignidade, sob a regência segura de Silva Pereira. Num dos intervalos, o sr. Presidente da República descerrou duas lápides no salão nobre, justa homenagem prestada a Gino Bechi e a Tomás Alcaide.

MARIO HEITOR

TOUROS



ARMANDO SOARES
TRIUNFA NOVAMENTE NO MÉXICO

O brioso matador de touros, Armando Soares, iniciou nova campanha no México, onde, em temporadas anteriores, conquistou grandes êxitos e viva admiração pela sua arte e pelo seu valor, sobretudo, pela dignidade com que luta com os touros e os domina e mata.

Esta nova campanha começou no dia 1 do corrente, em San Luis de Potosí, e logo Armando Soares cortou uma orelha e deu voltas à arena, justamente aclamado pela finura do seu toureio e pela sua inusável valentia. Lidou touros da ganadaria Cierro Viejo, alternando com os matadores mexicanos, Manolo Martinez e Eloy Gabazos, e foi ele o triunfador da tarde. Amanhã, deve tourar na cidade de Tijuana, para inauguração da nova praça — o que bem significa o prestígio de Armando Soares no México, onde há tantos bons toureiros e constantemente afluem os matadores e novilheiros espanhóis. Está contratado para tourar, ainda este mês, as seguintes corridas: no dia 14, em Ciudad Juárez; a 21, em Torreon; a 28, em Noéles. E está em negociações para tourar nas praças «El Toreo» e «Mejico», na capital federal, onde já obteve grandes triunfos.

Se a temporada no México decorrer para Armando Soares de acordo com o primeiro êxito obtido, é natural que só lá para Junho, quando a temporada mexicana terminar, o vejamos novamente em Portugal e em Espanha.

Na gravura que publicamos, Armando Soares exhibe-se com um chapéu de vaqueiro mexicano, que um espectador lançou à arena para manifestar o seu entusiasmo, e mostra uma orelha cortada com inteiro merecimento.

DESPORTO

SÃ CAMARADAGEM

No meio de tanta e tão mal disfarçada desordem que por aí vai, com clubes a desistir das provas e a dar às desistências a maior publicidade possível, com associações e federações a bater o pé, com esbanjamentos de dinheiro e desvirtuamento (inútil) de verdades que se metem pelos olhos dentro; no meio do alarido que fazem alguns «bem intencionados» que andam pela praça pública a pugnar por moralizações e harmonias, mas que, na realidade, nada mais fazem e nada mais pretendem do que fazer a sementeira de confusões e desarmonias, no meio de tudo isto ainda há vozes que se erguem, vozes de gente bem intencionada, a fazer ouvir a linguagem dos bons princípios e a recordarmos que a sã camaradagem entre a gente do desporto ainda tem os seus baluartes.

A Académica, por exemplo, que tão empolgante luta manteve com o Benfica na discussão do título de campeão nacional de futebol, mal soube que o seu poderoso rival tinha ganho ao Belenenses e, consequentemente, fechado a renhida contenda a seu favor, imediatamente, sem sair do estádio, lhe enviou um telegrama de felicitações, simpático e sincero. Foi uma atitude de boa e sã camaradagem que todo o País aplaudiu.

Também os adeptos do Sporting não se esqueceram de tributar os seus aplausos à equipa da Académica, não obstante uns certos atritos que têm surgido nas relações entre os dois clubes, o que maior significado concede à manifestação de simpatia. Atitudes como esta aplanam muitas dificuldades de convivência, dignificam quem as pratica e reforçam o espírito de camaradagem entre a gente do desporto.

Finalmente, também de Aveiro nos chegou um belo apontamento de camaradagem desportiva. O Belra-Mar, apesar de viver uma hora de tristeza, deitou os seus males para trás das costas e fez questão de homenagear os campeões nacionais.

Tudo isto são atitudes bonitas e que se enquadram, perfeitamente, no espírito de camaradagem e de respeito que deve unir a gente do desporto.

As desavenças é que não interessam.

L. A.

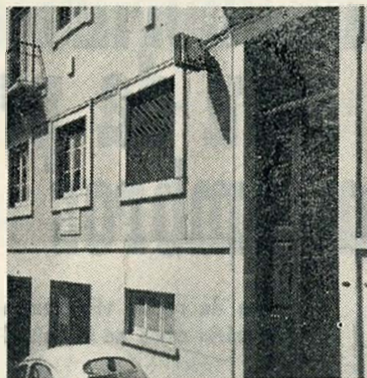
ARTE

OS DEZ ANOS DA «GRAVURA»

Comemora actualmente os seus dez anos de existência a Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses («Gravura»).

Saldo desta década? Antes de mais — e tanto bastará para se dever assinalar o aniversário —, um decisivo impulso dado à modalidade a que a cooperativa se dedica fundamentalmente: seria impossível apreciar o panorama da gravura portuguesa contemporânea sem referir, naturalmente, a contribuição dada, nesse domínio, pela associação da Travessa do Sequeiro. Graças a ela se revelou, de facto, a esmagadora maioria dos nossos gravadores actuais; sem a sua acção, não se teria estabelecido, entre estes últimos e o público, o contacto assíduo graças ao qual a gravura constitui, entre nós, talvez o principal veículo de acesso de amplos sectores à arte actual. Uma acção, aliás, que não pára: os cursos de preparação profissional promovidos pela cooperativa dão a esta uma das suas melhores justificações, e à referida actividade artística uma garantia única de continuidade.

Críticas? Pode apontar-se, é certo, uma insuficiente capacidade de realização, uma certa inércia mesmo, quando se atenta no programa realizado e no ritmo das exposições da «Gravura», embora algumas de importância se lhes deva já — e embora a dificuldade, neste ponto, não resida apenas em critérios de acção, mas também numa pobreza de instalações que importaria suprir. De qualquer forma, saúde-se a «Gravura», neste aniversário.



POLÍTICA

DE GAULLE E A OPOSIÇÃO



O general De Gaulle resolveu lançar aos seus adversários, na Assembleia Nacional, um desafio que está na linha da sua tradição. Como a oposição se mostra agressiva e os seus partidários se mostram hesitantes, encontrou a fórmula de obrigar uma e outros a definir, com clareza, a sua posição. Para tanto o chefe do governo, Pompidou, pediu na Assembleia poderes a fim de até 31 de Outubro, elaborar os planos de reforma social que o governo se propõe decretar. Se esse pedido for deferido, o Parlamento, recentemente eleito, entrará em férias, as quais durarão cinco meses.

A oposição respondeu anunciando que apresentará uma moção de censura quando o caso for debatido e não podia, sem risco de perder o crédito, fazer outra coisa. O chefe da Federação das Esquerdas, Mitterrand, improvisado chefe dessa oposição, está encarregado de tal missão, de duvidosos resultados. Conta ele que os novos deputados, que são em número elevado, não se resignem a aceitar uma decisão que corresponderia à anulação temporária da sua função e lhes faria perder prestígio junto do eleitorado que acaba de lhes dar prova de confiança.

De Gaulle confia em que os deputados não ousarão correr o risco da dissolução da Assembleia, o que os obrigaria a apresentarem-se de novo perante o corpo eleitoral. Para estes seriam, portanto, os encargos de uma nova campanha, do tempo perdido e das despesas a fazer. Hesitarão duas vezes antes de enveredar por tal caminho. O chefe do Estado tem poderes constitucionais para dissolver a Assembleia e marcar novas eleições. Além disso, De Gaulle costuma ter no seu arsenal político um instrumento de pressão sobre o Parlamento que até agora se mostrou eficaz. É o apelo para a nação, por cima dos parlamentares, o plebiscito que a Constituição lhe garante como recurso supremo para as dificuldades naturais em que se encontra por vezes. Sempre esse recurso lhe deu resultado satisfatório. Embora, com mais dificuldade, é provável que desta vez ainda lhe permitisse continuar a governar a França sem sair da legalidade.

NA CORRIDA DA FEIRA DE GADOS
DE VILA FRANCA DE XIRA

LUÍS MIGUEL DA VEIGA

obteve
um enorme triunfo
e saiu da praça
em ombros

O progresso da região vila-franquense, tanto no sector agro-pecuário como no industrial e turístico é surpreendente.

Vila Franca de Xira já tinha duas grandes festas e feiras anuais: a do Colete Encarnado, e a de Outubro — a primeira um colorido cartaz de turismo de repercussão mundial; a segunda, uma das maiores feiras do Ribatejo. Pois, agora, por iniciativa do presidente da Câmara Municipal, sr. dr. Jaime Marques Simão, voltou a realizar-se a Feira de Gados, e com tamanho êxito, que já no próximo ano não será só de um dia, mas de dois ou três.

Na verdade, ao Campo do Cavaleiro, afluíram no domingo, durante o dia e a noite, milhares e milhares de forasteiros, que admiraram centenas de exemplares de gado cavalor, muar, bovino e asinino — uma autêntica parada de belos animais que bem demonstraram o progresso pecuário da região. Efectuou-se um «raid» hípico, no qual se classificaram em 1.º, 2.º e 3.º lugares, respectivamente, os srs. tenente Pimenta da Ga-

ma, Miguel de Castro Vanzeller e Miguel Alves Rosa. O sr. presidente do Município ofereceu um almoço aos concorrentes e a outras entidades. A comissão de remonta da G.N.R. fez muitas compras de cavalos.

Para que o êxito da feira fosse completo, contribuiu em larga medida a corrida de touros à portuguesa que se realizou na Praça «Palha Branco», com grande concorrência de público. Lidaram-se

touros do sr. dr. Norberto Pedroso, sempre ideais para corridas daquele género, bem apresentados em corpo e poder. Manuel Conde lidou o 1.º, que era o mais corpulento, e a sua actuação foi brilhante, cravando três excelentes farpas compridas, e depois, em lida movimentada e artística, três curtas, com eltes e entradas de frente, sempre com o touro bem ligado ao cavalo. Correia de Barros, do Grupo de Forcados Amadores de Santarém, fez uma valente pega, dando ao touro todas as vantagens e bem auxiliado pelo rabejador Dias de Almeida. No final, cavaleiro e forçados deram volta à arena.

No 4.º da tarde — um touro de belo tipo e muito amorilhado, mas com investida que roubava brilho às sortes, Manuel Conde teve uma actuação certa, do ponto de vista tauromáquico, na qual se destacaram um estupendo sêgo e uma vistosa sorte de

«violino». Para a pega o touro entrou muito duro, e Rui Souto Barreiros (que substituiu no comando do grupo Ricardo Rhodes Sérgio, impedido por doença) teve de desistir ao cabo de cinco tentativas. O touro foi pegado de cernelha por José Pereira e Joaquim Abreu. Conde, Rui e os dois cernelheiros foram premiados com volta à arena.

Melhor tipo ainda do que os anteriores tinha o 2.º da tarde, que José Mestre Baptista recebeu com um ferro em sorte por dentro. O touro espinho-teou, a revelar falta de bravura; mas Baptista, em sortes bem desenhadas, citando de frente, cravou mais duas compridas e duas curtas que ficaram dianteiras porque o touro se defendia. Porque o touro entrou duas vezes mal, a mandar alto as cornadas, António Lopes Aleixo só à terceira tentativa realizou a pega, dessa vez com facilidade. Volta à arena para cavaleiro

UM LUZIDO GRUPO DE CAVALEIROS JOVENS, FILHOS DE LAVRADORES DA REGIÃO VILA-FRANQUENSE

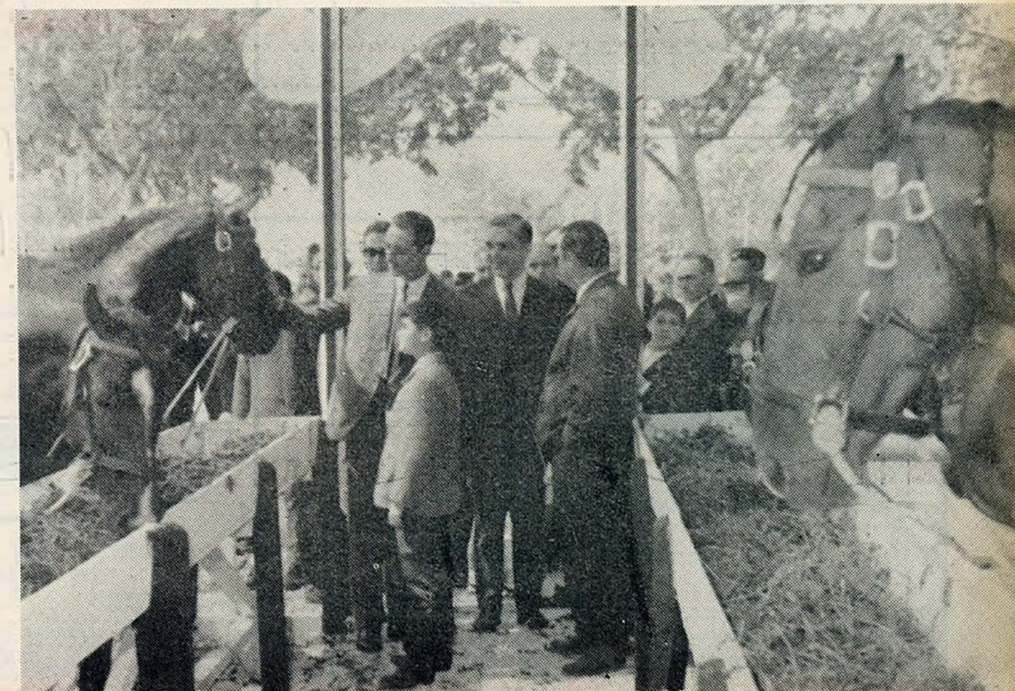
LUÍS MIGUEL DA VEIGA, O TRIUNFADOR DA CORRIDA DE VILA FRANCA

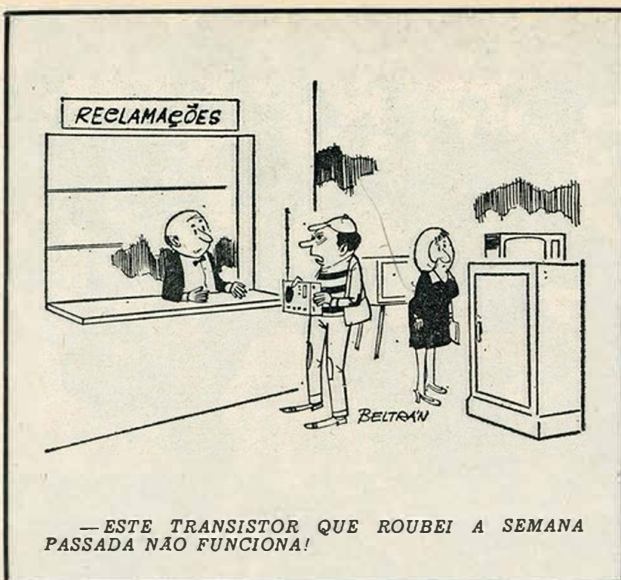
O PRESIDENTE DA CÂMARA DE VILA FRANCA, SR. DR. JAIME MARQUES SIMÃO, DURANTE A VISITA À FEIRA DE GADOS

e forçado. No 5.º da tarde, José Mestre Baptista esteve mal, porque o touro era manso e o cavaleiro, querendo fazer toureio de frente, não conseguiu sair a limpo de nenhuma sorte. Não demorou muito o aborrecimento do público, porque José Carrilho Landeiro fez uma pega extraordinária, de arte e de valor; o que lhe valeu aclamação e volta à arena.

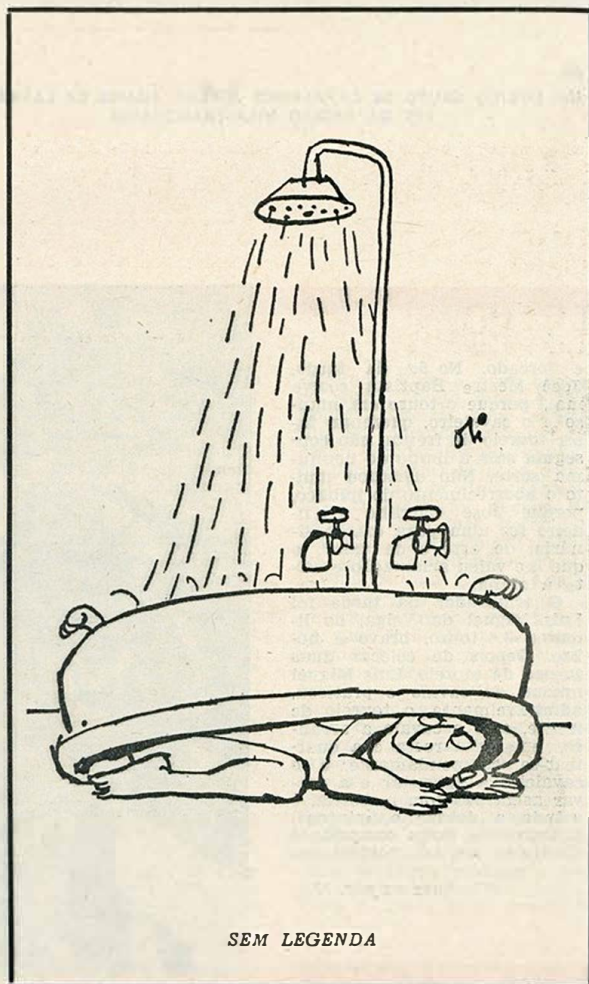
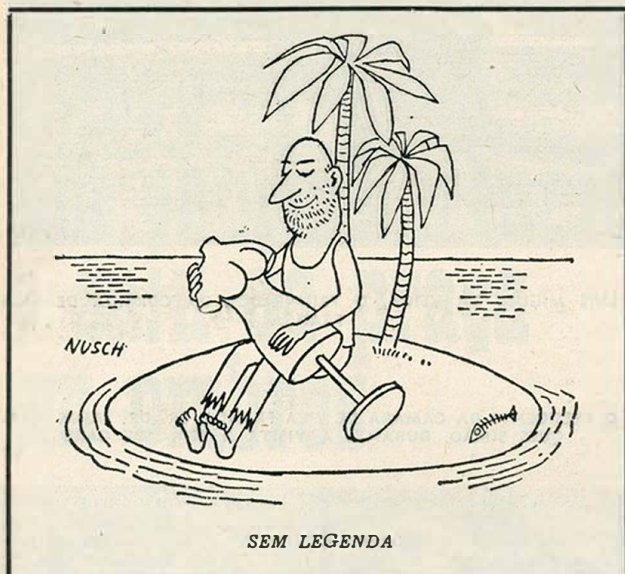
O triunfador da tarde foi Luís Miguel da Veiga, ao lidar o 3.º touro, bravo e nobre. Depois de colocar duas farpas de tentelo, Luís Miguel mudou de cavalo e praticou, admiravelmente, o toureio de frente, com o cavalo a arrancar em linha recta e a quebrar-se estupendamente e o cavaleiro a aguentar e a cravar as farpas com maestria, e saindo a dobrar o «pinton». Cravou uma farpa comprida e quatro curtas, em ambiente de

(Continua na pág. 33)





HUMOR





UMA DAS RIJAS PEGAS QUE OS ALUNOS DO LICEU DE GIL VICENTE FIZERAM NO CAMPO PEQUENO

A GARRAIADA DOS ESTUDANTES DO LICEU GIL VICENTE

MAISS uma garraiaada de estudantes — desta vez os do Liceu de Gil Vicente — se efectuou no Campo Pequeno. A lida a cavalo esteve a cargo de três amadores muito conhecidos e sempre aplaudidos: Frederico Cunha, a quem coube um touro cornialto e manso, fez-se aplaudir pelo empenho e arte que empregou para obter êxito. Manso e fugidio era também o que Luis Somner de Andrade enfrentou, mas também sem conseguir triunfar. Vítor Ribeiro é que alcançou um triunfo memorável na sua carreira. O touro cumpriu, e Vítor Ribeiro marcou arte em excelentes preparações e na execução de três lances de grande relevo, com farpas compridas e uma curta de enorme expressão. Mudou de cavalo, cravou outra estupenda curta, e, a pedido do público que o ovacionava com entusiasmo e já ao som da música, mais outra. A lida terminou em autêntica apoteose.

Nas pegas, Domingos Barrosa e Carlos Anacleto, de cernelha, e José Figueiredo e José Barroca, de caras, obtiveram êxitos também assinalados com voltas à arena. Na lida apeada, Henrique Carvalho Dias, Alfredo Esgueira e Vasco Lourenço actuaram com decisão, distinguindo-se o último. Os números cómicos também provocaram agrado e hilaridade na assistência.

VILA FRANCA DE XIRA

(Continuado da pág. 31)

delirio, com o cavaleiro a fazer a demonstração de que atingiu um dos mais altos lugares no toureio equestre. António Manuel Pinto foi derrotado duas vezes e levado à enfermaria, porque o touro era difícil para um inexperiente. Foi Mário Brilhante quem, com valentia e saber, pegou o touro à segunda tentativa. No final, aclamadíssimo, Luis Miguel da Veiga deu duas voltas à arena (uma delas acompanhada por Brilhante) e ainda recebeu grande ovacão nos médios.

O 6.º e último touro da tarde mostrou tendência para se adiantar ao cavalo, dificultando a acção do cavaleiro; mas este não se perturbou, e, dispensando o auxílio dos peões, esteve admirável a preparar as sortes, confirmando a classe revelada na lida do touro anterior. O espectáculo terminou com uma pega espectacular de João Mendes de Almeida. Depois de darem voltas à arena, Luis Miguel da Veiga e Mendes de Almeida saíram da praça aos ombros de espectadores e seguidos de grande multidão.

SOFREU AMPUTAÇÃO?

USA PRÓTESE DEFICIENTE?



Tem garantida a sua inteira recuperação na ORTOPEDIA UNIVERSAL, a empresa da especialidade que tem demonstrado na prática e proficiência da actual técnica de prótese ortopédica.

Assure-se do valor da extraordinária evolução dos sistemas de PER-

NAS E BRACOS ARTIFICIAIS E APARELHOS ORTOPÉDICOS, quando bem executados e adaptamos, consultando:

ORTOPEDIA UNIVERSAL — Rua das Fontainhas, 175 — Tel. 3 77 33 PORTO

no hazar dos GRANDES ARMAZENS DO CHUDO

MINI MODELOS



CONSTRUÇÕES
COMBIC
-ELECTRIC
BRINQUECOS
CIENTÍFICOS
PAR OITO ANOS - 110 - 120 - 130 - 140 - 150 - 160 - 170 - 180 - 190 - 200 - 210 - 220 - 230 - 240 - 250 - 260 - 270 - 280 - 290 - 300 - 310 - 320 - 330 - 340 - 350 - 360 - 370 - 380 - 390 - 400 - 410 - 420 - 430 - 440 - 450 - 460 - 470 - 480 - 490 - 500 - 510 - 520 - 530 - 540 - 550 - 560 - 570 - 580 - 590 - 600 - 610 - 620 - 630 - 640 - 650 - 660 - 670 - 680 - 690 - 700 - 710 - 720 - 730 - 740 - 750 - 760 - 770 - 780 - 790 - 800 - 810 - 820 - 830 - 840 - 850 - 860 - 870 - 880 - 890 - 900 - 910 - 920 - 930 - 940 - 950 - 960 - 970 - 980 - 990 - 1000

SIGNOS

SEMANA DE 14 A 20 DE MAIO



CARNEIRO

21 DE III A 20 DE IV
Preste a necessária atenção à sua vida no lar. Acautele o seu sistema nervoso, fugindo de situações que possam perturbá-lo. Não tome compromissos e pondere bem todas as suas acções. Necessita entregar-se, com dedicação, às actividades que possam, entretanto, contribuir para a estabilidade da sua vida. Vida física a controlar.



TOURO

21 DE IV A 21 V
Tem de prestar toda a atenção às suas inimizades e a tudo quanto possa interferir negativamente no acurcio da sua personalidade. Corrija os seus defeitos, evite comentários irritantes ou críticas desagradáveis. Será bom que não tome compromissos e que oriente convenientemente a sua vida. Procure não se entregar à vida de prazeres imoderados.



GÊMEOS

22 DE V A 21 DE VI
O melhor que tem a fazer é afastar-se de contactos indesejáveis, repousar o seu espírito e esperar melhores oportunidades. Oriente a sua vida económica. Tudo quanto possa contribuir para o desequilíbrio da sua vida financeira ou para o seu desprestígio, tal como decisões bruscas ou discussões, deve ser evitado. Procure analisar o seu raciocínio.



CARANGUEJO

22 DE VI A 21 DE VII
Esteja de sobreaviso contra influências que pretendam fazer diminuir o seu valor na sociedade. Procure manter o seu equilíbrio e não se deixe levar pelos outros. Fará sobressair a sua personalidade, desde que saiba cuidar dos seus próprios interesses. Encontra-se a dominar e a controlar a situação que o faz variar constantemente de temas. Procure dominar as suas reacções.



LEÃO

22 DE VII A 22 DE VIII
Pode ser levado a cometer certas imprudências de ordem sentimental que acabariam por deixar-lhe o espírito intranquilo. É necessário proteger-se contra o sexo oposto e cuidar mais atentamente do seu lar. Procure não abusar das suas possibilidades e evite os aborrecimentos ou contrariedades que uma actuação menos ponderada viria a originar.



VRGEM

23 DE VIII A 22 DE IX
Preste a devida atenção aos seus deveres e faça o possível por não se sujeitar a críticas. Nem tudo lhe correrá pelo melhor e há que ter muita atenção nos assuntos sentimentais. As deslocações não são de aconselhar e tem todo o interesse em manter um clima agradável entre os seus familiares. Há que acautelear-se de certos indivíduos que não desejam favorecer-lhe.



BALANÇA

23 DE IX A 22 DE X
Atenção às inimizades mas, mais ainda, às atitudes que possa tomar e o possam desclassificar. Correntes de sentido oposto proporcionam, por um lado, vantagens no campo sentimental e muitas satisfações espirituais, aliadas a grande actividade cerebral, enquanto deve recelar, ao mesmo tempo, prejuízos.



ESCORPIÃO

23 DE X A 21 DE XI
A sua vida poderá ser bastante mais tranquila e conseguirá evitar certas preocupações constantes se souber resistir às tentações que o fazem preferir divertimentos e prazeres espirituais em detrimento dos seus deveres. Procure aplicar-se à solução vantajosa das dificuldades que tenha de enfrentar, em vez de se abster de encarar de frente. Proteja-se.



SAGITÁRIO

22 DE XI A 21 DE XII
A semana parece apresentar tendências para perturbar o bom equilíbrio da sua vida orgânica. Vigie atentamente a sua saúde, não cometendo excessos de qualquer natureza, pois o momento é propício à debilidade física. Acautele, também, os seus interesses pecuniários, não entre em discussões e fuga à influência dos inimigos ocultos.



CAPRICÓRNIO

22 DE XII A 20 DE I
Preste toda a atenção a tudo quanto possa prejudicar a sua vida fisiológica. Prazeres fáceis e gosto pela vida fácil, em detrimento dos seus deveres imediatos. Semana bastante prejudicial à sua economia ocasional e também desequilíbrios na sua vitalidade e cria um ambiente de utopia contra o qual deve lutar com todas as suas forças. Evite comentários desnecessários ou irreflectidos.



AQUÁRIO

21 DE I A 19 DE II
Cautela com as suas sociedades ou com as ligações de qualquer espécie que mantenha com os outros. Evite os conflitos. Seja leal para com os outros. Procure não intervir em negócios ou discussões que lhe não digam absolutamente respeito. Seja prudente com os actos que possam interferir, de forma negativa, na sua situação profissional ou social.



PEIXES

20 DE II A 20 DE III
A sua mente não se encontra muito favorecida e pode levá-lo a cometer actos imprudentes, originando o desequilíbrio do sector financeiro da sua vida. Procure dominar o seu sistema nervoso e não tome atitudes que possam ser mal interpretadas. E também de recelar que surjam complicações na sua vida fisiológica, convido que tenha todos os cuidados com o seu regime.

CABELEIREIRO SALÃO ROSSIO

O MAIS CENTRAL DE LISBOA
Todos os trabalhos executados com perfeição e rapidez
MANICURE — MASSAGISTA — PEDICURE
Rossio, 93, 1.º, 3.º.º Telefone 32 64 31

RECREIE-SE... VALORIZANDO-SE!

FÉRIAS ESTÁGIOS NO ESTRANGEIRO

EM 10 PAÍSES • TODAS AS IDADES • VÁRIOS NÍVEIS
Diversas épocas (Verão, Natal, Páscoa) e durações

Consulte:

GABINETE DE ESPECIALIZAÇÃO TÉCNICA

Av. Visc. Valmor, 77, 1.º, Fr. - LISBOA-1 - 772154 / 768877



MÓVEIS CONFIANÇA

— COLCHÕES —
MOLAFLEX — AÇOFLEX
LUSOSPUMA

Qualquer destes colchões podem ser vendidos a 100\$00 mensais, sem entrada. Basta telefonar para 468 60.

Av. 5 de Outubro, 55

COMUNICADO DE FUTURO SÓ É CALVO QUEM QUER

A CURA DA CALVÍCIE É UMA REALIDADE...

Mal tenha sintomas de calvície, dirija-se imediatamente a Gouveia, que resolve o seu problema, seja em caso for. Não perca tempo, Gouveia cabeleireiro é uma sentinela alerta dos vossos cabelos

Todos os tratamentos são feitos na nossa casa NÃO ESCRIVAM

CABELEIREIRO GOUVEIA

Alameda Afonso Henriques, 27, 1.º, Dto. — Telef. 55 64 34 — Lisboa

SOFAS - CAMA A. C. 2 800\$00

10 ANOS DE GARANTIA
(COM CERTIFICADO)



RUA DOS PAIS DE S. BENTO, 58-60 — TELEFONE 67 85 86
RUA DO SOL, AO RATO, 49 — TELEFONE 68 14 37

MÁQUINAS DE TRICOTAR FRANCESAS

REVOLUCIONÁRIAS E SIMPLES



Mesa desmontável e mala estojo próprias

Escolas de tricoto e assistência grátis

TROCA e PRESTAÇÕES DESDE 15\$800

Demonstrações também nos G. A. Chlado

Sede: Rua de Santa Marta, 79 — Telef. 73 49 28 — LISBOA

Envie-nos esta tira e receberá documentação ERKA grátis

PAULO VI em Fátima

*"Queira Deus que este quadro do Mundo
nunca mais venha a registar lutas,
tragédias e catástrofes, mas sim as conquistas
do amor e as vitórias da paz"*





FÁTIMA 1967

A peregrinação do PAPA PAULO VI

O

Cinquentenário das Aparições de Fátima foi comemorado com uma manifestação de fé popular, que reuniu na Cova da Iria uns dois milhões de peregrinos. Maior, entre todos eles — e, ao mesmo tempo, o mais humilde de todos, por sua expressa vontade —, o Papa Paulo VI foi o centro das atenções de todas as solenidades, o pólo galvanizador das correntes de multidão que acorreram ao Santuário, vergadas ao peso de dolorosas penitências, que a si se impuseram, dramáticas na simplicidade da sua fé, transcendentais em imagem patética de uma multidão que reza em conjunto, que acredita nos mesmos dogmas, que se prostra perante as mesmas imagens.

A IRMÃ LÚCIA



UMA DAS FIGURAS CENTRAIS DAS CERIMÓNIAS DO CINQUENTENÁRIO DE FÁTIMA FOI, COMO NÃO PODIA DEIXAR DE SER, IRMÃ LÚCIA, O ÚNICO AINDA VIVO DOS TRÊS PASTORINHOS A QUEM, EM 1917, SURTIU A VIRGEM MARIA. PAULO VI DEU-LHE A BÊNÇÃO E DIALOGOU COM ELA DURANTE ALGUNS MOMENTOS

PAULO VI, o Papa da Paz — o Papa, talvez mais dos homens, do que do Céu, veio a Portugal. Foi a primeira vez que um Sumo Pontífice visitou a nossa Terra de Santa Maria, a primeira visita a um país europeu de um dos sucessores de S. Pedro.

Foi a um pequeno aeródromo militar que coube a honra de receber o Papa. Monte Real — ligado à História portuguesa pelo hábito que a Rainha Santa Isabel tinha de frequentar as suas termas — foi a pri-

meira terra portuguesa a receber a figura suprema da cristandade. Paulo VI desembarcou sob uma batega enregelante, com um sorriso aberto, mas não sem um rictos marcado de preocupação. Era um peregrino mais, mas um peregrino recebido com as honras de Chefe de Estado, que lhe cabem.

Com o sr. almirante Américo Thomaz, trocou apenas um aperto de mão, dispensando o beija-mão, devido ao Sumo Pontífice: São dois chefes de Estado que se encontram, no ini-

cio da visita que um efectua, como um homem, entre os homens («Viemos como peregrino» — disse Paulo VI, ao anunciar a viagem a Portugal).

A multidão aplaude. Trocam-se saudações. O Sumo Pontífice explica a sua presença:

Desta abençoada Terra de Santa Maria partiu, no passado, para as regiões mais remotas do mundo, uma generosa plêiade de arautos do Evangelho. Para ela conflui, no pre-

sente, de toda a parte, uma piedosa multidão de peregrinos.

Nós também viemos como peregrino. É Nosso ardente desejo render homenagem filial à excelsa Mãe de Deus, na Cova da Iria. Para lá encaminharemos agora os Nossos passos, com espírito de oração e de penitência, para suplicar a Nossa Senhora de Fátima que faça reinar na Igreja e no mundo o inestimável bem da paz.

A MISSA

E A BÊNÇÃO

DEPOIS é a marcha para Fátima. Pouco mais de quatro dezenas de quilómetros, mas lentos, porque Paulo VI insiste em fazer a caminhada em pé, muito embora a estrada esteja quase solitária: toda a gente está em Fátima, onde, às 10 horas, a notícia da aterragem do avião papal, transmitida pelos altifalantes do Santuário, provoca uma onda de manifestações de júbilo, com a multidão a vitoriar o nome do Santo Padre.

Ao longo do trajecto seguido pelo cortejo há festas apressadamente colocados, aqui e ali, um dístico de saudação. Gente que lança aclamações e apesar da proibição, braçadas de pétalas de flores.

Leiria está em peso nas ruas. Uma breve paragem em que o Pontífice nem chega a sair do carro para receber as chaves em ouro da cidade e uma mensagem implorando «copiosas bênçãos para o povo do concelho».

Novamente a estrada quase deserta. Mas a mul-

tidão começa a surgir, adensa-se a cada quilómetro que o cortejo se aproxima do Santuário.

E chega assim o momento maior: Paulo VI entra no recinto do Santuário pela Cruz Alta. Vem de pé no carro, sorrindo sempre e acenando à multidão num largo gesto, como que a envolver todos os peregrinos num mesmo abraço fraternal. Agitam-se lenços brancos, num milhão de mãos, que tantos eram os crentes reunidos só na vas-

ta praça; de um milhão de peitos elevam-se as aclamações e os hinos: «Benvindo, benvindo o que vem em nome do Senhor». E só a muito custo os cordões policiais contêm aquele mar humano. Todos querem tocar Sua Santidade, ouvir-lhe uma palavra. O carro pontifício vê-se forçado a deter-se repetidamente, a marcha é cada vez mais lenta. As últimas dezenas de metros, até chegar à tribuna especialmente levantada, foram quase um milagre.

SEGUE



ACOLITADO PELOS BISPOS DE LEIRIA E DE PORTO AMÉLIA, O PAPA PAULO VI REZOU A MISSA EM PORTUGUÊS. ACIMA O VEMOS NO MOMENTO EM QUE LANÇOU A BÊNÇÃO À MULTIDÃO QUE SE COMPRIMIA DIANTE DO SANTUÁRIO

O PAPA COM O CHEFE DO ESTADO



APÓS A MISSA, O SUMO PONTÍFICE RECEBEU EM AUDIÊNCIA ESPECIAL O CHEFE DO ESTADO. SR. ALMIRANTE AMÉRICO THOMAZ, SUA ESPOSA, FILHAS E NETOS

O Papa saúda a multidão e esta como que entra em transe, grita, reza, canta. O sr. Presidente da República, o Governo, altas figuras portuguesas, membros de casas reinantes, quase um milhar de jornalistas, cerca de oitocentos prelados, ocupam as tribunas.

Em baixo há a fé e a esperança. São os que vieram de longe, os que jornadaaram pelos caminhos de Portugal a pé, de joelhos, de rastros para chegarem à Cova da Iria, os que vieram em macas, em ambulâncias, ao colo dos familiares a implorarem uma cura, a pedirem uma benesse, a suplicarem uma intercepção divina.

A COMPANHAM a missa que o Papa celebra em português. A homilia, Paulo VI define a sua presença em Fátima:

«Vós sabeis quais são as Nossas intenções especiais, que desejamos caracterizem esta peregrinação. Vamos recordá-las aqui, a fim de que inspirem a Nossa oração e sejam luz para todos aqueles que Nos ouvem.

A primeira intenção é a Igreja: a Igreja una, santa, católica e apostólica. Queremos rezar, como dissemos,

pela sua paz interior. O Concílio Ecuménico despertou muitas energias no seio da Igreja, abriu perspectivas mais largas no campo da sua doutrina, chamou todos os seus filhos a uma consciência mais clara, a uma colaboração mais íntima, a um apostolado mais activo. Queremos firmemente que tão grande benefício e tão profunda renovação se conservem e se tornem ainda maiores. Que mal seria, se uma interpretação arbitrária e não autorizada pelo magistério da Igreja transformasse este renascimento espiritual numa inquietação que

desagregasse a sua estrutura tradicional e constitucional, que substituisse a teologia dos grandes Mestres por ideologias novas e particulares que visam a eliminar da norma da fé tudo a quilo que o pensamento moderno, muitas vezes falto de luz racional, não compreende e não aceita, e que mudasse a ânsia apostólica da caridade redentora na aquiescência às formas negativas da mentalidade profana e dos costumes mundanos. Que desilusão causaria o nosso esforço de aproximação universal, se não oferecesse aos Irmãos Cristãos, ainda de nós separados, e aos homens que não possuem a nossa fé, na sua sincera autenticidade e na sua original beleza, o património de verdade e de caridade, de que a Igreja é depositária e distribuidora?».

Depois a comunhão. O próprio Sumo Pontífice a distribuiu a cinquenta peregrinos escolhidos sem distinções sociais. Chovia novamente em Fátima. Bâtega intensa que à bênção se desvaneceu. Eram três centenas os doentes, três centenas de corpos sofredores, mas cheios de esperança.

TERMINADA a missa, Paulo VI falou uns momentos com Lúcia, a única sobrevivente dos videntes de Fátima, especialmente autorizada a interromper a sua clausura para participar nas cerimónias. Ninguém lhe daria os sessenta anos que conta. Sorria muito, alegrou-se daquela presença que desde criança sempre desejara. O Papa falou com ela durante três minutos, ofereceu-lhe uma medalha, foi apresentado aos seus familiares. Paulo VI levou-a até à tribuna, mostrou-a aos peregrinos. Os aplausos pareciam não terminar.

Os cânticos tinham começado. A imagem da Virgem de Fátima retomava o caminho da capelinha das aparições. O Pontífice recolheu aos seus aposentos após um adeus emotivo aos peregrinos.

AUDIÊNCIA AO SR. PRESIDENTE DO CONSELHO

A LMOÇOU tardia-
mente, sozinho.
Descansou u n s
momentos. Rece-
beu, mais tarde,
as visitas rápidas dos srs.
Presidentes da República e
do Conselho e algumas ou-
tras individualidades, o
episcopado português, o
corpo diplomático.

O regresso a Monte Real,
foi novamente feito por es-
tradas quase desertas. A
debandada começara — o
itinerário do Papa era
mantido livre pelas autori-
dades. Cinco minutos de
paragem na Batalha: Pau-
lo VI quis ver o mais sig-
nificativo dos monumentos
portugueses.

E logo novamente o pe-
queno aeródromo militar.
O sr. ministro dos Negócios
Estrangeiros despede-se do
Pontífice em nome de Por-
tugal. Uma última alo-
cução: para agradecer as
homenagens de que fora
alvo. Uma palavra de con-
forto: «Nossa Senhora vos
assista! Nossa Senhora vos
proteja! Nossa Senhora vos
abençoe!»

As oito horas da noite, o
avião com as cores pontifi-
cias levantava voo. O pere-
grino máximo partia. En-
tretanto, as estradas conti-
nuavam peçadas daqueles
dois milhões de pessoas que
regressavam a suas casas
depois de terem participa-
do na mais alta cerimónia
religiosa da História da
Igreja em Portugal.



APÓS A MISSA, NO SANTUÁRIO, O PAPA PAULO VI RECEBEU O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO E DIA-
LOGOU COM ELE DURANTE ALGUNS MOMENTOS

TODOS OS CAMINHOS FORAM DAR A FÁTIMA

A visita de Paulo VI
à Cova da Iria deu
um fundamento úni-
co a uma imagem
já consagrada: nes-
te 13 de Maio, Fátima
foi, de facto, «o altar do
Mundo». Para ali convergiram,
como nunca, as atenções do
mundo cristão; de todo o
Mundo ali afluíram peregrinos
religiosos e laicos, isolados
ou em grupo: uma fé sem fron-
teiras a exprimir-se nas mais
variadas línguas da Terra.

Todos os caminhos foram,
pois, dar a Fátima: os da cris-

tandade em geral como, antes
de mais, os de Portugal. Mu-
tos dias antes das comemora-
ções, já percorriam as estradas
peregrinos vindos de todos
os pontos do País. E, se todos
os meios de transporte se uti-

SEGUE

O SR. PROF. OLIVEIRA SALAZAR
EM DÍALOGO COM IRMÃ LÚCIA,
QUE DO CONVENTO DAS CAR-
MELITAS SE DESLOCOU A FÁ-
TIMA PARA SE AVISTAR COM
O PAPA PAULO VI



lizaram, contaram-se também por muitos e muitos milhares os que fizeram o percurso até à Cova da Iria a pé — por falta de recursos, por simples tradição ou no cumprimento de promessas. Ao longo do asfalto ou por caminhos de cabras, ora em alegre confraternização, ora entoando hinos e orações, são eles, sem dúvida, o cartaz mais significativo do 13 de Maio. E no caminho não deixam apenas um exemplo de persistência e um tácito convite a que os acompanhem; deixam também forças e saúde. As pernas incham, sangram os pés — mas todos prosseguem. E a chegada a Fátima não é o repouso do corpo: as noites que têm de passar ali passam-nas ao relento, ainda que a chuva, o vento, o frio lhes castiguem a carne.

ASSIM, também este ano o aspecto do Santuário era o de sempre, se não em tintas mais carregadas por tantos serem os peregrinos: durante noites a fio — noites agrestes, com chuva fre-

quente —, milhares de corpos, juncaram o empedrado, envolvidos em mantas, xales e plásticos. Crianças tiritaram contra o peito das mães. Inválidos e anciãos arrostaram com as grandes bâtegas de água e o frio inclemente. E a comida era, em muitos casos, na razão inversa do fervor...

Como noutra lugar dizemos, calcula-se em dois milhões o número dos peregrinos presentes na região de Fátima por motivo das comemorações do cinquentenário das aparições, correspondendo metade daquele total às presenças registadas só no recinto do Santuário quando da visita do Santo Padre.

E tudo o mais se passou com o mesmo gigantismo. Assim, por exemplo, a afluência de veículos — desde as bicicletas e os automóveis particulares aos autocarros das excursões — foi talvez a maior até hoje registada. Seis centenas de agentes da Polícia de Viação e Trânsito fizeram impossíveis para regular a circulação, estabelecendo as normas e itinerários que se consideraram mais aconselháveis e distribuindo os veículos por inúmeros parques de estacionamento organizados para a circunstância. Mas o tempo esteve mau — sempre um céu de chumbo, só raramente rasgado de azul, e aguaceiros tão frequentes quanto fortes — pelo que a maior parte dos parques se tornaram intransitáveis e os carros encheram as ruas e as estradas.

POR outro lado, pensões, restaurantes, cafés foram tomados de assalto: comprar um maço de cigarros tornava-se por vezes difícil; encontrar uma mesa livre para almoçar tinha algo de miraculoso; no dia 10, havia quem pagasse 2500 escudos pela dormida, em casa de particulares com mais dedo para o negócio, e até à noite de 12 para 13! Mas neste capítulo, os problemas não assumiram, ainda assim, as proporções prognosticadas por alguns espiritos mais alarmistas; segundo a gente do sítio, mais peregrinos ainda viriam se não fora a notícia, propalada com insistência e que os factos não confirmaram em absoluto, de que não haveria comida, nem água sequer, para tanta gente.

De qualquer forma, todos se arranjaram, melhor ou pior. E, para a oportunidade única de ver o Papa, aquelas dificuldades que são, afinal, as de todas as peregrinações a Fátima não representavam um preço demasiado elevado...

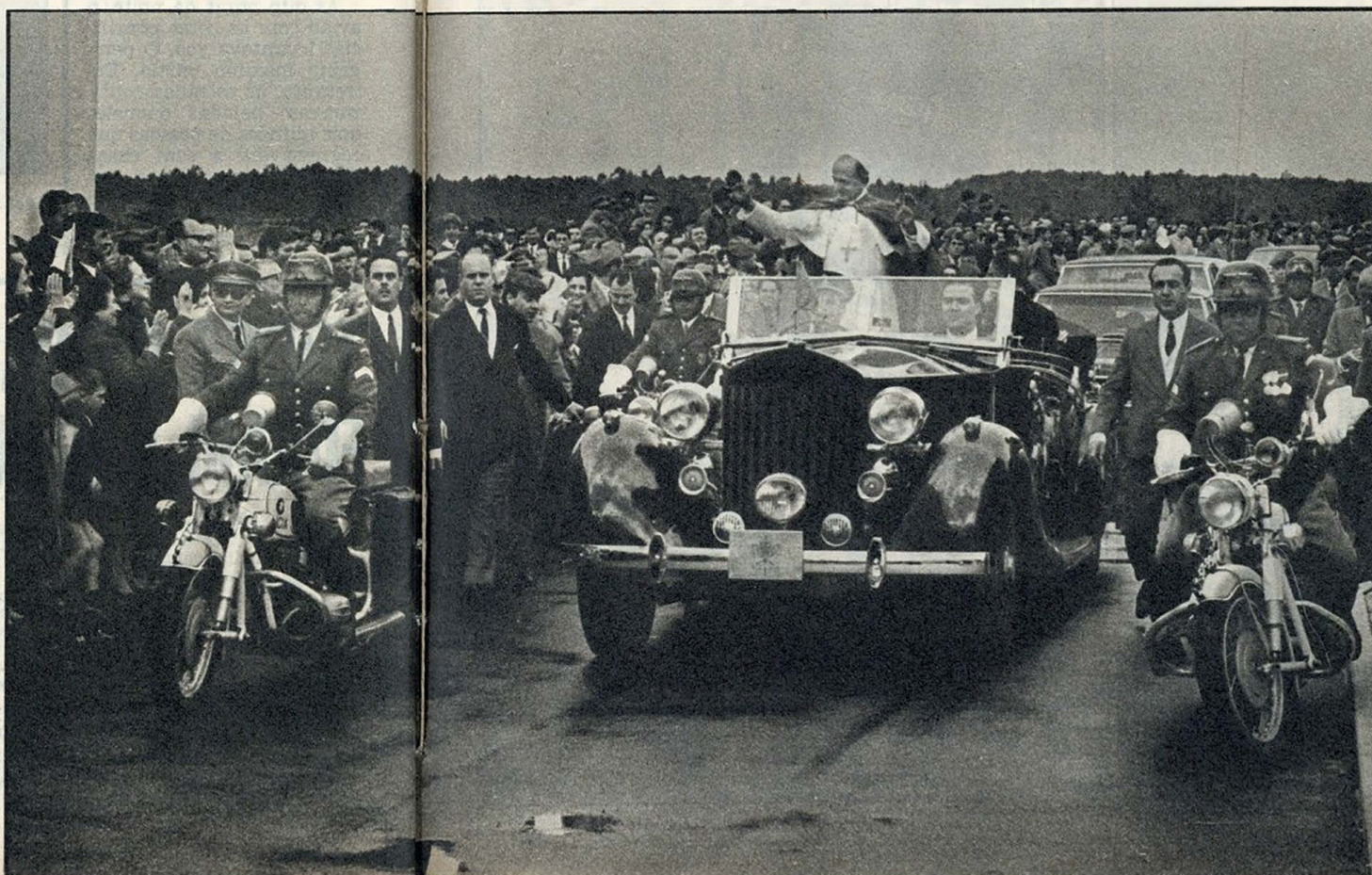
A CHEGADA

ERAM 9 E 45 QUANDO O PAPA CHEGOU AO AERÓDROMO DE MONTE REAL. MAL APARECEU À PORTA DO AVIÃO, SAUDOU OS MILHARES DE PESSOAS QUE O ESPERAVAM



A PARTIDA

O SUMO PONTÍFICE VAI REGRESSAR A ROMA, APÓS UMA JORNADA TRIUNFAL EM FÁTIMA. AO CHEGAR AO AERÓDROMO DE MONTE REAL, O MESMO ENTUSIASMO DA MULTIDÃO QUE O AGUARDOU ALI



O VIETNAM EM FÁTIMA

DIFERENTES PAÍSES E RAÇAS
TIVERAM REPRESENTAÇÃO NO
JUBILEU DA SENHORA DE FÁ-
TIMA. ESTES DOIS JOVENS, COM
A SUA BANDEIRA PÁTRIA, FA-
ZEM PARTE DO GRUPO DE SES-
SENTA VIETNAMITAS QUE SE
INTEGRARAM NA MANIFESTA-
ÇÃO DE FRATERNIDADE CRISTÁ



OS PEREGRINOS E AS PROMESSAS



UM FLAGRANTE TESTEMUNHO DE FÉ E ESPERANÇA QUE AS PALÁVRAS DIFICILMENTE PODEM TRADUZIR.
A IMAGEM É A EXPRESSÃO DO CAMINHAR SILENCIOSO E ARRASTADO DO PEREGRINO

VELHAS débeis, de mãos trêmulas juntas em oração; homens ajoelhados na lama; mães vergadas ao peso dos filhos sobre os braços; crianças frágeis extenuadas por horas e horas de caminhada sem repouso — eis os peregrinos: gente sofredora que deliberadamente multiplica o próprio sofrimento, que o excita até ao paroxismo e estôdicamente o suporta em súplica ou arrependimento, e em preito de fidelidade e devoção.

Eis os peregrinos, em Fátima, este ano como em todos: povo humilde e forte que se auto-sacrifica por fé e por esperança.

A PÉ (E ALGUMAS DESCALÇAS) MILHARES DE MULHERES DO NOSSO POVO, COM A SUA INCONFUNDÍVEL INDUMENTÁRIA, TRILHARAM, EM SACRIFICADO CUMPRIMENTO DE PROMESSA, TODOS OS CAMINHOS QUE VÃO DAR A FÁTIMA



OS PEREGRINOS



UM ACTO DE FÉ ISOLADO. NESTE LUGAR ERMO, UM GUARDADOR DE REBANHOS CONSGRA MOMENTOS DE TOTAL RECOLHIMENTO JUNTO A UM MONUMENTO EM HONRA DA VIRGEM

UMA MÃOZITA FECHADA JUNTO AO PEITO FRACO, OUTRA TORNO A UMA VELA GRANDE COMO A LISTA DAS DORES QUE LHE MARCAM O OLHAR, PATÉTICO DE TRISTEZA, E O COMOVENTE ROSTO DE MENINA POBRE. EIS UMA IMAGEM COMUM, MAS PERTURBADORA, DAS PEREGRINAÇÕES A FÁTIMA

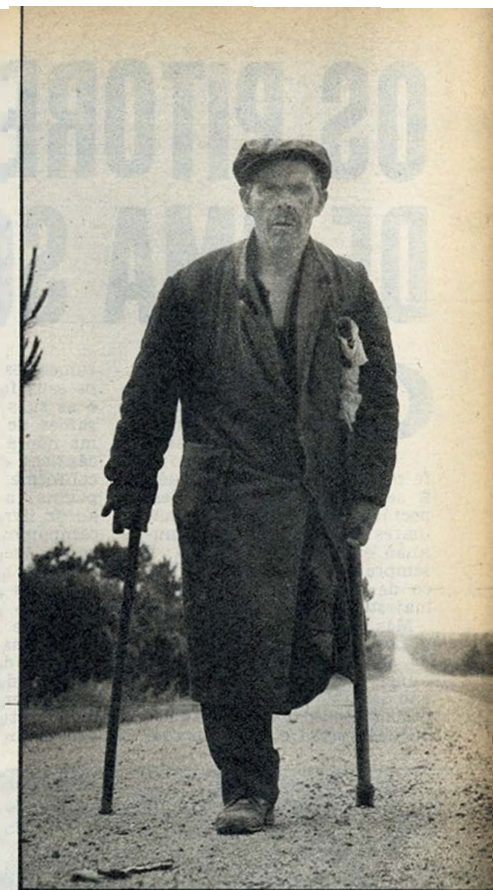
SOB A CHUVA A MULTIDÃO DE PEREGRINOS ESPERA ANSIOSAMENTE A CHEGADA DO SANTO PADRE



IMPELIDOS PELA FÉ, ESTES PEREGRINOS CAMINHAM DE JOELHOS, NO CUMPRIMENTO DAS SUAS SAGRADAS PROMESSAS. CHEGAM FINALMENTE AO TERMO DA SUA PENOSA CAMINHADA, ACOMPANHADOS DE FAMILIARES QUE OS AMPARAM, GUIADOS PELA MESMA FÉ



A FÉ, ALIADA À ESPERANÇA REMOVE MONTANHAS. IGNORA DISTÂNCIAS. DESCONHECE DIFICULDADES. SOBRETUDO QUANDO ESSA FÉ E ESSA ESPERANÇA SÃO POSTAS NA SATISFAÇÃO DE UM PEDIDO COMO O QUE ESTE INVÁLIDO NATURALMENTE HÁ-DE TER FEITO



DISTÂNCIA ALGUMA É DEMASIADO LONGA PARA UM HOMEM POBRE, DOENTE, COXO — MAS QUE ACREDITA. E É-LO QUE NAS SUAS MULETAS CHEGA A FÁTIMA, DEPOIS DE SE TER ARRASTADO POR SABE-SE LÁ QUANTOS COMPRIMENTOS DE ESTRADA, ANIMADO PELA ESPERANÇA DE UM MILAGRE QUE LHE RESTITUA A SAÚDE E O LIVRE DA POBREZA...



OS PITORESCOS DE UMA SOLENE JORNADA

O 13 de Maio em Fátima, com ou sem a visita papal, é sempre uma jornada de impressionante afirmação de fé religiosa do povo português. É sempre um esmagador espectáculo de milhares e milhares de pessoas em comunhão expressiva de crença. É sempre um cerimonial litúrgico de solene grandiosidade e majestosa força mística.

Mas não é só... Em Fátima, o povo português, pelo facto de se empolgar mais do que nunca na afirmação da sua fé, não deixa de ser o mesmo povo, na sua humildade, ligado às coisas desta terra, com os seus cos-

tumes, os seus gestos típicos, os seus farnéis, os seus xales e as suas boinas, os seus garraões de vinho tinto... Fátima não é só solenidade, velas, cânticos e rezas — é, também, conforme o documenta esta página, a merenda devorada ao ar livre como nos passeios camponiões dominicais, o jerico que trota miudinho, sumido sob um monte de cobertores e farnéis e o fotógrafo «à-la-minute» que capta o instante de um sorriso jovial e simples na face ingénua de um cavador de enxada. Em Fátima, a 13 de Maio, o religiosismo mais solene convive, nas mesmas criaturas, com o pitoresco dos gestos mais terra-a-terra.

SOB UM TRISTE CÉU CINZENTO, OS PEREGRINOS SENTAM-SE NO CHÃO, AOS GRUPOS, EM REDOR DOS FARNÉIS ABERTOS. E DUAS MÁQUINAS «À-LA-MINUTE» ESPERAM QUE A SATISFAÇÃO DOS ESTÔMAGOS CHEIOS LHE RENDA ALGUNS SORRISOS PARA FIXAR

DESABOU O CARREGO DO LOMBO DE UM AJOUJADO BURRICO. E OS CIRCUNSTANTES REAGEM AO ACIDENTE COM RISADAS DE BOCA ESCANÇARADA. O RAPAZ, QUE É O SEGUNDO A CONTAR DA ESQUERDA, NÃO ESPERAVA RIR TANTO!

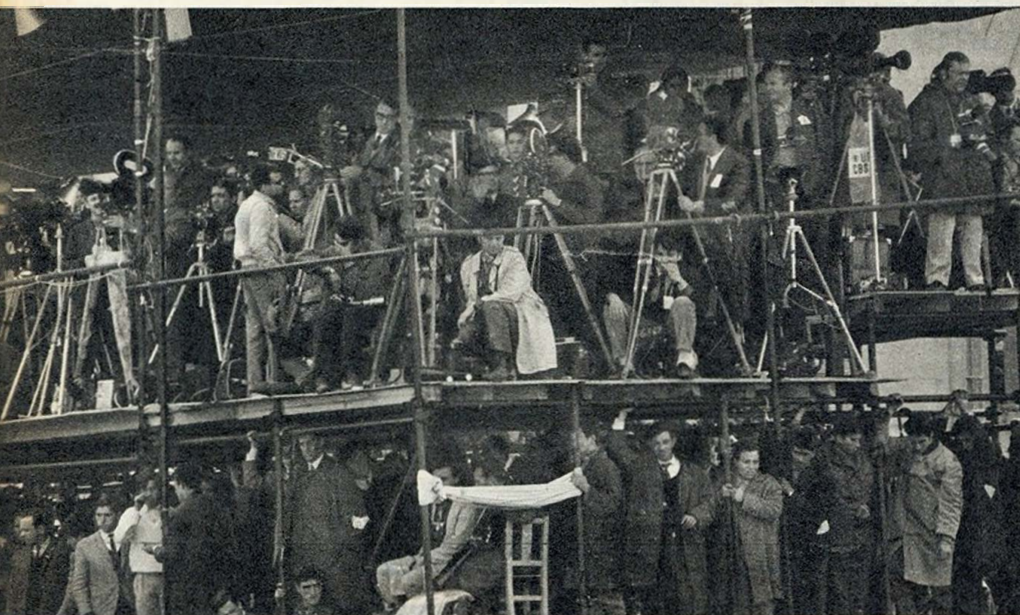


NUM INTERVALO DA CHUVA, BAIXAM-SE OS FARNÉIS DA CAMIONETA, PÔE-SE A PANELA AO LUME E, MELANCÓLICAMENTE, ESPERA-SE QUE O ALMOÇO AQUEÇA

MULHERES DO POVO. XALES. CESTOS E SAQUITÉIS. ROUPAS DESELEGANTES, MODESTAS. E ROSTOS SEM POSTIÇOS E SORRISOS SEM ARTIFÍCIOS, ROSTOS E SORRISOS CASTIGADOS, MAS A ESPELHAREM ALMAS COM ESPERANÇA



OPERAÇÃO TV MUNDOVISÃO



MAIS DE QUATROCENTOS HOMENS DA INFORMAÇÃO DE TODO O MUNDO ESTIVERAM NA COVA DA IRIA A FAZER A REPORTAGEM DA VISITA PAPAL. A GRAVURA MOSTRA O PALANQUE DE ONDE FOTÓGRAFOS DA IMPRENSA E OPERADORES DO CINEMA E DA TELEVISÃO COBRIRAM PARTE DA CERIMÓNIA

P.S.P. E A P.V.T. COLABORARAM COM O "S.I."



Grande parte do êxito técnico que representa esta edição de «O Seculo Ilustrado» deve-se, sem dúvida, a preciosas colaborações que a tornaram possível. Entre elas avulta a do agente motorizado da secção de trânsito da P. S. P. sr. Pedro Milheiro Romano, que serviu de estafeta entre os nossos enviados à Cova da Iria e a Redacção em Lisboa. A sua acção foi inestimável e utilíssima, pelo que nos cabe deixar aqui estas palavras de agradecimento não só ao agente como aos seus superiores que tornaram viável es-

ta nossa edição.

Agradecimentos são igualmente devidos à Polícia de Viação e Trânsito que com os reduzidos efectivos de que dispõe conseguiu canalizar tanto a chegada a Fátima como a debandada dos peregrinos sem que estes sentissem difíceis problemas. Também devemos a esta corporação uma palavra de elogio e um voto de agradecimento que tomamos a liberdade de exprimir em nome dos que se deslocaram a Fátima, muito especialmente os jornalistas e repórteres fotográficos.

FRUGALIDADE —LEMA DO PAPA EM PORTUGAL

A missão de Paulo VI a Portugal era de oração e penitência. Por isso o peregrino pontifício, desde que entrou em território português, logo a bordo do «Caravelles» da T. A. P. usou da maior frugalidade. O seu pequeno-almoço, servido em faianças portuguesas com as armas da Santa Sé, expressamente fabricadas, limitou-se a uma chávena de chá e uma torrada.

Mais tarde, em Fátima, nos seus aposentos da Casa dos Retiros de Nossa Senhora do Carmo, Paulo VI almoçou e descansou durante momentos. Despoçados com peças de museu, os aposentos apresentavam, embora, um aspecto de singela austeridade que o Papa teve por linha de ordem nesta sua jornada, que, aliás, não difere dos seus próprios hábitos.

Nos seus singelos aposentos, foi servida ao Sumo Pontífice uma breve refeição constituída por uma canja de galinha, um peixe grelhado, um frango cozido com batatas fritas, trouxe de ovos, cavares das Caldas e morangos. Os vinhos, como a ementa, eram portugueses, e o café uma mistura de arábica-brasileiro e de robusta de Angola.

O Santo Padre fez a sua colação na mais restrita intimidade, descansando, depois, por alguns momentos.

Fátima foi, no dia 13 de Maio, o ponto de convergência da atenção do mundo católico e ainda de todos os que dão o seu interesse aos grandes acontecimentos do mundo moderno.

A deslocação do Chefe da Igreja Católica ao Santuário da Cova da Iria, implicava um movimento desusado da técnica dos nossos dias, mobilizando um mundo imenso de homens e material ao serviço da notícia.

A Europa exigia, através da Eurovisão, uma presença em Fátima. E a R. T. P., como membro activo daquela cadeia, tinha de facultar os meios necessários para que a Irlanda, a França, a Bélgica, a Holanda, o Luxemburgo, a Alemanha Ocidental, a Itália e a Espanha fossem servidos como convinha.

Trabalharam nestes serviços 150 funcionários em reportagem, sem contar com o pessoal da base. Estiveram no campo 15 repórteres estrangeiros, servidos por um intérprete cada, que lhes facultou todo o material necessário e assistência permanente.

Cinco carros de exteriores captaram imagens, além de dois helicópteros: um munido duma câmara para as panorâmicas necessárias e outro que funcionou como posto de «relais».

De Fátima, as imagens foram transmitidas à estação de Monsanto, que depois as integrou na rede nacional e por sua vez na Eurovisão, através do emissor da serra do Mendro.

A Inglaterra contentou-se com resumos do acontecimento, mas a América foi mais exigente. Três cadeias, compostas pela N. B. C., C. B. S. e A. B. C., enviaram a Portugal uma estação completa de TV a cores — única modalidade em que lhes interessou fixar o acontecimento da Cova da Iria. Trouxeram ainda duas aparelhagens completas de gravação. Montada a estação terra, as imagens a cores foram transmitidas através da Inglaterra. Foi filmado o acontecimento em «videotapes» e transportado de avião para a América através do satélite Early Bird. Descontados os tempos relativos aos fusos horários, a América pôde ver nos seus receptores o acontecimento de Fátima, cinco horas depois.

Numa promoção jamais usada entre nós, a técnica operou milagres que deixaram perplexos o nosso País — tal a fabulosa complexidade de material, pessoas, e... imaginação.

A TV — o meio mais rápido de comunicação entre os povos — foi utilizada na sua máxima força. Para isso houve reuniões permanentes na Alameda das Linhas de Torres. Dormiram-se escassas horas por noite; prepararam-se filmes que deram um resumo dos preparativos da recepção ao Papa para vários países. Tudo esteve em actividade permanente, numa competição de esforço em que cada um deu o melhor.

O homem frente ao receptor, quer esteja sentado num confortável «maple» americano, quer numa cadeira inglesa, ou numa praça de Itália, viu o Papa abençoando os doentes de Fátima. E tudo isso porque uma gigantesca equipa ao serviço da câmara para a notícia mundial esteve a postos.

O Papa veio a Fátima.

Foi preciso, através dum pequeno «écran», dá-lo daqui, ao Mundo.

GANHE MAIS DINHEIRO E ASSEGURE SEU FUTURO!

Melhore seu emprego e aumente sua renda!
Aprenda em seu lar — Nas horas livres

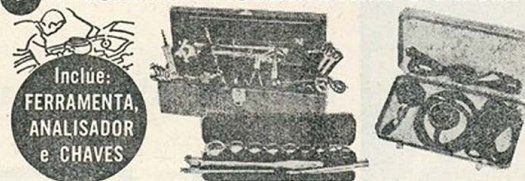
➔ TELEVISÃO, RÁDIO e ELECTRÓNICA



Inclui:
RÁDIO,
SOLDADOR,
PROVADOR

Torne-se técnico em Rádio e T.V. Esta vigorosa indústria oferece-lhe oportunidades ilimitadas. Aprenderá: Rádio, Televisão, Electrónica, FM, Difusão, Amplificação e Registro de Som, Sistemas de Alta Fidelidade. Envie o cupão e receberá informações completas!

➔ MECÂNICA AUTOMOTRIZ e DIESEL



Inclui:
FERRAMENTA,
ANALISADOR
e CHAVES

Necessitam-se mecânicos preparados e V. S. pode ser um deles — GANHANDO UM SALÁRIO MAGNÍFICO. Será preparado em todos os ramos:

Reparação e Conservação, Transmissões, Sistemas Eléctricos e de Injeção, Motores Industriais e Marítimos. Mande o Cupão!

➔ INGLÊS PRÁTICO, com DISCOS



Inclui:
TODO ESTE
MATERIAL
VALIOSO

Nosso método ensina-lhe a LER, ESCRIVER, ENTENDER e FALAR Inglês na forma mais rápida e conveniente para V. S. — com DISCOS e LIÇÕES. As pessoas que dominam o Inglês têm postos importantes e bem remunerados em: Bancos, Hotéis, Escritórios, Comércio, etc. Peça informações!



V. S. PODE PAGAR EM MOEDA DE SEU PAÍS

NATIONAL SCHOOLS
4000 South Figueroa Street
Los Angeles, Calif., U.S.A.

Prepare-se com o Sistema Rosenkranz de APRENDER FAZENDO de National Schools, Escola dedicada ao Ensino Técnico-Prático por mais de 50 anos. Uma Instituição capaz, responsável e séria.

MANDE ESTE CUPÃO HOJE MESMO

NATIONAL SCHOOLS

MUNDIALMENTE RECONHECIDA DESDE 1905

14000 So. Figueroa St. Depto. FIG 3-P-57-B
Los Angeles, Calif., U.S.A. 90037

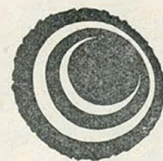
Envie-me informações completas sobre o curso de: (Indique somente um curso)

☐ Rádio, Televisão ☐ Mecânica Automotriz ☐ Inglês Prático

Nome _____ Idade _____

Endereço _____

Cidade _____ Est. _____



Delial®

bronzeia
mais rápido
protege
melhor

Os filtros e écrans com que o Delial recobre a superfície da pele, numa combinação cientificamente estudada, têm uma acção simultânea de protecção e bronzamento da maior eficácia, principalmente nos climas meridionais.



iml octo



MICHAEL CAINE

a importância de ter óculos

o actor inglês que tem sido definido como o "anti-007" explica quais foram os motivos que o levaram ao êxito

MICHAEL CAINE EM «FUNERAL EM BERLIM», FILME DE ESPIONAGEM INSPIRADO NUM ROMANCE DE LEN DEIGHTON

Por **ORIANA FALLACI**



A sua pele é de um tom róseo sardento, sabem, aquele tom róseo dos louros que nunca conseguem ficar bronzeados, que quando apanham banhos de sol ficam rapidamente às manchas vermelhas e todos pelados. Os seus olhos são raiados de sangue, como os olhos de quem acaba de chorar ou os dos coelhos albinos. Como os coelhos albinos, está constantemente a abri-los e a fechá-los, evitando as luzes fortes, que chegam a provocar-lhe lágrimas; as lentes de míope alimentam nele uma melancolia delicada, uma fragilidade inofensiva. Atenção, não se deixem enganar. E para desfazer o equívoco, observe-se bem o seu olhar: ver-se-á que, no fundo, é astuto, mordaz. Depois, observe-se o nariz, arrogante, a boca, cruel, o corpo, robusto. Tem o físico dos «tommies» que, na última guerra mundial, avançaram com o Oitavo Exército, e tinham igualmente óculos e pele delicada, mas tinham também uma cara de poucos amigos e duas pernas fortes e peludas.

No «écran», bem sei, parece um «gentleman». Mas em pessoa parece um operário, é o próprio símbolo do proletariado britânico que inventou os sindicatos e forneceu a Churchill a melhor infantaria. Mãos duras, pés sólidos, calças sem dobra. Cuida pouco do seu aspecto, ou mesmo nada. De manhã, cheira ligeiramente mal, tem o cheiro de quem não teve tempo para tomar duche ou não possui duche. Faz a barba todos os dias, mas não usa água-de-colónia. Ele próprio corta e arranja as unhas, com uma tesoura, pois confiá-las a uma perita seria como que humilhar a sua virilidade.

É um grande mulherengo. Duas, três, quatro raparigas de cada vez; um «latin lover» perde em confronto. No entanto, é inteligente, de uma inteligência que o teria levado longe se tivesse estudado. É, na verdade, uma bela personagem, este Michael Caine nascido em Londres, com o nome de Maurice Micklewhite. Idade: trinta e três anos. Estado civil: divorciado, com uma filha. Profissão: actor e divo de cinema. Sinais particulares: meio milhão de dólares por filme e a mais incrível popularidade que jamais se fez à volta de um desconhecido em pouco mais de dois anos.

Há dois anos, representava no teatro e na TV. Aí, viu-o Harry Saltzman, o produtor dos filmes de James Bond. Saltzman queria fazer um filme anti-Bond, a história de um desgraçado que pratica a espionagem por chantagem, maltratado, mal pago, falido. Marcou-lhe um encontro num **night-club**, o Pickwick, ofereceu-lhe de beber e perguntou-lhe: «Leste um livro que se chama «Ipcress File»? Ele respondeu: «Li». Gostavas de fazer o papel de Harry Palmer? «Costava». «Pois bem: é teu». Depois de «Ipcress», foi a vez de «Alfie», de «Gambit», de «Funeral em Berlim», de «Harry Sundown», e a morte do ultrapassado James Bond. Já não se fala de Sean Connery, fala-se de Michael Caine. O público corre a vê-lo, os críticos dão-se as mãos para homenageá-lo, os jornais elegem-no como símbolo da sexualidade masculina, e ele exige que lhe façam o retrato, tal como exigiam os príncipes da Renascença ou exigem agora os reis do petróleo do Texas.

Vim a Londres justamente para fazer o retrato de Michael Caine. Para isso, permaneci três dias com ele, jantando com ele, indo com ele ver «A Bela Adormecida», um chatíssimo espectáculo de patinadores sobre o gelo, depois ceando com ele em casa.

Vive numa casa que se lhe assemelha, sem um único móvel de bom gosto, um objecto elegante: ao entrarmos, quase diríamos que aquela casa não pertencia a um divo do cinema, mas sim a um operário.

Aí, em casa de Michael Caine, conheci sua filha, uma lourita de nove anos, a quem o actor ama loucamente; conheci os seus sogros, pessoas de porte garboso, com as quais Michael mantém relações mais do que afectuosas; conheci a sua mãe, que é uma mulher de estilo caseiro, com cerca de sessenta anos, vestida à criada, rotunda, e está sempre na cozinha. Michael é totalmente devotado à mãe, de tal maneira que na noite da passagem de ano não foi ter com os seus amigos a Paris, pois a mãe exclamou: «Vais-te embora?! Deixas-me?! E eu que fui ao cabeleireiro para sair contigo!»

Em casa, onde descobri o melhor Michael Caine, ouvi-o com o gravador durante umas boas sete horas. E, no entanto, isso ainda não me chegou para fazer um retrato dele.

O que se segue, portanto, não é um retrato de Michael Caine. É o auto-retrato de Michael Caine, o que ele próprio pintou, sem dar por isso, em sete horas de loquacidade. A razão é simples. Voltando a ouvir o que ficou gravado na fita magnética, verifiquei que nêhum instantâneo, ou impressão, ou episódio, entre tantos recolhidos em três dias, valiam o cintilante monólogo que eu ouvira e voltei a ouvir. Recordo-me de ter feito algumas perguntas, aqui e ali, mas a minha intervenção foi sempre insignificante, foi sempre superada pela sua voz. Daqui o monólogo que agora transcrevo, textualmente, dividido em três tempos, pois decorreu, de facto, em três períodos. A fim de que o gravador, superaquecido, não rebentasse...

*

Primeiro tempo. Quarto em que Michael Caine dorme. Desordenado, modesto, mas cheio de livros e de quadros. Em cima da cómoda, uma caixa de pó-de-arroz e um frasco de perfume, evidentemente deixados por uma mulher «despachada» à pressa. Michael Caine está estendido na cama, que é larga. Eu estou sentada no chão, em cima de uma almofada. Entre nós está um telefone, branco. Michael Caine começa a falar:

— Quem sou? Detesto que me façam essa pergunta. Quem sou? Vejamos. Sou um homem muito mais inteligente do que você supõe e também muito mais cómico. E, além disso, sou um artista incompreendido, pois acusam-me até de oportunismo. E sou um «cockney». Ser «cockney» significa ter nascido em Londres mas ao som de um sino chamado Bow Bell, o qual se encontra em East End, o bairro dos pobres, onde existe a Catedral de S. Paulo. Eu nasci ao som desse sino, e por isso sou um «cockney», bem como toda a minha família. Os «cockneys» falam rapidamente e com uma pronúncia muito especial, cheia de pa-

(Continua na página seguinte)

MICHAEL CAINE

lavras incompreensíveis, tal como eu estou a falar agora. Os «cockney» são uma raça especial, tal como os andaluzes em Espanha e os galeses na Inglaterra. São orgulhosos e duros e cómicos, recusam-se a levar as coisas a sério, estão sempre a rir. Note-se: os pobres, habitualmente, são descon-

fiados e nunca riem, mas os «cockney», apesar de pobres, nunca são desconfiados e riem-se muito, por tudo e de tudo. Eu enriqueci, claro, mas mesmo que chegasse a ter milhões continuaria a ser um «cockney». Quero dizer que, faça o que fizer, ainda que corrija a minha pronúncia estudando dicção, viaje de Rolls-Royce, case com uma princesa, no fundo do coração continuarei a ser um «cockney». Até morrer. Eis o que sou. Além disso, sou um homem que não lamenta nada, excepto uma coisa: que o meu pai tenha morrido sem me ver rico. E além disso, ainda, sou um moralista. Não sei se me faço compreender: se a minha rapariga ou uma das minhas raparigas aparecesse nua num filme ou num jornal, deixá-la-ia logo e para sempre. Sim, sou um moralista, à antiga. Você é italiana: para me compreender deve ver-me como se eu fosse um italiano típico, um siciliano, por exemplo, antiquado, cheio

de ciúmes, exigente, daqueles que acham que a mulher foi feita para estar fechada em casa, etc., etc.... Estou!... Isabel?

«Confesso, sou um hipócrita»

(O telefone toca. «Ela» chama-se Isabel. «Despacha-a» à pressa).

— Evidentemente, como não estou casado, nem sequer apaixonado, não tenho essas exigências. Quero dizer que posso ser totalmente amoral, apesar do meu moralismo, completamente hipócrita, se isso for cómodo para mim. Confesso, sou um hipócrita. Como a maior parte dos homens, aliás. Gosto de me divertir, e uma mulher entra na minha vida sem nenhuma esperança de justiça, digi-lhe: se te agrada, muito bem, se não te agrada, desaparece. Sou um ditador, mas um ditador benigno. Nesse sítio onde soa o sino dos «cockney» somos todos ditadores benignos, e também os moralistas mais ferozes do Mundo. Quero dizer com isto que todos os meus amigos «cockney» se casam com uma rapariga virgem com quem vivem toda a vida. Será que me casaria com uma rapariga não virgem? Não sei, suponho que sim, talvez. Casar-me-ia, por exemplo, com uma mulher divorciada. Já pensei muito nisso. A única solução é encontrar uma mulher cujo passado não seja sensacional, uma mulher de classe; não entendo por classe, classe social, mas sim a classe de quem se respeita a si próprio. Entretanto, apanho o que me aparece. Mas quando me perguntam: «Michael, que raparigas preferes?», eu respondo: as que são belas, espirituosas, inteligentes. Ou melhor: podem ser espirituosas e inteligentes com a condição de que sejam belas. Eis a minha lei, e não tenho outras... Estou!... Janet?

«Com as mulheres sou um verdadeiro velhaco»

(O telefone toca. Esta chama-se Janet. «Despacha-a» à pressa também).

— O difícil é deixá-las. Quando uma rapariga me chatela, deixo-a e isso é que é difícil. Como a deixo? Assim: leva-se a rapariga a ver um filme mau. Por exemplo, um filme albanês. Depois, diz-se: «Que belo, que belíssimo filme!» E vêm-lo com ela duas vezes, três vezes. A terceira vez, a rapariga perde as estribeiras, levam-



MICHAEL CAINE TORNOU-SE FAMOSO EM «O CASO IPCRESS», UM FILME EM QUE FAZIA O PAPEL DE AGENTE SECRETO À 007, MAS COM UM CARÁCTER BEM MAIS REALISTA QUE JAMES BOND

ta-se e vai-se embora. Então, tudo se acaba com uma separação: apanho um avião e vou para longe. Quando volto, a rapariga foi-me infiel, mas mesmo que o não tenha sido, finjo saber que me foi infiel. E então comporto-me como se estivesse ferido com ela, humilhado, e deixo-a. É um sistema que custa muito dinheiro, o avião, etc., mas não conheço outros meios. Com as mulheres, sou um verdadeiro velhaco. E quanto mais modernas elas são, mais velhaco me torno. O maior erro que uma mulher pode cometer é o de ser moderna, supondo que aos homens isso agrada muito. A mim não agrada nada. A mais elevada percentagem de suicidas encontra-se nos países escandinavos, onde as mulheres têm total liberdade sexual. Já estive nos países escandinavos e achei aquilo irritante. Mas não me refiro só às escandinavas; as mulheres modernas são assim em todo o Mundo. É a coisa mais triste são essas mulheres de trinta e tal anos que vivem sòzinhas, nunca se casaram, não têm filhos: suicidam-se mais do que qualquer outro tipo de mulheres. A mim, essas mulheres não interessam. Tenho uma filha de nove anos, e hei-de livrá-la desse destino, hei-de... Estou!... Pauline? Que se passa?

(Ouve-se soluçar do outro lado da linha telefónica. É uma tal Pauline, daquelas tais mulheres modernas e sós, de trinta e poucos anos, que acabam por se suicidar com barbitúricos, Michael não lhe dá ouvidos).

«Apesar de tudo, sou humano»

— Evidentemente, gostaria muito de voltar a casar-me. De cada vez que encontro uma mulher, pergunto a mim mesmo: está dar-se-ia bem comigo? Estou resolvido a ter uma grande família, com muitos filhos; nós, os «cockney», nascemos para isso. Mas ao mesmo tempo gosto de me divertir. É mais forte do que eu. As mulheres agradam-me muito. Os homens nunca me agradaram. Nem sequer tenho muitos amigos. O meu maior amigo é Terrence Stamps, o actor. Vivíamos juntos quando ainda não éramos ninguém e tornámo-nos amigos tentando sobreviver. Mulheres amigas, nunca tive. Não só porque nunca consigo separar as mulheres do sexo, mas também porque a um amigo pode pedir-se que nos arranje um lugar para dormir ou dinheiro para comer; a uma mulher, não. Uma mulher não pode ser testemunha do fracasso de um homem, nem deve protegê-lo — antes deve ser protegida por ele. Não gosto das mulheres maternas. Mãe, já tenho uma: está lá em cima, na cozinha. Estou! Mary?

Segundo tempo. Agora não havia telefone. Ou melhor: o telefone foi levado para a cozinha. A cozinha é contígua; aí, a mãe de Michael Caine está a fazer o jantar. Sente-se um odor a carne e a cebola. Michael Caine está sentado numa poltrona, eu noutra. Entre nós está uma pequena mesa. O monólogo recomeça:

— Assim, como não atendo o telefone, não tenho que responder. Normalmente, sou sempre eu quem atendo o telefone, pois não há mais ninguém que o faça. Vivo sòzinho, nesta casa. A minha mãe está agora cá porque é o período que me calha de estar com a minha filha; habitualmente, a miúda vive com os meus sogros. As pessoas dizem-me: porque não arranja uma secretária que atenda o telefone, etc.? A verdade é que detesto viver com pessoas à minha volta, pessoas que observem o que eu faço, que metam o nariz nas minhas coisas. Mas mudemos de assunto... As razões

do meu sucesso? Antes de mais, deixe-me falar da ideia que vocês, estrangeiros, têm dos homens ingleses. Para vocês, os homens ingleses são tipos com dentes feios e cabelos sujos, completamente assexuados. Claro que isso não é verdade, mas vocês não sabiam que não é verdade, pois não viam a Inglaterra verificá-lo. Aqui, está sempre a chover. Certo dia, vocês compraram um guarda-chuva elegante e vieram até cá e verificaram então que, de facto, não somos de maneira nenhuma assexuais. Pois bem, eu simbolizo isso, essa verdade que vocês, estrangeiros, descobriram nos homens ingleses: uma certa virilidade. Não é que seja belo, mas tenho um rosto bastante másculo. Isto agrada às mulheres. Depois, há outra razão: a maneira como até agora se tem considerado a personalidade dos actores: super-homens, com os ombros largos, as ancas estreitas, um vozeirão. Os meus ombros não são largos, as mi-



O ACTOR ESTÁ ACTUALMENTE A FILMAR NA FINLÂNDIA UMA OUTRA PEQUENA DE ESPIONAGEM — «UM CÉREBRO DE UM MILHÃO DE DÓLARES»

MICHAEL CAINE

nhas ancas não são de bailarino, a minha voz é normal. E até o que faço nos filmes são coisas normais, vulgares. não represento o papel estafado de herói fanfarrão, mata-mouros, que bate em toda a gente. Por isso, as pessoas identificam-se comigo. Quer dizer, as pessoas vêem-se e pensam: este é um tipo como eu, um tipo que também vai à casa de banho. Até ago-

ra, as estrelas de cinema, homens e mulheres, não tinham nada de humano. As pessoas olhavam para elas e pensavam que não faziam o que toda a gente faz, como, por exemplo, ir à casa de banho. Eu não. Vê-se logo que faço o que toda a gente faz. Sou humano. E... Mãe: que é? Que queres?

«Devo grande parte do meu sucesso a James Bond»

(Entra a mãe de Michael, agitada).

—O telefone, para ti, Michael.

—Não estou, já te tinha dito que não estou para ninguém, mãe. ...Pois, além do mais, há os óculos. Os óculos contribuíram muito para o meu sucesso. Não é que eu não tenha mesmo necessidade deles, sobretudo no teatro e nos jogos de futebol. Mas logo que acordo ponho os óculos e não os tiro até voltar para a cama. Servem-me para ver melhor; não física-

mente, psicologicamente. Quero dizer que por trás dos óculos nos escondemos e vemos as coisas como pelo buraco de uma fechadura. De facto, se pomos óculos, as pessoas supõem que somos cegos. Mas, verdadeiramente, o que conta é o facto de eu usar óculos como muitas pessoas usam, de me parecer com os outros por usar óculos. Se não têm óculos, têm os pés chatos, ou os dentes cariados, em suma, qualquer calcanhar-de-aquiles. E eu represento exactamente os seus calcanhares-de-aquiles; não sei se me faço entender: não há em mim nada de heróico, de militarista. Fiz a guerra, estive um ano na Coreia, na frente de batalha, e basta olhar para mim para se ver logo que aquilo não me agradou nada. Para mim, a guerra é uma coisa grotesca, idiota. Na Coreia, só me ria daquilo. E não sou James Bond. Mas devo a James Bond grande parte do meu sucesso. De facto, o público já estava farto desse super-homem que o humilhava e ao mesmo tempo, humilhando-o, se tornava ridículo. Sei que parece incrível, estúpido, mas a verdade é que eu nunca aceitaria representar o papel de James Bond. Porque sei que, no fundo, as pessoas se ririam de mim, e eu não suportaria o ridículo. Sean Connery ganha milhões com o seu James Bond, mas sabe o que lhe digo? Digo que, realmente, Sean merece esse dinheiro, pois sendo um ótimo actor sujeita-se ao ridículo daquela figura de James Bond. Mãe!

(A mãe reaparece).

—Estão a tocar ao telefone, Michael. É para ti.

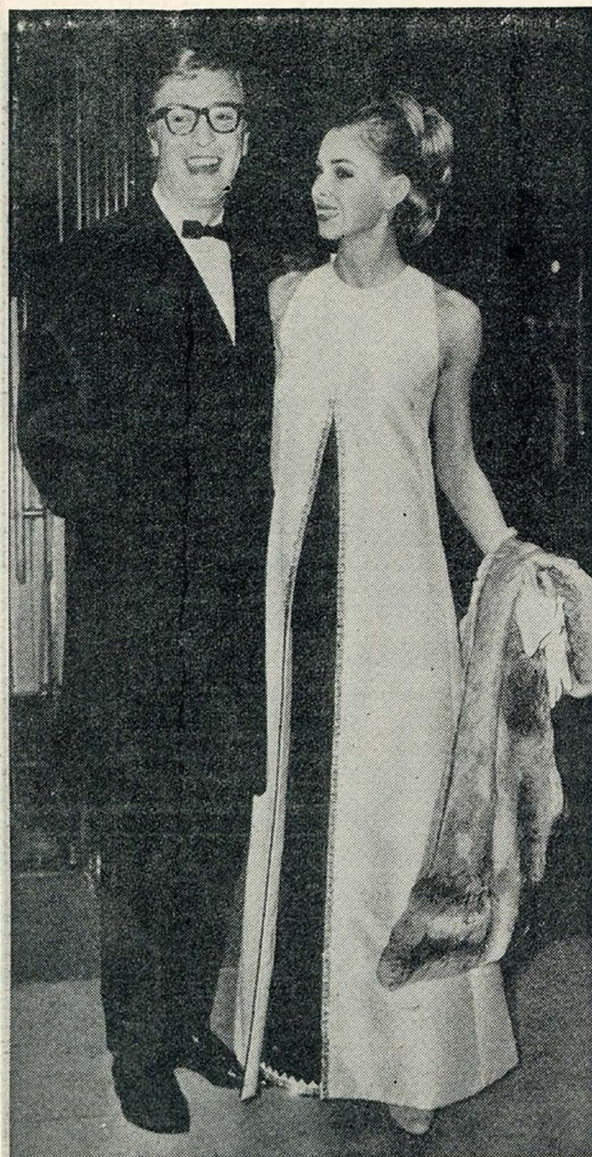
«Sempre fui independente»

—Deixa tocar, mãe!... Mas, como ia a dizer, eu nunca aceitaria o papel de James Bond. Era uma cedência, um compromisso. Eu fui sempre independente. Nunca aceitei compromissos. Disse-o até à minha mulher, antes e quando nos casámos. Aos vinte e dois anos, apaixonei-me loucamente por uma jovem atriz e casei. Toda a gente me dizia que não casasse, davam-me conselhos. Mas eu nunca ouvi conselhos de ninguém. E depois sentia-me muito velho para constituir família. A única coisa que a guerra deixa em nós é uma precoce maturidade; uma semana em guerra envelhece-nos um ano. Em suma, casei-me logo, e ao princípio a coisa não correu mal. Mas tornou-se um desastre quando a minha mulher começou a exigir de mim compromissos. Não tinha trabalho, não tinha dinheiro, nascera-nos uma filha, e a minha mulher dizia: deves pensar na responsabilidade que agora tens como pai e como marido, deves procurar um trabalho seguro, esquece o teatro, não há dúvida de que aí nunca vencerás. Michael. Deixei-a. Não podia suportar aqueles discursos. Deixei-a e fui para Paris. Sózinho. Vivi ao princípio num pequeno hotel, perto da Place Saint-Michel. Depois, quando estava já sem cheta, dormi na estação de Saint-Lazaire, na Air Ferminial. Passei fome. Levou tempo antes que conseguisse qualquer coisa. Fiz-me sozinho, sem a ajuda de ninguém. Orgulho-me disso. Mas... Mãe!

—Queres café, Michael?

—Não. Ou antes... sim! Mas... como lhe dizia, não devo nada a ninguém. Quando penso na vida que levei em criança!... Dois compartimentos para todos e uma cozinha; nem sequer ha-

MICHAEL CAINE E A ACTRIZ SUECA CAMILLA SPARY PREPARAM-SE PARA ASSISTIR À ESTREIA MUNDIAL DO FILME «MATT HELM NÃO PERDOA», NO QUAL CAMILLA TEM UM PAPEL IMPORTANTE AO LADO DO CONSAGRADO DEAN MARTIN. O QUE REALMENTE EXISTE ENTRE MICHAEL CAINE E CAMILLA É POR ENQUANTO AINDA SEGREDO. MAS EMBORA MICHAEL INSISTA EM DECLARAR QUE NÃO ESTÁ APAIXONADO, A VERDADE É QUE OS DOIS ARTISTAS SÃO VISTOS CONSTANTEMENTE JUNTOS EM LONDRES HÁ UNS MESES



via casa de banho. E não havia luz eléctrica; a casa era iluminada com lâmpadas de gás. Não tínhamos sonhos, e é tão terrível não se poder sonhar! Eu não sabia o que queria, apenas odiava o que era e aquilo que o meu pai era. O meu pai era carregador no mercado do peixe. E o meu avô e o meu bisavô e todos os homens da minha família. A ambição do meu pai e de todos os homens da minha família era que os filhos se tornassem também carregadores no mercado de peixe ou então fossem para polícias ou para guardas do palácio real. Apanhei muita bofetada por não querer ir para nada disso! O meu pai não compreendia o ódio que eu sentia aquilo, por viver numa casa sem luz eléctrica, sem casa de banho. Perguntava-me: afinal, o que queres ser? Quero ser actor! — respondia. Actor?! Estás maluco?! — exclamava o meu pai. Pedi-lhe duas libras esterlinas para me inscrever num curso de representação teatral nocturno; recusou-mas, claro. Não havia nele qualquer ressentimento de classe. Em mim, pelo contrário, havia, e muito forte. Sempre houve. Não é que esteja interessado na luta de classes e noutras coisas do género. Eu, de política, não percebo patavinha; tenho trinta e três anos e nunca votei, nunca. Mas as chamadas classes superiores sempre abusaram da gente que trabalha, e eu não posso esquecer que venho dessa gente que trabalha muito e nunca tem nada, durante gerações e gerações. Mas sabe porque queria tornar-me actor? Para ser como Marlon Brando. E sabe porque queria ser como Marlon Brando? Porque li algures que Marlon Brando, antes de ser actor, foi motorista de camionetas. Agora sei que isso não é verdade, que Marlon provém de uma família rica; mas nesse tempo acreditei, e então disse para comigo: aqui está a maneira de não ser motorista de camionetas nem carregador no mercado de peixe. Que queres, mãe?

— O café, Michael.

— Obrigado. Sabe, Londres está maluca, dizem. Aqueles malucos com os cabelos compridos... A mim, agradam, pois não são uma frivolidade, são uma rebelião cheia de significado. Só os oficiais, que prevalecem nas classes elevadas, têm direito aos cabelos compridos. Os pobres soldados, a carne de canhão que o proletariado fornece, são obrigados a usá-los curtos. Pois bem: nós, os que vêm do proletariado, estamos fartos de que nos rapem o cabelo. Também queremos usar cabelos compridos, percebe? A «meritocracia» está a substituir a aristocracia. «Meritocracia» — que palavra!... Eu sou um produto da «meritocracia». Com ela venci e tenho todo o dinheiro que quero.

Na cozinha com o príncipe Filipe

Terceiro tempo. Novamente no quarto de dormir de Michael. Nada de telefone, nada de mãe. A mãe, foi-se embora. Os sogros também, até a miúda. Para responder às raparigas, ficou o irmão, um jovem que se parece um pouco com ele. Michael Caine acabou de acordar. São 22 horas. Boceja, coça a barba. Depois, retoma o monólogo. Inexorável, certo, no ponto em que o tinha interrompido na véspera. Por motivos de espaço, transcrevo apenas uma parte do que ficou gravado no final:



DEPOIS DE UMA SÉRIE DE PROFISSÕES HUMILDES E DE TER SIDO SOLDADO RASO NA COREIA, MAURICE MICKLEWHITE ADOPTOU O NOME DE MICHAEL CAINE E DECIDIU TENTAR O CINEMA. FAMILIARES E AMIGOS LIMITARAM-SE A COMENTAR: «ACTOR TU? COM ESSA CARA?», MAS QUANDO INTERPRETOU «O CASO IPCRESS» NÃO TARDARAM A MUDAR DE OPINIÃO

— Chamam-me Michael. «Senhor Caine» não soa bem. Pois é assim: tornei-me famoso e rico só à minha custa. De que me posso queixar? Trabalho numa coisa que me agrada e que durante anos fiz de graça; agora, pagam-me cifras fabulosas. E não só me pagam pelo trabalho, pagam-me viagens. Em primeira. E durmo nos melhores hotéis, como nos melhores restaurantes, ando com as melhores mulheres. E encontro-me com tipos importantes. Em Hollywood conheci o príncipe Filipe de Edimburgo. O meu pai ficaria especialmente emocionado se soubesse disso. Eu também fiquei emocionado. Nunca o tinha visto e eis senão quando, de repente, ele se põe a falar comigo. Foi num banquete, no dia do meu aniversário. Bem, o banquete não foi por causa do meu aniversário, foi em honra do príncipe Filipe, que estava na América não sei porquê. Fui com Shirley McLaine a casa de Danny Kaye, que faz umas belas comidas chinesas. O príncipe Filipe chegou de repente, reconheceu-me, elogiou-me pela minha actuação em «Ipccress» e depois fomos todos para a cozinha — imagine, fui para a cozinha com o príncipe! —, e Danny pôs-se a fazer aqueles seus deliciosos pratos chineses, com a nossa ajuda, e depois ficámos a comer durante pelo menos duas horas. Coisas que só acontecem na América. não acha?

— Acho.

— Eu gosto da América. Quer dizer, nunca deixaria Londres em definitivo, em Londres é que tenho raízes. Em Londres é que quero ser sepultado quando morrer. No entanto, não tenciono passar toda a vida em Londres, e na América sinto-me mais livre. Lá não há aristocracia, não há classes. E não julgam um indivíduo pela pronúncia. Aqui, pelo contrário, abro a boca e logo me julgam pela pronúncia «cockney» que ainda tenho. E percebem que não estive em Oxford, em Eaton. Não me importa nada não ter estado em Oxford, em Eaton. A cultura do actor é perigosa. O actor deve ter uma mentalidade infantil, absorver, assimilar tudo, como uma esponja. Eu leio doidamente, mas estou sempre atento para não me deixar influenciar por aquilo que leio, por grandes dúvidas histórico-filosófico-sociais, senão adeus dinheiro... Adeus luz eléctrica, gás, belas mulheres... Adeus...»

Continuou a falar. Deixei o gravador a funcionar, por engano, enquanto fui lá fora comprar cigarros, voltei, e vi então que tinha deixado o gravador ligado. Continuava a falar. É assim Michael Caine.

«Copyright Rizzelli Press — A. E. I.,
exclusivo para «O Seculo Ilustrado»

O MUNDO DE AMANHÃ

(Continuado da página 21)

Mas ao mesmo tempo, surgem os problemas do transporte dessas pessoas que saltarão do ar aos magotes, que serão «despejadas» nos aeroportos de todo o Mundo em quantidades enormes. Esses problemas não são insolúveis, mas implicarão enormes capitais. Por outro lado, a verdade é que seria totalmente inútil ir de Londres a Nova Iorque em menos de três horas e depois esperar muito mais nos autocarros, nas alfândegas, nas faixas de rodagem ou nas bichas.

A terceira tendência, a de construir aviões de aterragem e descolagem curtíssimas, é menos espectacular, mas poderá dar, quando superados certos obstáculos técnicos, um enorme impulso às ligações aéreas de breve e médio raio. Trata-se de realizar aviões seguros e económicos, que possam descolar e aterrar depois de poucos metros (uns cinquenta, por exemplo) e possivelmente em pistas rudimentares ou mesmo cobertas de erva.

Iremos de avião até para os locais de veraneio

Os resultados práticos alcançados até agora, relativamente ao tipo de avião de aterragem e descolagem curtas, ainda não são muito grandes. Todavia, ninguém duvida de que se chegará a fabricar um tipo de aviões prontos a circular entre uma cidade e outra, mesmo até entre uma cidade e um local de veraneio pequeno e recolhido.

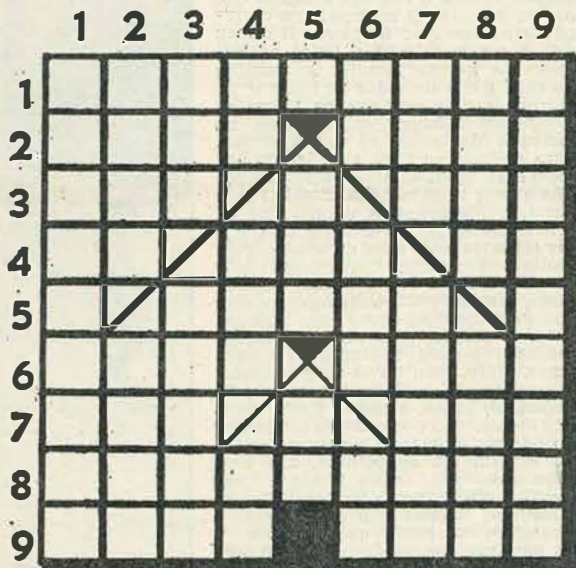
Este tipo de avião é mais difícil de construir, porque exige um abastecimento suplementar durante as breves descolagens e aterragens, feitas a pouca velocidade, e porque não é fácil mantê-lo em equilíbrio quando vai «devargar». Mas, na verdade, constitui o ponto intermédio ideal entre o helicóptero e o avião convencional. O helicóptero será sempre muito útil e até insubstituível para determinados usos específicos, mas dificilmente poderá progredir quanto a vantagens económicas e de velocidade quando em voo horizontal. O que não impede que venhamos a ter helicópteros cada vez mais potentes, capazes de erguer e transportar cargas enormes.

Qualquer destes tipos de aviões completará as funções de qualquer outro, numa evolução geral ordenada e harmónica.

A par destes aviões, há projectos de mísseis balísticos para passageiros, isto é, veículos que descolarão de pistas semelhantes a cosmódromos, que superarão a atmosfera terrestre, voarão no espaço e reentrarão nos estratos densos do ar pouco antes de pousar em terra, nos antipodas, depois de apenas 40 minutos de voo. Um programa fantástico, que se anuncia até 1980.

Palavras Cruzadas

PROBLEMA N.º 1586



HORIZONTAIS: 1 — A parte mais íntima (também é uma forma verbal, na 2.ª pess. do pl. do indicativo presente). 2 — Dar asas a...; recurso. 3 — Hóstia consagrada; elemento que entra na formação de certas palavras com a sign. de abelha. 4 — Símbolo do érbio; língua falada outrora no norte da França; paralisia. 5 — Provocam. 6 — Porca; pilha de coisas. 7 — Íntimo; dotes naturais. 8 — Proclamado. 9 — Realças; senhoras (t. bras.).

VERTICAIS: 1 — Palrarias. 2 — Segurar-se com as gavinhas; estaca a que se liga a videira, depois da poda. 3 — Negativa; coral azul. 4 — Símbolo do érbio; agora; forma do verbo ser. 5 — Cheguei; símbolo da prata. 6 — Batráquio; a casa (art. def. pl.). 7 — Altar; deslocai. 8 — Soluçã; costume. 9 — Ultrapassaríamos.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 1585

HORIZONTAIS: 1 — Corcova. 2 — Piora. 3 — Um; era; ar. 4 — Lá; mal; ró. 5 — Hem; mel. 6 — Emito. 7 — Sainete. 8 — Carnalite. 9 — Alão; amar.

VERTICAIS: 1 — Hulha; cá. 2 — Mãe; sal. 3 — Op; meara. 4 — Riem; mino. 5 — Coramina. 6 — Oral; tela. 7 — Vã; motim. 8 — Are; eta. 9 — Arola; er.

GRÁTIS

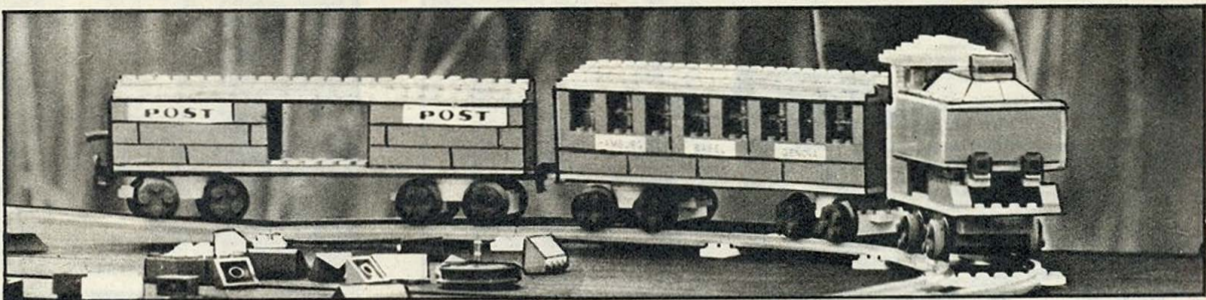
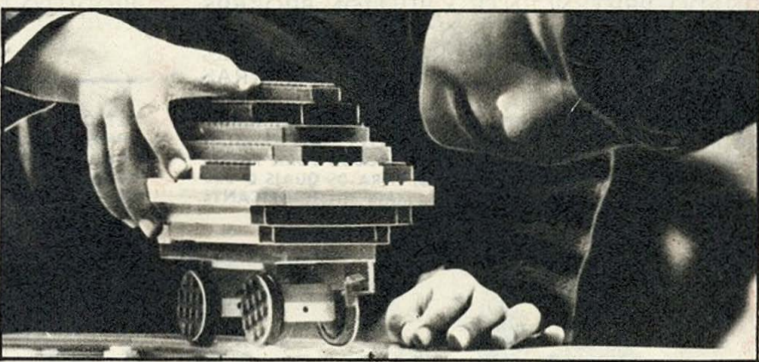
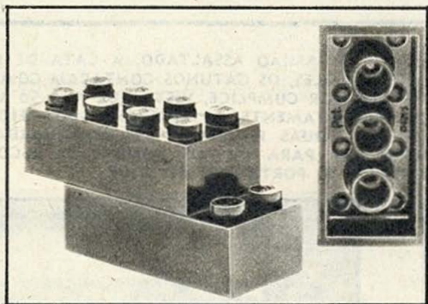
uma escova de dentes, na compra de

3 tbs. Pasta Cauto vulgar pequena
ou
2 tbs. Pasta Cauto vulgar grande
ou
1 tubo Pasta Cauto vulgar gigante

Se quer usar uma Pasta dentífrica qual-
quer, para lavar os dentes, prefira a
Pasta Cauto Vulgar, mas se quer evitar
doenças da boca e suas complicações,
então use PASTA CAUTO.

mas da MEDICINAL.

Legó, o que é?



Grande Novidade Legó !

Um motor de pilhas, carris com agulhas e cruzamentos e tudo o que é preciso para construir um comboio que marcha sozinho. Mas o motor poderá também ser adaptado a um carro, um barco ou um helicóptero, conforme se desejar.

Deixai o vosso filho decidir!

Sim, para vós, trata-se dum jogo de construção, pedras que se encaixam umas nas outras e se desencaixam depois facilmente.

Mas, para o vosso filho, será muito mais. Será aquilo que a sua imaginação quiser. É por isso que LEGO terá sempre para ele todo o encanto dum novo brinquedo.

Hoje, uma grande casa. Amanhã, um carrinho ou uma catedral majestosa. LEGO estimula a imaginação e dá às crianças a alegria de criar. LEGO é educativo, mas... echiu!... só os pais devem sabê-lo.

Mais de 21 milhões de crianças na Europa brincam com LEGO.



um mundo de prazer

DUAS TONELADAS DE OURO ROUBADAS NO CORAÇÃO DE LONDRES

DEPOIS DO CÉLEBRE GOLPE DO COMBOIO, VOLTOU A VERIFICAR-SE NA INGLATERRA UM ROUBO QUE SE INSCREVE ENTRE OS MAIS AUDACIOSOS (E «SUBSTANCIAIS») DA SUA HISTÓRIA: «ACTUANDO EM BASES RIGOROSAMENTE CIENTÍFICAS», UMA QUADRILHA APODEROU-SE DE 140 BARRAS DE OURO, NO VALOR DE 750 MIL LIBRAS (SESENTA MIL CONTOS), AO ASSALTAR, EM LONDRES, À LUZ DO DIA, UM CAMIÃO BANCÁRIO ESTACIONADO, PERTENCENTE À BULLION BROKERS AND MERCHANT BANKERS N. M. ROTHSCHILD.

ESTE ROUBO FOI O MAIOR ATÉ HOJE REGISTRADO NA GRÁ-BRETANHA ENVOLVENDO BARRAS

AGENTES DA SCOTLAND YARD PROCURARAM, A SEGUIR AO GOLPE, RECOLHER IMPRESSÕES DIGITAIS DOS ASSALTANTES NA CARROÇA-RIA DO CAMIÃO. AINDA NÃO SABIAM QUE O ROUBO FORA PERPETRADO POR CRIMINOSOS DE ALTO COTURNO, PARA OS QUAIS O USO DE LUVAS E MÁSCARAS CONSTITUI A MAIS INSIGNIFICANTE DAS CAUTELAS

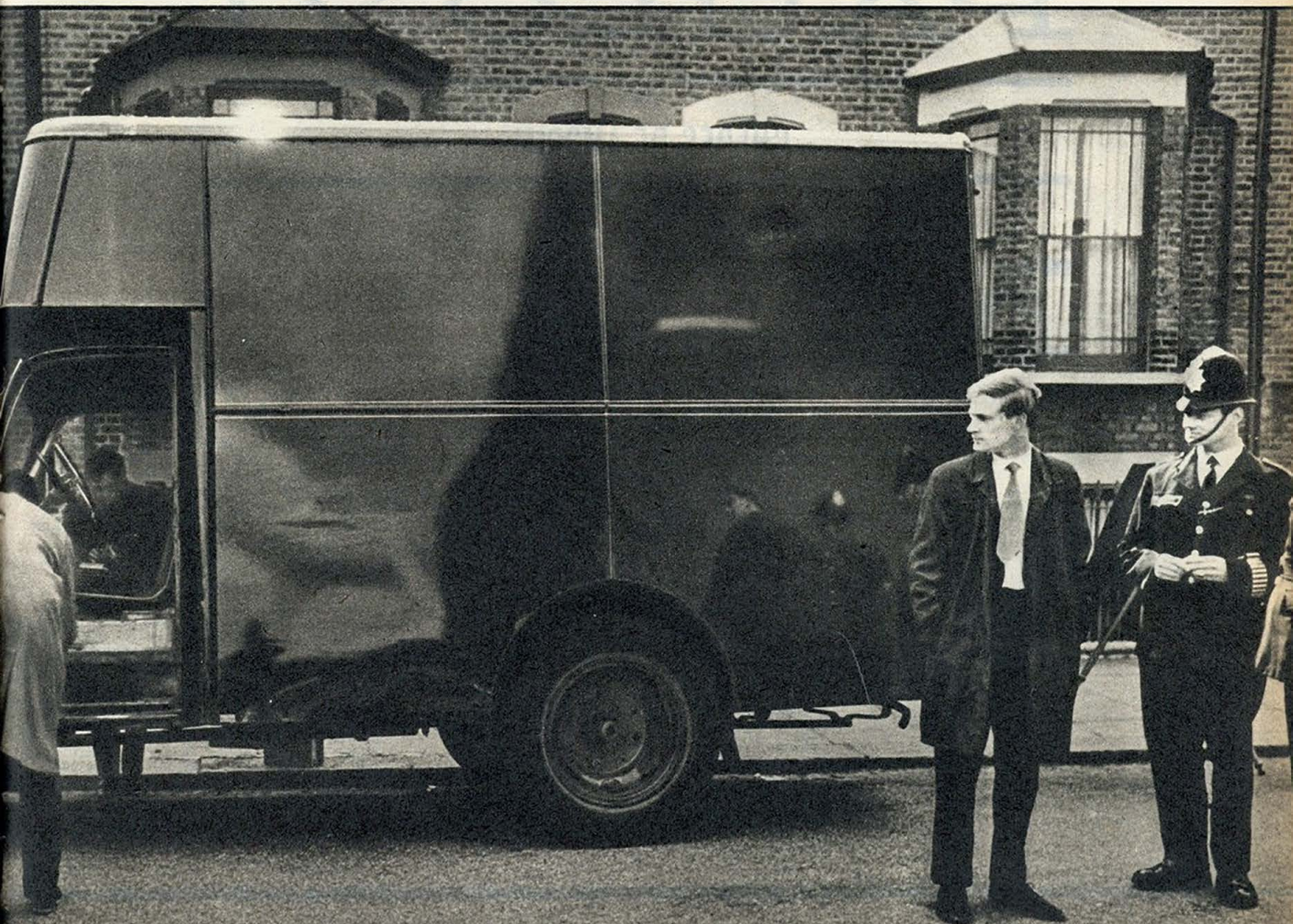
DE OURO, E NA DESCOBERTA DOS SEUS AUTORES ESTA EMPENHADA A SCOTLAND YARD EM PESO, ALÉM DA INTERPOL, POIS PREVÊ-SE QUE O OURO, PRATICAMENTE INVENDÁVEL EM INGLATERRA, VENHA A SER OBJECTO DE UM ENVIO CLANDESTINO PARA QUALQUER OUTRO PAIS. ENTRETANTO, ESTÁ FIXADA UMA RECOMPENSA DE MIL LIBRAS PARA QUEM QUER QUE DECISIVAMENTE CONTRIBUA PARA A RECUPERAÇÃO DO PRODUTO DO ASSALTO.

DETECTIVES EXAMINAM O CAMIÃO ASSALTADO, À CATÁ DE POSSÍVEIS INDÍCIOS. SEGUNDO ELES, OS GATUNOS CONTARAM COM UM FUNCIONÁRIO DO BANCO POR CÚMPlice, VISTO QUE NÃO SÓ MOSTRARAM CONHECER PERFEITAMENTE O ITINERÁRIO DO VEÍCULO COMO AINDA O SINAL — DUAS PANCADAS NA RETAGUARDA — QUE ERA NECESSÁRIO DAR PARA QUE OS HOMENS DA ESCOLTA ABRISSEM A PORTA DO INTERIOR





DA ESQUERDA PARA A DIREITA: RICHARD BREW, WALTER CLEMENTS E JOHN CHANDLER, OS TRÊS TRIPULANTES DO CAMIÃO BANCÁRIO ASSALTADO. OS ASSALTANTES CONSEGUIRAM DOMINÁ-LOS ALVEJANDO-OS COM UMA ESPÉCIE DE PISTOLAS LANÇADORAS DE JACTOS DE AMONÍACO

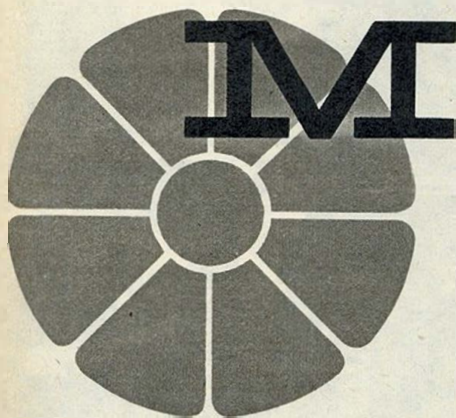


50 anos de oração

Grandiosas comemorações na Cova da Iria com a presença de **PAULO VI**

por

GUEDES DE AMORIM



MAIO abundante de sol, era dia 13, um dourado domingo. Do logarejo de Aljustrel, uma vintena de casitas, tinham saído muito cedo quase todos os moradores, pais e filhos, com as melhores andainas e devoção religiosa, a cumprir o preceito dominical, na capela de Boleiros (Ourense). «Ite missa est». Ficavam os mais velhos a despedir-se do padre, que ia de novo celebrar, ao meio dia, na antiga igreja de Fátima, de que era prior, mas logo três crianças, Lúcia, Francisco e Jacinta largaram, de regresso, a correr por carreiro ladeado de oliveiras, favais e trigo a madurar. (Flores da terra, almas destinadas aos jardins do Céu). Não demorariam a conduzir o rebanho ao pasto, mas pensavam só na brincadeira. Desjejuaram. sopa de hortaliça, um bocado de pão de cevada, e, já cada qual com o seu farnelzito, tiraram o gado dos currais e tocaram-no para a Cova da Iria. Entre tojo e carrasqueiras, muros de palmo a proteger alguns pedaços de terra cultivada, era, no planalto, de frente à cadeia montanhosa da serra de Aire, sítio de bom pascigo. Propriedade dos pais de Lúcia. Vidas a desabrochar, lá vão os zagaletes, saltando e cantando através da charneca. Redolente o ar, flores por toda a parte.

Dia glorioso. Pelo caminho, encontraram uma mulher vestida de noite: olhos baixos. coração de luto. Um ano antes ou pouco mais, havia Portugal entrado no incêndio europeu, mas desde 1914 que lutava e sofria em Moçambique e Angola. Eram já passados três invernos de metralha. Mais de metade da Europa mergulhava nas encruzilhadas de fogo. Como furacão desatado do Inferno, a sangrenta desordem-matança sacudia o Mundo. Das várias frentes de batalha, colhia-se pelos jornais noticiário de muita inquietação e pouca esperança.

(Do «Seculo», 13 de Maio: «A insistência dos ataques aliados, o seu significado moral e militar, o recrudescimento da acção na Macedónia». Paris: a luta de artilharia foi violenta durante a noite: os destacamentos franceses penetraram nas linhas alemãs ao norte de Bezouvaux e em vários pontos da Alsácia: 13 submarinos austríacos afundados: a imprensa parisiense continua a elogiar o Corpo Expedicionário Português. Lisboa: o Governo adquiriu em Itália 80 camiões Fiat que devem chegar à capital por todo o mês corrente: o «Seculo» está a construir o grande barracão, no interior dos seus edifícios, onde, na semana próxima serão distribuídos mais de 500 litros de sopa aos necessitados: há falta de pão: no Campo Grande e na Av. da República foram assaltadas diversas padarias: o «Diário do Governo», de



ontem, publica o despacho de 10 do corrente mês, dando consentimento ao sr. dr. Afonso Costa, presidente do Ministério e ministro das Finanças, para aceitar do governo espanhol a Grã-Cruz da Ordem de Carlos III: o conselho de ministros reuniu, de tarde, no Ministério das Finanças, continuando a ocupar-se de providências sobre as questões das subsistências, carvão, transportes marítimos, etc.; consta que vão ser exonerados alguns vogais da comissão de censura à imprensa de Lisboa, que ultimamente têm demonstrado uma certa falta de critério no desempenho das suas funções: os operários do vidro, na Marinha Grande, embora a empresa arrendatária da Fábrica Nacional de Vidro tivesse mandado encerrar os trabalhos, tomaram os seus lugares, impedindo que os fornos fossem apagados).

2

Francisco e Jacinta contam, respectivamente, nove e sete anos, separados os coisass assim como vinte meses, e são primos de Lúcia, que já vai nos dez (Esta tornar-se-á protagonista principal do dia que está decorrendo. Quem o sabe, porém?) As ovelhas rapavam erva. Por seu turno, os pequenos rodopiavam e cantavam. e, ao cabo, deitaram-se à merenda: pão, uma sardinha, azeitonas. Rezaram de seguida o terço, abreviadamente: como de costume, passando as contas, disseram só «Ave-Maria, Ave-Marias», e, chegando ao fim do mistério,

soltaram com muita pausa as palavras «Pai Nosso». Mais depressa não podia ser, a brincadeira não tolerava longos intervalos. Francisco tocava pífaro de cana, Jacinta preferia dançar, Lúcia, embora mais velhinha, não dizia que não à festança. Rapanco, as ovelhinhas acostumadas estavam ao folguedo. Mais curto que o habitual seria, contudo. A certa altura — talvez meio-dia, estava o Sol no zénite — veio inesperado vento, a seguir um relâmpago, aviso de trovoadas pela certa, o que levou Lúcia a mandar regressar.

Peregrino, que subiste o escadório e vais a entrar na Basílica: volta-te um instante para trás, pois, há oitenta e poucos anos, os pastorinhos estavam justamente onde te encontras, quando começou a relampejar.

Desceram-correram apressadamente, falando às ovelhas, empurrando-as com palavras-ordens, e, quando passavam junto de uma azinheira, viram pousada sobre os ramos, com leveza de arminho, uma «Senhora mais brilhante que o sol. Tinha as mãos postas um pouco acima da cintura e delas pendia um terço branco. Quase cegava a sua beleza.» Assustaram-se, quem se não assustaria? Logo, porém, a Senhora falou:

— Não tenhais medo. Eu não vos faço mal. Lúcia, ganhando coragem, perguntou então:

— Donde é Vossemeccê?

— Sou do Céu.

— E que me quer?

— Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos cada dia 13 e a esta mesma hora. Depois, direi quem sou e o que quero.

Lúcia desejou saber:

— Eu irei para o Céu?

— Sim, vais.

— E a Jacinta?

— Também.

— E o Francisco?

— Também, mas terá que rezar muitos terços.

Depois de atender a curiosidade de Lúcia, sobre a sorte-destino de amigas-vizinhas dos videntes, a Senhora interrogou:

— Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?

— Sim, quereimos.

— Ides pois ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.

Abriu as mãos, comunicando-lhes abundante, intensa luz, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais clara-

FÁTIMA

mente do que nos vemos no melhor dos espelhos, dirá a Lúcia, anos volvidos.

Peregrino: Queres entrar na Capelinha das Aparições? Descalça-te. Levantou-se ao mesmo a azinheira-altar, onde a Mãe das mãos apareceu aos três pequenitos. Olha: a azinheira, à direita, foi testemunha de tão extraordinária manifestação sobrenatural.

3

Encontrou esta assombrosa novidade sorrisos, troças, desconfianças. Haviam os pastorinhos combinado nada revelar. Porém, Jacintita (assim lhe chamava o pai), essa menina-madrugada, de coração a estoirar de alegria, dissera-o à mãe, que, embora sem acreditar, o fora espalhando. Não, ninguém acreditava. Nem o próprio pároco de Fátima, Padre Manuel Marques Ferreira, que, na sua relutância, daria a longa medida de prudência da Igreja. Até o Cardeal de Lisboa, D. António Mendes Belo, iria afastar com desdém a notícia: Três videntes de Nossa Senhora? Não. Três mentirosos!

Sabia Lúcia e sabiam os seus primos que haviam dito a verdade verdadeira. Jacintita vira e ouvira a Virgem Puríssima, Francisco (por sua insuficiência religiosa), apenas a vira, mas Lúcia, com os olhos, os ouvidos e a própria voz comunicara com a Mãe de Jesus. Haviam sido preparados, de resto, para esta comunicação sobrenatural, e para todas mais que iriam suceder-se. Meses atrás, no Cabeço, à lharga da pequena povoação de Aljustrel, colina de muitas oliveiras e boas pastagens, entre pedregulhos esfingicos, aparecera-lhes o Anjo da Paz, «jovem dos seus 14 a 15 anos, branco como de neve, de grande beleza, e que o sol tornava transparente como se fora de cristal», a dizer: «Os corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas. Têm sobre vós designios de misericórdia. Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios... em actos de reparação pelos pecados com que é ofendido, e de súplicas pela conversão dos pecadores.»

Porque apareceu o Anjo da Paz, a pedir, em nome do Céu, e não a mandar? Bem, a liberdade foi deixada, completa, aos pastorinhos, para que respondessem sim ou não ao emissário das Alturas, que viria a declarar-se como Anjo de Portugal, como poderiam ter respondido negativamente às pergun-



SUA SANTIDADE PAULO VI, O PONTÍFICE DA JUSTIÇA E DO PROGRESSO, QUE VEIO A FÁTIMA IMPLORAR A PAZ DO MUNDO

tas da Virgem Maria. Mas, respondendo-aceitando, iriam colaborar, impreconcebivelmente, no movimento suplicante da Igreja pela paz do Mundo. O Santo Padre Bento XV, triste e descoraçado ante a guerra e os grandes da Terra, dirigira (26-XII-1916), por meio do secretário de Estado, uma carta aos Bispos da Europa, suplicando-lhes que, no domingo, 30 de Julho, promovessem uma comunhão, o mais numerosa possível, de crianças, para obterem de Deus o ansiado dom da Paz.» (A. A. S. VIII, 217).

Espanto nenhum, dúvida nem em pensamento, sobre esta coincidência: Não continuava a Mãe do Salvador a ser mãe dos homens, ainda que destes tão esquecida? Abençoando a determinação do Papa, cremos mesmo que inspirando-a, vinha polsa Imaculada chamar vidas e almas em botão, de Portugal, para com vidas e almas nascentes de pureza, de toda a Cristandade, deter o justiceiro braço de Deus.

4

Tempo negro, tempo de calamidades! Desde Março que a Rússia, onde já o czar tinha abdicado, se precipitava para os rumos sem rumo de Deus. Não se ouvia nem queria ouvir-se, agora, a Flor do Altíssimo, o ar cheirava a pólvora. Vinham-se os homens enfrentando desde Agosto de 1914, como loucos profissionais da morte e de todas as misérias e desgraças que, desvaivada e criminosamente, para elas convergem.

(Londres, 13 de Junho: os Ingleses mantêm o inimigo ao norte de Neuve Chapelle, a leste de Arrmentiers e ao norte de Ypres. Paris: grande intensidade de artilharia no monte Cornillot, frente do Aisne. Para despesas da guerra, o governo elevou ordédito ao montante de 9 871 330 francos. Roma: os Italianos fixaram-se em Janina, e, com os anglo-franceses em Salónica, contribuem para o isolamento da Grécia. Atenas: o rei Constantino abdicou no príncipe Alexandre. Madrid: a Inglaterra vê com bons olhos qualquer aproximação hispano-lusa, com vista ao equilíbrio europeu: a Espanha encontra-se em plena revolução-pacífica: o exército contra o governo. Lisboa: chegam boas notícias do heróico comportamento dos soldados portugueses em Franco: não se cala, fizeram os tradicionais festejos a Santo António, mas a luz eléctrica manteve-se durante toda a noite: nos últimos dias, distribuiu-se correspondência procedente de Inglaterra, França, Suécia, Noruega, Holanda, Suíça, Itália, Dinamarca e América do Norte: o «Seculo» ofereceu, ontem, 730 litros de sopa aos pobres das freguesias próximas às suas instalações; e vão ser distribuídos 900 contos nas Colónias para atender aos seus «defeitos»).

5

Esta a verdade: Não havia a primeira visita da Virgem acordada a consciência religiosa de Portugal. Muito menos do Mundo, como do Céu se desejava. Escassas sessenta pessoas acorreram, por isso, à Cova da Iria aquando da segunda aparição. A terra escaldava, as pedras ardiam, só à sombra das carrasqueiras e azinheiras se respirava. Humilde gente do povo, na maioria mulheres de preto, com filhos e parentes queimados no braseiro da guerra, confiavam-se à Senhora das Graças. Destacase, pelos olhos iluminados de esperança, uma mulherzinha, que viera da sua cama de doente, a Maria Carreira, que vai aparecer na história de Fátima, que hoje entra no segundo capítulo-vivido, com o nome de Maria da Capelinha. Não faltaram os pastorinhos, trocando a festa de Santo António, de

OS TRÊS PASTORINHOS, JACINTA, FRANCISCO E LÚCIA, ALMAS DESTINADAS AOS JARDINS DO CÉU, A QUEM NOSSA SENHORA ESCOLHEU PARA FALAR A PORTUGAL E AO MUNDO



A CASA DOS MARTO, EM ALJUSTREL, HUMILDE MANSÃO DE NUMEROSA FAMÍLIA, EM QUE A EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA FOI SEMPRE ABUNDANTE



que eram muito agradados, pelo segundo encontro com a Mãe da Inocência, Lúcia, de joelhos, os dois companheirinhos na mesma, chegavam ao fim do terço, quando se deu o relâmpago, e, sem demora, Nossa Senhora de novo veio pousar na azinheira-trono. Com o coração cercado de espinhos, disse então à mais velha dos videntes: que voltassem no dia 13 do próximo mês, que rezassem o terço, intercalando nos Mistérios a jaculatória já ensinada. Aduziu:

— Quero que aprendais a ler, e, depois, direi o que pretendo mais.

Ainda que já o soubesse da primeira aparição, Lúcia, pede-lhe que os leve aos três para o Céu.

— Sim, à Jacinta e ao Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no Mundo a devoção ao meu Imaculado Coração. A quem a abraçar, prometo a salvação e serão queridas de Deus estas almas, como flores postas por mim a adornar o seu trono.

Assusta-se a pequena por vir a ficar sózinha, não sabia quando. A Mãe da Caridade tranquiliza-a:

— Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus.

Revelação de Lúcia: «Foi no momento que disse estas últimas palavras que a Virgem abriu as mãos e nos comunicou pela segunda vez o reflexo da luz imensa que a envolvia. A Jacinta e o Francisco pareciam estar na parte que se elevava para o Céu e eu na que espargia sobre a terra. A frente da palma da mão direita de Nossa Senhora estava um Coração cercado de espinhos que nele se cravavam. Compreendemos que era o Coração Imaculado de Maria, ultrajado pelos pecados da Humanidade, que queria reparação.

Enfim, lá vai alastrando, mas lentamente, a confiança nas Aparições. Abertos os corações puros, fechados os cérebros dos que, pelas limitações da ciência, julgam saber tudo. Não disse S. Paulo que a ciência apenas faz inchar? Pesa cada vez mais o suplicio dos pastorinhos. Os pais de Jacinta e Francisco, o casal Marto, de génio brando, inclinam-se a acreditar nos filhos; mas os de Lúcia, principalmente a mãe, essa inflexível sr.^a Maria Rosa, tradu-

OS PAIS DE FRANCISCO E JACINTA, MESTRES DE TRABALHO. HONRA E VERGONHA, QUE DAVAM AOS FILHOS GRANDES E NOBRES EXEMPLOS



SUA EMINÊNCIA O CARDEAL COSTA NUNES, LEGADO PONTIFÍCIO ÀS CERIMÓNIAS DO CINQUENTENÁRIO DAS APARIÇÕES NA COVA DA IRIA

zem dúvidas e relutâncias em palavras e gestos desabridos para com a pequena. Até com pancada. Algumas vizinhas colaboram, desalmadamente, na perseguição. Lúcia — a atormentada Lúcia, bem se pode dizer — jura e trejura que diz a verdade, os primos sustentam o mesmo. Resistem a esgotantes interrogatórios, de padres e crédulos, suportam os maus tratos. Não recomendou o Anjo que fizessem sacrifícios pelos pecadores? Pois assim procedem, gostando do que não gostavam, diria S. Francisco de Assis. De gostos de comer e brincar, sacrificam-se igualmente. Sem nunca esquecerem o terço. «Concentravam-se, meditavam e viviam em profundidade, esta belíssima oração.» A sofrer e a rezar apascentavam o gado. Ao começo da noite, os três somavam as dores do novo dia, à beira do poço chamado da Lúcia, onde o Anjo lhes fizera a segunda visita. Vão subindo, subindo o seu calvário, porque têm já

a intuição de que, pelo calvário próprio, é que cada um se identifica com Cristo.

Um dos cronistas de Fátima: «Na ordem actual da Providência é sempre assim. Aos seus amigos mais íntimos e mais queridos, Nosso Senhor oferece, não uma coroa de rosas, mas de espinhos; não os conduz ao Tabor, mas ao Calvário; não lhes dá riquezas, honras, prazeres, mas um cálix de ignomínia, uma pesada cruz.

6

Pior o que está ainda para chegar. Começa certa Imprensa a zombar das aparições da Virgem, do fanatismo do povo, fala-se de cegueira e superstição. Quem serão os cegos, porém? Há os que encontram antinomia entre República, Deus e Igreja, mas nota-se que alguns conscientes republicanos, não muitos, sal-

tam o fôssco da Lei da Separação, frequentam os templos, assistem à Santa Missa, recebem a comunhão.

Diversos destes lavados republicanos, aos quais exagero não será chamar genuínos democratas, aparecem na Cova da Iria: era sexta-feira, uma multidão de cerca de quatro mil pessoas viera assistir à terceira visita da Celestial Mensageira.

Despoimento de Maria Carreira: «Comecei a fazer ali em volta da azinheira uma limpeza, assim a modo de uma pequena eira, arrancando moitas e tojos, cortando outros rentes que até para isso trazia um serrote dos de podar as oliveiras. Tirava as pedras, e, por fim, atei uma fita de seda numa brasa da azinheira e fui eu que lhe pus as primeiras flores.»

Enquanto aguardam, muitos abrem talegas, cestos, merendeiros. Outros não tiram os olhos do Nascente. Por esta direcção virá a Mensageira do Amor e do Perdão. Há quem acredite, porém há quem duvide, e acha que justificadamente, baseado, precisamente, nos jornais de 13 de Julho.

(Lisboa: incerteza e ansiedade dos tempos! A capital assistida pela greve da construção civil; na Câmara dos Deputados, realizou-se uma sessão secreta: foi decretado que nas águas territoriais portuguesas seja proibida a pesca às embarcações estrangeiras; em Moçambique, as tropas portuguesas obtiveram êxito no Barué; consta que o ministro das Colónias recebeu um relatório do governador de Angola, acerca da revolta do sêntio em Amboim, Seles, e Novo Redondo; o «Século», com aspas em branco, em consequência da censura publica sob a rubrica «Rol de Honras», a lista dos soldados portugueses mortos em França e continua a distribuir milhares

LÚCIA, A VIDENTE QUE FICOU NO MUNDO PARA ENSINAR À HUMANIDADE O CULTO DO SACRADO CORAÇÃO DE MARIA, NASCEU NESTA CASINHA



FÁTIMA

de litros de sopa aos pobres. Paris: no Parlamento francês, durante sessão tempestuosa, Ribot falou dos pacifistas e Malvy das últimas guerras. Dublin: na Irlanda, as eleições traduziram uma vez mais o seu nacionalismo. Petrogrado: os russos tomaram Hailo, provocando a dispersão do exército austro-alemão. Basileia: o «kaisers» dirigiu ao chanceler Bethmann Holweg um reserito, dizendo-lhe que o projecto a submeter à Dieta, como complemento da menagem de 7 de Abril, deve ser estabelecido sobre a base do direito do voto igual. Londres: os alemães atacam sem êxito na região de Nieuport e retrocedem na África Oriental. Lisboa: em Londres e Petrogrado fala-se dos «Sarranos», nome genérico dado aos soldados portugueses, dizendo que cumprem heróicamente o seu dever).

Nossa Senhora, com o seu vestido resplandecente, o seu manto azul e o seu rosário, olha os pastorinhos de Aljustrel. Na frente da multidão, eles esperam, de mãos postas: com sorriso filial os olhos de Francisco; os da irmã florescem em oração; contudo, os de Lúcia estão baixos, tristes, dir-se-ia que amedrontados. O prudente prior de Fátima, obstinado em não acreditar, disse-lhe a ela e à própria mãe que visões como as da Cova da Iria podem ser, também, do Inferno. Sabe perfeitamente bem Maria Puríssima da inquietação que amaranha a pastorinha, e vai destruí-la, não demora muito, porém, diz-lhe antes de tudo:

— Quero que voltem aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o terço todos os dias em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz do Mundo, e o fim da guerra, porque só ela lhes poderá valer. Em Outubro direi quem sou e o que quero. E farei um milagre que todos hão-de ver para acreditarem. Sacrificai-vos pelos pecadores e diizei muitas vezes e em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: «O Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.

Nossa Senhora mostra então aos pastorinhos, em negra e rubra paisagem, o interior do inferno, com demónios e pecadores em brasa para provar às crianças, mensageiras da Mensageira, o contraste com a sua figura, magnífica de luz, e, ao mesmo tempo, o destino a que serão votados quantos se obstinarem no pecado.

Confissão de Lúcia: «... Vimos como que um mar de fogo e mergulhados nesse fogo os demónios e as almas como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas, com forma humana, que flutuavam no incêndio levadas pelas chamas que delas mesmas saíam juntamente com nuvens de fumo, caindo por todos os lados — assim como o cair das faúlhas nos grandes incêndios — sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor de desespero que horrorizavam e faziam estremecer de pavor. Os demónios distinguíam-se por formas horribéis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes como negros carvões em brasa.)

Aterrada! Lúcia sentia-se aterrada, os primeiros amaranhados de pavor igualmente. As suas vidências não tinham sido diabólicas, mas Nossa Senhora podia mostrar o horroroso destino dos condenados. E, meigamente, maternalmente, lançou por fim:

— Vistes o inferno para onde vão as almas dos pobres pecadores. Para os salvar quer Deus estabelecer no Mundo a devoção ao meu Imaculado Coração. Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar, mas se não deixarem de ofender a Deus, começará outra pior. Quan-



O POÇO DE LÚCIA, HOJE COMO HÁ CINQUENTA ANOS, E QUE FOI CENÁRIO DA SEGUNDA COMUNICAÇÃO DO ANJO DE PORTUGAL AOS PASTORINHOS

do virdes uma noite alumada por uma luz desconhecida, sabeis que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai punir o Mundo dos seus crimes, por meio da guerra, da fome e da perseguição à Igreja e ao Santo Padre. Para a impedir virei pedir a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem ao meu pedido, a Rússia se converterá e terão paz; senão, espalhará os seus erros pelo Mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja; os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas; por fim o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia, que se converterá, e será concedida ao Mundo algum tempo de paz. Em Portugal, conservar-se-á sempre o Dogma da Fé.

(Algo mais declarou aos pequenitos, julgasse que muito grave para o Mundo, porém, receberam ordem para o conservarem em segredo até um dia...)

7 Obedeciam os pastorinhos, fielmente cumpriam. Em casa dos Marto, a numerosa família, acostumada só a rezar o terço pela Quaresma, como os vizinhos, do mesmo modo em casa dos pais de Lúcia, rezavam-no todas as noites, mas não rigorosamente pelas intenções recomendadas pela Santa Virgem das Virgens. Subsistia por muitos lados a dúvida, alimentada de inflexibilidades e desvalimentos, ainda que viesse aumentando, também, o número dos que acreditavam, e, no final, repetiam as palavras que o Anjo de Portugal ensinara às crianças e lhes lembrara, mesmo, aquando da respectiva terceira aparição, na Lapa do Cabeço, quando lhes deu a comunhão: «Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo, peço-vos perdão pelos que não creem, não adoram, não esperam nem vos amam.»

Multidão duas, três vezes maior, cerca de quinze, dezoito mil pessoas, reuniu-se no rústico, natural cenário da Cova da Iria, para a quarta aparição. Constava já que Nossa Senhora transmitiria aos videntes, em Julho, grande, assustador segredo sobre o futuro do Mundo. Havia medos secretos. Que iria saber-se agora, nesta manhã de Agosto? Da azinheira-varanda, desfolhada primeiro pelos devotos, depois retalhada constantemente, para reliquias, restava somente pequeno tronco mutilado. A boa, dedicada Maria Carreira, das primeiras que acreditaram nas aparições, tinha conseguido armar, no local, um arco e adorná-lo com fitas e duas lanternas. Seria o imperfeito começo da Capelinha, e, em consequência, é que a dedicada mulher viria a dar-se o nome de Maria da Capelinha.

Aproximava-se o momento já tradicional, mais ou menos à volta de uma hora, porém os pastorinhos não acabavam de aparecer. Que teria acontecido? Fizeram-se logo espantosas (e contudo lógicas) conjecturas. Teriam finalmente confessado, como a mãe de Lúcia exigia e muitos mais reclamavam, teimosos em considerar tudo invencionice, patranha da pueril fantasia, mentiras de imaginações incontraídas? Não. A notícia da verdadeira causa pouco demorou a chegar: Artur Oliveira Santos, o administrador de Vila Nova de Ourém, viera a Fátima numa «charrette» e raptara os pastorinhos! Exigia que os videntes se desdissem, desejo de conquistar para o seu conselho a flâmula de republicanismo sem Deus, sem crença, e, muito menos, sem Visões Celestiais. Esfregaram as mãos os inimigos das aparições da Virgem. De indignação, clamaram os crentes mais exaltados, ameaçando correr sobre Ourém e deitar fogo à administração do concelho. Os que rezavam o terço mais alto, mais fervorosamente rezaram. O Céu havia falado por intermédio de Portugal ao Mundo, e, em vez de escutarem os videntes, perseguiam-nos e tratavam-nos como criminosos. Queriam que se confessasse nos homens, mas, no exame dos dias, os homens, próximo e longe, prestavam com razão e sem ela péssimas provas.

(Lisboa, 13 de Agosto. Agitam-se os operários do Estado, na Imprensa Nacional, na Casa da Moeda, no Arsenal do Exército, no Arsenal da Marinha e na Cordaria Nacional, reclamando contra a carestia da vida: foram ontem inaugurados os trabalhos da construção do monumento ao Marquês da Pombal, com grande concurso de povo e a assistência do dr. Bernardino Machado. Chafa do Estado: votaram-se, na Câmara dos Deputados, moções apresentadas na sessão secreta: e, continuando a distribuir sopa aos pobres, o «Seuol» adverte que estamos em guerra e que todos devem sacrificar-se por todos. Londres: os ingleses defendem-se com valentia e proberdam na região de Ypres. Paris: da Bélgica à Alsácia, encontros, avanços, êxitos e reuões: Madrid: greve dos ferroviários e agitação nas Astúrias, declarando Dato que tudo será reprimido e, Sanchoz Guerra, por seu turno, ameaça a Imprensa com a censura. Dizem de Amesterdão que todos os edifícios particulares e públicos de Gand estão cheios de soldados alemães, 33 dos quais foram fuzilados por não quererem assuilar para a frente: Roma: italianos e austriacos travam ferozes combates: Genebra: corre o boato de que Lenine se encontra na Suíça).

Obstinado na sua cegueira (nunca certa desvalrada política terá olhos completamente abertos para a sobrenaturalidade...), bem procurou o administrador de Ourém dar realização ao seu negro projecto, provando que eram falsas as aparições e o segredo não existia. Chegou a meter as crianças na cadeia, junto com cadastrados: não se inquietaram os pequenos, rezando a certa altura com os reclusos do terço, (se é que estes sabiam re-

zar). Nada conseguiu. Inquisitivo, declarou então que os mataria, caso não confessassem como haviam apatranhado tudo aquilo. Tranquilos, mantiveram-se firmes. E não tremaram nem mudaram de ânimo, quando o ferabrás lhes disse que ia atirá-los para grande caldeirão de azeite a ferver. Sorriam, até cantaram, e não por inconsciência. Quanto mais depressa morressem, mais depressa iriam para o Céu.

Vencido, o administrador teve que reconduzir a Fátima os pastorinhos (15 de Agosto), e, decerto, não teria escapado com vida, tamanho o furor dos que acorreram, se não fora a rápida, cordata intervenção do pai Marto.

Triste o povo que havia ido à Cova da Iria, sem que a quarta aparição se houvesse verificado; desoladas, por seu turno, as crianças por terem involuntariamente faltado ao compromisso com Nossa Senhora. Não mostravam suas lástimas, porém. Algo lhes dizia que a Medianeira não deixaria de manifestar-se muito em breve. Continuavam nos seus sacrifícios, compreendendo-os, e bem, como degraus para a conversão dos pecadores. Cingiam-se mesmo com grossa corda, que a Lúcia, um dia, encontrara, quando levavam o gado para a serra. Pessoa alguma tinha conhecimento deste e doutros sacrifícios. Em silêncio, sofriam. A ninguém revelavam as unhas do sofrimento. Apenas às ovelhinhas, mas sabiam que os animais eram de segredo.

Com efeito, a 19 de Agosto, também domingo, a Virgem Maria apareceu-lhes nos Valinhos.

Peregrino: encontrarás, entre a povoação de Aljustrel e a Loba do Cabeço, um altar-monumento, aberto, com formosa imagem da Virgem: foi justamente aí que se deu a quarta aparição.

No diálogo com a Branca Protectora, Lúcia obteve esta primeira resposta:

— Quero que continueis a ir à Cova da Iria, no dia 13, e rezeis o terço todos os dias. Rezaí muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por eles.

Depois, sobre o dinheiro que o povo deixava na Cova da Iria:

— Façam dois andores: um leva-o tu com a Jacinta e duas meninas vestidas de branco, outro leva-o Francisco com mais três meninos.

Pedi de novo a vidente a Nossa Senhora que fizesse um milagre, que destruísse todas as dúvidas, com que a martirizavam a ela e aos primos.

— No último mês, em Outubro, farei um milagre para que todos creiam nas minhas aparições. Se não vos tivessem levado, o milagre seria mais grandioso. Virá São José com o Menino Jesus, para dar a paz ao Mundo. Virá também Nosso Senhor, para abençoar o povo. Virão ainda Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Dores.

8 Crescentes ansiedades por todo o Portugal católico, milhares de peregrinos preparavam-se para acorrer ao local das aparições, na diocese de Leiria, destinado a transformar-se, dentro de alguns anos, em Altar do Mundo. Mais frequência do que nunca terá a quinta manifestação da Mãe Corredora. Já se reza o terço mais do que se rezava, nas casas dos ricos e dos pobres. Juntam-se as mãos, as bocas falam a Deus, por intercessão da Sublime Advogada, a vida dos vivos e a alma dos mortos são-lhe confiadas. Quem deu Jesus ao Mundo indicada estava para dar os homens a Cristo, diria S. Luis de Montfort. Claro, há também descrenças e demências, alardeadas em folhas diárias, e não menos frequentes insultos, saídos das alfurjas. Estão, porém, as três crianças, do seu lado, já bem secundadas por milhares de crentes, que esperam e amam, mas o administrador de Ourém, a remoer o seu grande fracasso, encontra-se numerosamente acompanhado, igualmente, de pertiñazes na negação. Portugal vai dividido perante Fátima e a mesma divisão apresentará, não

SENHORAS DE OURÉM, COM OS VIDENTES, SOB O SINGELO ARCO LEVANTADO NO MESMO SÍTIO ONDE, MAIS TARDE, SERIA CONSTRUÍDA A CAPELINHA DAS APARIÇÕES



demora anos, o Mundo todo: de um lado, reduzido, reduzidíssimo número de praticantes católicos, defendendo todos os minutos de quedas e perdições, e, do outro lado, número enorme, quase incontável de inimigos de Deus, afogados até ao cabelo em pecados.

Por todos os pecadores de Portugal e desse mundo além rezam e fazem sacrifícios os videntes: passam dias sem comer, dão a merenda aos pobrezinhos que encontram pelo caminho quando vão com as ovelhas; e, pela fogueira de Agosto, suportando calor de matar, até levaram dias sem beber sequer uma gota de água. Bem, todos três se sacrificavam, mas era Jacinta, a linda menina-madragada, que mais exemplarmente se comportava: deixara de dançar, que tanto lhe agradava e para que tinha evidente jeito; deixara mesmo de brincar, que a sua idade exigia e explicava.

Lúcia fala da prima: «Ela era criança só de anos. No de mais sabia já praticar a virtude e mostrar a Deus e à Santíssima Virgem o seu amor pela prática do sacrifício. É admirável como compreendeu o espírito de oração e sacrifício que a Santíssima Virgem nos recomendou.»

Claro que Francisco e Lúcia com firme disposição se sacrificavam. Não se dirá o mesmo das censuras e acusações que os cegos que não queriam ver lhes faziam aos três. Sabia-se: a mais martirizada tinha sido a Lúcia e até pela própria mãe. Carinhosos os pais dos seus primos, haviam passado do sorriso da dúvida à seriedade da aceitação das visitas da Rainha do Céu. Por isso, ao ralar o 13 de Setembro, lá foram juntar-se à multidão na Cova da Iria. Trinta mil pessoas? Mais, decerto, que transformavam o local das aparições num mar de olhos rasgados de ansiosa espera, e que, à maior parte, lhes vinha do fundo da própria alma.

Lúcia, no Asilo do Vilar, a primeira casa religiosa em que esteve, recor-

daria, anos corridos: «Ao aproximar-se a hora fui para Cova da Iria com a Jacinta e o Francisco, entre numerosas pessoas que, a custo, nos deixavam andar. As estradas estavam apinhadas de gente: todos nos queriam ver e falar; ali não havia respeito humano. Muita gente do povo, e até senhoras e cavalheiros, conseguindo romper por entre a multidão que, à nossa volta, se apinhava, vinham prostrar-se de joelhos diante de nós pedindo que apresentássemos a Nossa Senhora as suas necessidades. Outros, não conseguindo chegar junto de nós, clamavam de longe: «Pelo amor de Deus pegam a Nossa Senhora que me cure o meu filho aleijadinho.» Outro: «Que me cure o meu que é cego.» Outro: «O meu que é surdo!» Vozes em lágrimas: Que me traga meu marido e meu filho, que andam na guerra; que me converta um pecador; que me dê saúde, estou tuberculoso, etc. Ali apreciavam todas as misérias da pobre Humanidade e alguns gritavam até de cima das árvores e paredes, para onde tinham subido com o fim de nos ver passar.

Dizendo a uns que sim, dando a mão a outros para os ajudar a levantar do pó da terra, lá fomos andando, graças a alguns cavalheiros que nos iam abrindo a passagem por entre a multidão.

Quando agora leio no Novo Testamento essas cenas tão encantadoras da passagem de Nosso Senhor pela Palestina, recordo estas que tão criança ainda Nosso Senhor me fez presenciar nesses pobres caminhos de Aljustrel à Fátima e à Cova da Iria, e dou graças oferecendo-lhe a fé do nos-



FÁTIMA

so bom povo português, e penso: se esta gente se abate assim diante de três pobres crianças só porque a elas é concedida misericordiosamente a graça de falar com a Mãe de Deus, que não faria se visse diante de si o próprio Jesus Cristo?...



Formoso esse 13 de Setembro, sexta-feira: um ventinho cortante, de manhãzinha, o sopro infalível da serra de Aire, mas depois deu em aquecer. Quando a Lúcia lançou o aviso, «Lá vem Nossa Senhora!», todos ergueram os olhos ao céu. Que viram? Que ouviram? Ouviram a mais velha dos pegureirinhos, nas suas perguntas, mas não apanharam as palavras da Virgem Maria, que foram estas: *Continuem a rezar o terço a Nossa Senhora do Rosário, todos os dias, para alcançarem o fim da guerra. Deitou então a pequenita que o povo gostaria de ter naquele local uma capela, e foi-lhe dito: Empreguem metade do dinheiro, que até hoje têm recebido, nos andores, e sobre um deles ponham Nossa Senhora do Rosário; a outra parte será destinada a ajudar a construção de uma capela.* A vidente, por último, confessou ser portadora de cartas e de um frasco de água de Colónia, oferta de dedicados crentes, mas a Senhora respondeu com a sua inalterável seriedade: *«Isso de nada serve para o Céu!...»*

Nada escutara a multidão do que a Virgem dissera, como não a tinha visto na sua intransferível beleza porque do Céu não haviam re-

cebido faculdades iguais às dos pastorinhos. Todavia, o que quase todos viram representara, na sua invulgaridade, sinais da quinta manifestação da Mãe do Céu, de Portugal e do Mundo.

De Mons. João Quaresma: «Ao meio-dia solar, fez-se completo silêncio. Ouvira-se o ciciar das preces. Súbitamente, soam gritos de júbilo... Ouvem-se vozes a louvar a Virgem. Braços erguem-se a apontar qualquer coisa no alto. «Ólhem, não vêm?...» «Sim, já vejo!...» A satisfação brilha nos olhos dos que vêm. No céu azul não havia uma nuvem. Também eu levanto os olhos e ponho-me a perscrutar a amplitude do céu, para ver o que os outros olhos mais felizes, primeiro do que eu, contemplaram. Com grande admiração minha vejo clara e distintamente um globo luminoso que se movia do Nascente para o Poente, deslizando lento e majestoso através do espaço. A meu lado, o meu amigo olhou, também, e teve a felicidade de gozar da mesma inesperada e encantadora aparição... quando, de repente, o globo com a sua luz extraordinária se sumiu aos nossos olhos. Perto de nós, estava uma pequenita vestida como a Lúcia e pouco mais ou menos da mesma idade. Cheia de alegria continuava a gritar: «Ainda a vejo, ainda a vejo... agora, desce para baixo!» Passados minutos, exactamente o tempo que costumavam durar as aparições, começou de novo a criança a exclamar, apontando para o céu: «Lá sobe ela outra vez!» — e continuou seguindo o globo com os olhos até que desapareceu na direcção do sol. — Que pensas daquele globo? — perguntei ao meu amigo, que se mostrava entusiasmado por quanto tínhamos visto. — Que era Nossa Senhora, respondeu sem hesitar.»

...E na suave noite setembrina, em que de novo a Divina Protectora falara para a universalidade do mundo cristão, por intermédio de três humildes e puras crianças portuguesas, alguns leitores das gazetas, dedo espatado nas notícias mais inquietantes, ao mesmo tempo que abanavam triste e significativamente a cabeça, reconheciam que, em verdade, só no regresso a Deus os homens encontrariam paz e salvação, tamanha a desordem, a injustiça, a miséria e a morte.

(Paris: grande crise em França. Washington: Wilson saúda os novos soldados preparados para combater em terra francesa.

Por diversas capitais, manifestações de ódio contra o «Kaiser». Lisboa: a greve dos Correios e Telégrafos afecta a vida portuguesa; os acusados do 13 de Dezembro, movimento organizado contra a partida de tropas para França, da sua prisão em Viseu, pela voz de Machado dos Santos, em entrevista concedida ao «Seculo», reclama contra as instalações e regime prisional.)



A verdade desceu do Céu! Nossa Senhora tem cumprido a sua palavra, nem podia ser de outro modo. Pediu aos três videntes que viessem todos os dias 13 à Cova da Iria, para ouvirem a sua palavra, e aparecera-lhes. Nem mesmo a 13 de Agosto

to faltou, ainda que os milhares de crentes não estivessem preparados, com a videntia indispensável, para a admirar. Muito menos para a ouvir. Alguns sinais, como aqueles que Mons. Quaresma verificaria em Setembro, convenceriam a maior parte da nova explosão de sobrenaturalidade. Mais a mandado de Satanás que da política, a triste fanfania da autoridade de Ourém não impediria que a quarta aparição viesse a repetir-se a 19, nos Valinhos. Entretanto, perguntava-se e continuaria a perguntar-se pelo tempo adiante: «Não poderia o Altíssimo ter obstado a essa tão abusiva e indesejável intromissão? Não poderia ter paralisado os movimentos daquele desvairado?» Sim, podia. Não se esqueça, porém, que Deus criou o homem em liberdade, e, pelo mau uso que desta faculdade fez é que o nosso antepassado, desobediente, caiu no pecado. Porém, a liberdade, dom divino, não lhe foi retirada após a queda, como o não seria aos seus descendentes em todas as gerações. Por Cristo, no Calvário, o homem foi mesmo libertado da divina condenação, se quisesse cooperar com a graça do Senhor. Porque escuta o Bem e faz o Mal é que fica na situação de pecador, pois a si mesmo se condena.

Está longe o administrador de Ourém de representar a população do País. Conhece Portugal a Bíblia, na sua maioria ama Cristo e Nossa Senhora. Filialmente. Bem mais

Pérolas MAJORICA® WORLD REG. TRADE MARK

O adorno mais precioso da mulher

Tão belas como as naturais dum Oriente tão maravilhoso que mesmo os Peritos sentem dificuldade em distinguilas.

INALTERÁVEIS • GARANTIA INTERNACIONAL • 5 ANOS

À VENDA NOS ESTABELECIMENTOS SELECIONADOS



RELOJOEIRO CURSO POR CORRESPONDÊNCIA

ESTUDE EM SUA CASA NAS HORAS VAGAS ESTA FASCINANTE PROFISSÃO!

O Curso mais simples e perfeito! Menoridades suaves!

UM DIPLOMA QUE SERÁ SEU ORÇULHO POR SEU DÍPTO EN APENAS 6 MESES

GARANTA O ÊXITO DE SEU FUTURO, COM ESTA RENDOSA PROFISSÃO!

GRÁTIS

com o primeiro livro de ferramentas que lhe enviaremos gratuitamente. V. já tem os seus conhecimentos e ganhará bem dinheiro.



Muito obrigado pela atenção. Estou formado e opto o trabalho com qualquer relógio. Meus dois colegas estão ansiosos por possuírem o mesmo Diploma que eu.

Antonio Agre Amorim
Rio - Portugal

"Estou considerando todos os aspectos de relógios sem qualquer dificuldade, graças aos ensinamentos recebidos desse Instituto".

Antonio Guilherme P. Silva
Biscoe - Colón Portugal



DIREÇÃO DO ENG. DMS DE MELO PIMENTA

INSTITUTO BRASILEIRO DE RELOJOARIA
RUA EMÍDIO MAAVRO - LUSO (PORTUGAL)

Solicite enviar-me Grátis, Folheto Ilustrado

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ PROV. _____

de metade acredita já nas aparições da Cova da Iria. (Até os ateus leais não-de acreditar, porém, ainda demora). As reservas de alguns padres, como as do pároco de Fátima, vieram também caindo. Todos os pensamentos se endereçam agora à próxima e última visita da branca Senhora do Santíssimo Rosário. Prometera fazer, nessa altura, um milagre — que milagre será? — para que todos se convençam, duma vez por todas, que a Lúcia, o Francisco e a Jacinta, escolhidos do Céu, são realmente mensageiros-videntes da Mãe Puríssima. Sabem rigorosamente as crianças que não têm faltado à verdade, mas, porque atormentadas de mofas e perseguidas de intoleráveis acusações, até enxovalhos, são elas mesmas que mais veementemente desejam o milagre, para que as deixem em paz.

Riem-se (e por quanto tempo mais?) os ateístas, que tanto têm contribuído para a desreligião, nestes últimos tempos, constringendo os crentes a uma espécie de culto em catacumbas, enquanto uma imprensa infrene de anticlericalismo vai acirrando as hostes maçónicas. E, quando alguns decididos homens de boa vontade pedem que se espere pelo 13 do antepenúltimo mês do ano, para ver se a Embaixatriz do Céu faz ou não o milagre, voltam a rir desabaladamente, garantindo: «Pois lá estaremos, também, para admirar... a grande farsa!»

Não faltou grande representação de ateus, maçons e anticlericais, realmente. (Para desfrutar a cara dos pacóvios religiosos...). Vieram mesmo alguns profissionais da maldade humana, com terríveis intenções, decididos a dar cabo dos pastorinhos quando se comprovasse a monumental mentira. Havia quem garantisse que seria esse o derradeiro dia dos videntes. Por isso, não faltaram os pais de Jacinta e do Francisco, gente sem jaça, e até a mãe e as irmãs da Lúcia, todos angustiados, mordidos de medo, porém, igualmente decididos a cair, junto das crianças, sob as garras dos assassinos.

Negrusco e gelado começou o dia, como costuma decorrer Outubro na serra de Aire. Apesar da hostilidade do tempo, milhares e milhares de pessoas convergiam, desde o dia anterior, para a Cova da Iria. Também alguns jornalistas (os primeiros historiadores de Fátima). Avelino de Almeida, grande redactor de «O Seculo», fixou mesmo, à sua maneira, e sem qualquer simpatia pelo sobrenatural, em larga reportagem, a véspera desse dia inolvidável, da qual vamos transcrever apenas alguns quadros:

«Homens e mulheres vão quase todos descalços — elas com saquitéis à cabeça sobrepujados pelas sapataras; eles, aborreado-se a grossos varapaus e cautelosamente munidos também de guarda-chuva. Dissimulam, em geral, alheados do que se passa à sua volta, num desinteresse grande na paisagem e dos outros viandantes, como que imersos em sonho, rezando numa triste melopeia o terço. Uma mulher rompe a primeira parte da Ave-Maria, a saudação: os companheiros, em coro, continuam com a segunda parte, a supplica. Num passo certo e cadenciado, pisam a estrada poeirenta, entre pinhais e oliveiros, para chegarem antes da noite ao sítio da aparição, onde sob o relento e a luz fria das estrelas, projectam dormir, guardando os primeiros lugares junto da azinheira bem-dita — para no dia de hoje verem melhor.

O sol nasce, mas o cariz do céu ameaça tormenta. As nuvens negras acastelam-se precisamente sobre as bandas de Fátima. Nada, todavia, detém os que por todos os caminhos e servindo-se de todos os meios de locomoção para lá continuam.

Pelas dez horas, o céu tolda-se totalmente e não tardou que entrasse a chover a bom chover.»

11

Calcula-se que para cima de sessenta mil pessoas vieram assistir à última aparição. Os crentes mais fervorosos, de caras ao temporal, não se arreceiam de atascar os pés no lamaçal, para verem de perto a azinheira, agora um toro ou pouco mais, na moldura de um arco improvisado, guarnecido de flores e fitas, com duas lanternas nas pontas — arranjo-oferta da Carreirinha, já se sabe. Há quem se queixe, e com razão, da chuva e do frio, mas ninguém arreda pé. Os



JACINTA, VENCIDA POR UMA PARALISIA, MORREU NO HOSPITAL D. ESTEFÂNIA, EM LISBOA: EIS O SEU TÚMULO NA BASÍLICA DE FÁTIMA, QUE RECEBE MUITAS ESMOLAS E ORAÇÕES DOS CRENTES

que acreditam e os que duvidam mantêm-se firmes. Contam-se centenas de veículos; e, muitos dos que vieram de carro, esperam, resguardados, observando a planície humana, lá em baixo, olhos frequentemente dirigidos ao Alto, na tenacidade da espera e da esperança.

Peregrino: Juízo, sobre fotografias que tenho na minha frente: aquilo semelhante oceano de chapéus-de-chuva, insulado de rostos inquietos e olhos inquiridores, na amplitude que iria do meio da esplanada, actual, até para além da Capelinha, impressionante espectáculo de esperança!

Hora grande, vontade de Deus, aviso para ser escutado! Falando para um grupo, dir-se-ia mesmo que para o País todo — ou para o Mundo? — um magro homem, barbas de profeta, cara molhada de chuva (ou lágrimas), repete palavras-pedidos, de oração e sacrifício, da Rainha da Paz aos pastorinhos, acabando por mostrar, indignado, como uma acusação, o jornal que estivera a ler dentro do carro.

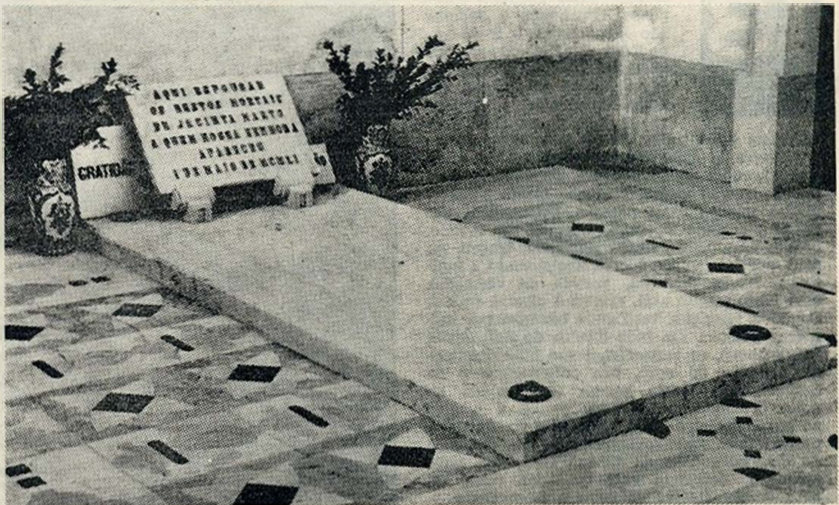
(Revolta na esquadra alemã. Paris: intensa actividade das artilharias beligerantes. Londres: Lloyd George pede aos agricultores que façam esforços para aumentar a produ-

cão alimentar da Grã-Bretanha. Na América do Sul, diversos países rompem com a Alemanha. Na Rússia, na Inglaterra, na França e Itália contia-se mais do que nunca na vitória dos Aliados. Lisboa: pede-se o barateamento do azeite. O «Seculo», com muitos espaços em branco, censurados, continua a receber protestos contra a carestia e mau fabrico de pão, e, em fundo, diz-se hoje, 13 de Outubro, às mulheres portuenses a pedir agasalhos para os nossos soldados que combatem em França).

Difícil a jornada até à Cova da Iria? Difícil para todos. Com tempo semelhante e tanto povo, como conseguiram as crianças chegar? Bem difficilmente. está claro. É o do pai Marto, honrado homem, que referiu como vieram, eles e os pequenos, desde Aljustrel, este flagrante dos minutos próximos da derradeira aparição:

«O povo era tão cerrado que não se podia furar. Foi então que um «chauffeur» levantou a minha Jacinta nos braços e aos empurrões abriu caminho até às lanterninhas, gritando: «Deixem passar os meninos que vieram Nossa Senhora!» Eu meti-me atrás deles e a Jacinta, aflita, por me ver no meio de tanta gente, pôs-se a gritar: «Não me apertem o meu pai, não me

SEGUE



FRANCISCO, APANHADO PELA PNEUMÓNICA, TEM O SEU TÚMULO, TAMBÉM, NA MESMA BASÍLICA, PERANTE O QUAL TODOS OS PEREGRINOS AJELHAM

FÁTIMA

12

sageira de Deus. Lúcia, imediatamente, elevou a voz: «Já lá vem Nossa Senhora! Já lá vem Nossa Senhora!»

Aquele povo imenso, na sua quase totalidade, caiu de joelhos. Já os três videntes desfrutavam o inolvidável quadro: Nossa Senhora, Rosa do Criador, pousara ao de leve, levezinho, sobre os restos da azinheira, de novo ornado de flores e fitas pelas mãos da Maria Carreira, cujo filho — (já anda em dias de 1957, na área do Santuário, para quem o queira ver) —, de nome João, viria a ser um dos beneficiados da Senhora dos Aflitos.

— Que é que Vossemeccê me quer? — perguntou a Lúcia ainda desta vez.

— Quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuem a rezar o terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para suas casas.

— Eu tenho muitos pedidos. Quer cumprí-los ou não?

— Alguns sim, outros não. É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados.

Nossa Senhora, mostrando rosto triste, continuou:

— Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido!

— Não quer mais nada de mim? — perguntou a pastorinha.

— Não quero mais nada.

13

Viram com pesar os pastoresinhos Nossa Senhora afastar-se. (Francisco e Jacinta não demorariam a ir vê-la, no Céu). E afastando-se, com as mãos abertas a Mãe de Jesus Cristo projectava intensa luz no disco solar. Ouviu-se logo o convite-ordem de Lúcia à multidão: Olhem para o Sol! Mas, o milagre, o esperado milagre? As crianças, aguardando-o confiadamente, recebiam o prémio de outras visões, com que foram contempladas muitas mais pessoas. Primeiro, a Sagrada Família: S. José, vestido de branco, com o Menino no braço esquerdo, traço, no azul, por três vezes, a cruz abençoando a multidão. Nossa Senhora, vestida de vermelho, com lindo manto anil, estava à direita do Sol. Segunda aparição, verificada também por inúmeras pessoas. Do lado direito do Sol, Jesus, maravilhoso, de vermelho, e sua Mãe Santíssima, vestida de roxo, nas características da Senhora das Dores, porém sem espada no peito. Também o Salvador deu uma bênção ao povo. Terceira visão, esta mais fixada pelos pastoresinhos: nas características de Senhora do Carmo, a Mãe da Divina Graça de novo apareceu, deixando cair qualquer coisa da mão direita (talvez de novo o escapulário...).

«O milagre? O milagre?» A multidão o esperava, sem saber que as visões o haviam pre-

faciado. «A uma hora da tarde, parou a chuva. O Céu tinha um tom acizentado e uma claridade estranha que iluminava a vastidão árida e trágica da paisagem triste, cada vez mais triste.» Parecia de prata fosca, o Sol podia ser olhado de frente, não feria os olhos de ninguém. E, ainda se prendiam todos à desesperada interrogação, viu-se que o Sol rodava e girava em volta do círculo das nuvens afastadas. A multidão caiu de joelhos, mãos postas, aos gritos: «Milagre! Milagre!» Parecia que o astro vinha cair sobre a multidão e esmagá-la. «Milagre! Milagre!» Chorava-se, suplicando a misericórdia de Deus, julgava a maioria ter chegado o fim do Mundo! Foram dez minutos, com abundâncias de arco-íris, que deixaram tudo seco e perfumado à volta da multidão; um instante, que iria dilatar-se por meses, anos, tempos futuros, em confirmação da veracidade dos videntes; enfim, um milagre como prólogo de várias datas e milhares de outros milagres, que iriam articular a inconfundível história futura de Fátima.

5-4-1919: morte de Francisco em Aljustrel, 20-2-1920: morte de Jacinta, no hospital D. Estefânia, em Lisboa. 17-5-1921: Admissão de Lúcia no Asilo de Vilar (Porto). 13-10-1921: o bispo de Leiria autoriza que se celebre uma missa para os peregrinos de Fátima. 6-3-1922: Ataque dinamitista à Capela das Aparições. 13-3-1922: Solene procissão de desagravo. Mais de 10 000 pessoas. 13-2-1924: Celebra o padre Afonso Soares a primeira missa, na Capela das Aparições. 2-10-1926: Lúcia segue do Asilo de Vilar (Porto) para o noviciado das Doroteias, em Tui, tomando o nome de irmã Maria Lúcia das Dores. 26-6-1927: Inauguração da Via-Sacra, primeiro acto religioso-oficial, a que presidiu o bispo de Leiria. 13-5-1928: Bênção da primeira pedra da Basílica. 3-10-1928: Lúcia professa como Irmã Coadjutora. 3-10-1934: Votos solenes da Irmã Maria Lúcia das Dores. 13-5-1946: Realiza-se, em Fátima, perante imensa multidão de todo o País a imposição da coroa de ouro à imagem de Nossa Senhora. O Santo Padre fala pela segunda vez aos portugueses, no nosso idioma, acerca de Fátima. 24-3-1948, Lúcia passa das Doroteias para as Carmelitas, entrando no convento de Santa Teresa, de Coimbra.

14

Louvores a Fátima, glória a Fátima! Por terra as dúvidas, vencidas as relutâncias, convencidos os prudentes e cautelosos, sem dúvida justificados.

Declaração de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal-Patriarca de Lisboa.

«Não foi a igreja que impôs Fátima, foi Fátima que se impôs à Igreja.»

Abram-se as almas em graças! Todavia, nas jubilosas comemorações, do cinquentenário que hoje se completa, espregue uma interrogação: Terá o Mundo, nestes cinquenta anos decorridos, procurado o Céu através de Fátima e da sua Mensagem? Quando se escreve Mundo pensa-se, realmente, no Mundo todo, porém deseja-se indicar, especialmente, o mundo católico, de todos os ritos, e até só os cristãos, pois, da população mundial, com mais de dois bilhões de pagãos, apenas uma quinta parte conhece a Revelação e a Salvação. Sobre os cristãos, católicos ou não, recaiu principalmente a responsabilidade da expansão da Mensagem de Fátima, por isso a eles deverá perguntar-se, consequentemente, se a têm dedicadamente cumprido. Fervorosamente, com o terço, os sacrifícios e os primeiros sábados de cada mês em reparação ao Sagrado Coração de Maria. Responda cada um por si e para si mesmo. Perante Deus, recomenda-se o exame de consciência pelo menos ao fim da jornada de cada dia. Façamo-lo nós, católicos portugueses, especialmente na Cova da Iria, convictos de que, a Portugal, nascido dum movimento de cruzada cristã, foi dada missão especial pelo Céu.

Do padre Oliveira de Jesus, eminente orador sagrado, pároco da Igreja da Encarnação (ao Chiado), que reacendeu por todo o País o culto do Anjo de Portugal: «Tal como a pequena nação hebraica, criada por Deus, para nos dar a Bíblia, a esperança da salvação eterna e o próprio Salvador, assim deve Portugal caminhar na Terra, de olhos postos no sobrenatural: a fidelidade ou infidelidade a esta vocação, é condição para nós de vida ou de morte, de declínio ou de progresso, de estabilidade ou instabilidade, conforme a nossa multisse-

NA LOCA DO CABEÇO, EXACTO LOCAL DA VISITA DO ANJO DE PORTUGAL, ENCONTRA-SE ESTE EXPRESSIVO MONUMENTO QUE REPRESENTA O EMISSÁRIO DO ALTÍSSIMO A DAR A COMUNHÃO AOS PASTORINHOS



cular História o confirma. Por conseguinte, a dedicação a Fátima representa o presente e o futuro da Nação, como implicitamente pode representar o futuro da Humanidade. Foi-nos pedido oração e penitência. Façamo-las, E, armados do Rosário, conseguiremos vencer a guerra da Paz no tempo das guerras de paz difícil e incerta.»

15

gredo, em carta fechada, a D. José Alves Correia da Silva, prelado de Leiria, o bispo das Aparições, que, por intermédio de S. E. o Cardeal-Patriarca de Lisboa, a remeteria ao Santo Padre.

Do segredo foram já divulgadas duas partes. Aguardada desde longe, a terceira parte, a última, tem sido motivo para ingénuas, absurdas e mesmo trágicas especulações. Terá contribuído para tanto a transferência da data para conhecimento público do já famoso envelope. Ninguém sabe todavia de que se trata, a não ser quem indicado estava para o saber. Contudo, sem esforço se poderá concluir que, se não fora grave advertência — ou condenação — há muito teria sido revelado o seu conteúdo. Por isso mesmo, admitindo-se como de suprema gravidade a derradeira parte do segredo de Fátima, vamos aceitar que o Pecado continua a magoar o Altíssimo, pois foi ele, doença das doenças de perdição, que, por misericórdia divina, fundamentou as visitas à nossa terra da Mãe Advogada.

Do dr. Luis Gonzaga da Fonseca, S. J., começando por considerar o pecado «o único verdadeiro mal e causa de todos os males... no tempo e na

eternidade. Demonstra-o a teologia à luz da Revelação; repetem-no as aparições da Fátima. Já nas do Anjo aparece em alto relevo. Na primeira, o celeste pedagogo ensina a orar pelos Impios e ateus. Estava-se em meio da primeira guerra mundial; ia entrar em campo o bolchevismo anti-religioso e materialista com a sua vanguarda de ateus militantes. Na segunda, insiste: «Oral, sacrificai-vos em reparação de tantos pecados com que o Altíssimo é ofendido.» Na terceira, salientam-se os «sacrilégios contra a divina Eucaristia», mas no fundo negro adivinham-se todos os pecados da Terra. Mais ainda em todas as aparições da Virgem. Na primeira, os inocentes são convidadas a «sacrificar-se e sofrer tudo — e será muito! — em desagravo por tantos pecados...» — Na segunda, os espinhos que cercam e pungem dolorosamente o Coração Imaculado. — Na terceira, a revelação reveste aspectos apocalípticos: é o pecado que incessantemente povoa de almas o inferno e lá alimenta o fogo inextinguível: sobre a Terra é a causa principal das grandes calamidades com que a Justiça divina pune as nações; foi-o da guerra presente, são-á de novas, mais horripáveis... Por isso volta insistente a recomendação de orar e sacrificar-se, a qual, a 19 de Agosto, soa como um grito lancinante do Coração materno: Olhai que vão muitas almas para o inferno, por não haver quem se sacrifique por elas! — Enfim, a 13 de Outubro, a Mensagem: uma frase breve mas de alcance incalculável, que abraça o tempo e a eternidade. Com razão escreveu a vidente: «Que amorosa queixa e que terno pedido! Quem me dera que ele ecoasse pelo mundo afora e que os filhos da Mãe do Céu ouvissem o som da sua voz.»

16

Bem sabemos: Vivesse o homem em pureza, não teria Jesus sido crucificado; vivesse, nos modernos tempos, longe do pecado, não apareceria o imaculado Coração de Maria cercado de espinhos como apareceu aos pastorinhos.

Vem muito a propósito outra pergunta: quem duvida hoje da «irrupção brutal» do sobrenatural em Fátima, conforme a expressão de Paul Claudel? Pode muito a negação, muito podem as recusas premeditadas e construídas, também. Mas, ante a abundância de provas convincentes, nem os ateus poderão já duvidar. Ninguém de boa fé deixará de reconhecer que, por intercessão da Virgem de Fátima, se têm realizado milhares de milagres. Acorrem as multidões à Cova da Iria, rojam-se cidades e aldeias à passagem de Maria Peregrina, Mãe de todos os caminhos, na visita aos Continentes. Provas de vários milagres mostram-se no Museu do Santuário, assim como por esse mundo fora, doentes de várias doenças, que a Medicina havia já abandonado, e que recuperaram vida, saúde e felicidade por graças de Nossa Senhora do Rosário, o confirmam.

Com a Mãe, colaboram os filhos-videntes-intercessores. A postulação para a beatificação de Jacinta e de Francisco, actualmente instalada na rua de S. Pedro (Cova da Iria) e de que é postulador o Padre Luis Kondor (dos Missionários do Verbo Divino) tem arquivado notificação de muitos milagres, alguns deles publicados já no jornal «Voz de Fátima». Estão destinados aos altares os irmãos-videntes, sem dúvida nenhuma. Entre os peregrinos, nacionais e estrangeiros, há sempre alguns miraculados destas almas-flores que subiram ao Céu.

Completem os peregrinos a romagem à Cova da Iria com a visita a Aljustrel.

SEGUE

VALORIZE-SE!

estude por correspondência

TV **Rádio**

E SERÁ UM TÉCNICO DE FUTURO ASSEGURADO

CURSO de RÁDIO e TV PHILIPS

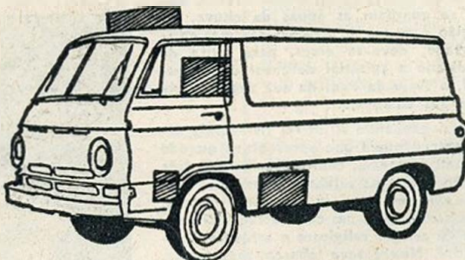
Peça o folheto GRÁTIS a **EURORÁDIO**

Av. Manuel da Maia, 32-10 TEL. 4 35 63 LISBOA 1 PORTUGAL

Artico Lda **Refrigeração**

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

Westinghouse **Thermo King**



Para melhor conservação dos alimentos transportados

ESCRITÓRIO - EXPOSIÇÃO E VENDAS **GABINETE TÉCNICO E OFICINAS**

LARGO DE SANTOS, 4-A **18, JARDIM 9 DE ABRIL, 20**

LISBOA-2 **LISBOA-3**

TELEF. P.P.C. 66 10 44 - 66 51 17 - 66 23 34



A BELEZA NASCE, A FORMOSURA FAZ-SE EM QUALQUER IDADE!

EMBRYODINE FLUID, do Dr. Hosen-thal, dá ao rosto o encanto e a sedução da juventude.

EMBRYODINE existe em três fórmulas: «A» (normal), esc. 33840; «B» (forte), esc. 66870; Triplex (fortíssimo), esc. 75800. Não encontrando no seu fornecedor, enviamos a reembolso. J. SANTOS — Rua St.º Idefonso, 29 — PORTO.



FÁTIMA

17

Justificada, inevitável. Fica à entrada da povoação a casa dos Marto, Caiada, modesta, à beira do pequeno desvio da estrada que vem do Santuário. A meio metro do chão, humilde, sem nada de especial. Manuel Pedro Marto e Olímpia de Jesus, o honrado, exemplar casal, que tão perfeitos exemplos deu à sua prole, repousam no cemitério de Fátima (antiga). Herdou a casa o filho João, irmão mais velho dos videntes. Tem mais três irmãos: José, Manuel e António. Gente de trabalho e vergonha, por todos os vizinhos estimada. Respira-se silêncio e preterito na pequena casa. Paredes, tecto e soalho pedem reparação (mas talvez queiram conservar aquilo no estado em que se encontra, para não apagar a dedada histórica e a marca do sobrenatural). Quem chega, ajoelha ante as estreitas camas de ferro, onde Jacinta e Francisco muito sofreram, durante a doença, e foram visitados pela mãe de Divino Coração. No quarto onde Francisco morreu, suspende-se da parede a imperfeita foto de Lúcia e Jacinta, por debaixo de uma imagem de Maria Mediatrix. Para tudo olham os visitantes com surpresa e admiração, enternecimento também, e, depois de deitarem moedas sobre as camas dos irmãos-videntes (sem saberem, com certeza, por que o fazem), saem, para completar a rotagem.

Mais adiante, e à esquerda, a casa onde Lúcia nasceu. Também humilde, mas com cuidado que a dos primos. Pertence à sr.^a Maria dos Anjos, que vai nos setenta e seis. Mais velha, por conseguinte, deixasse as que sua irmã, a vidente interlocutora da Senhora do Rosário. Conta mais quatro irmãos: Teresa, Glória, Manuel e Carolina. Boa mulher, calma e sorridente. Embora por detrás dos óculos, pareceu-me que o seu olhar directo, firme, é bem semelhante ao de Lúcia. Grande alegria invade esta casinha quando os vinte e sete netos da sr.^a Maria dos Anjos a visitam. Que resta do tempo da pastorinha? Várias coisas: a cama onde nasceu, o tear em que aprendeu a tecer, o banquete preferido para se sentar e até o garfo com que costumava comer. Lá fora, a algumas dextenas de metros da casa, em meio de trilha não há muito despontado, o tão visitado Poço de Lúcia, vulgar poço-cisterna, onde se guardam as águas da chuva, (a região é magra de nascentes), mas consagrado, deve-se dizer, pela visita de dedicado e celestial defensor de Portugal, o Anjo da Paz, na sua segunda visita aos videntes.

Vai ganhando Aljustrel fisionomia diferente daquela que apresentava quando por ali passavam, com as ovelhas, os três pastorinhos. As velhas, pobres casas ainda existem, mas já apresenta outras, modernas, mais um café, estabelecimentos de artigos religiosos e artesanato regional. Nunca teve taberna, mas, agora, uma, com pretensões de restaurante, abre suas portas aos passantes. Exigências da constante afluência de visitantes, nacionais e estrangeiros. Passam para os Valinhos, para a Lapa do Cabeço, onde se pode admirar monumento evocativo da derradeira visita-preparação do Anjo de Portugal, e, mesmo lá para cima, ao Calvário, onde os húngaros sem Hungria, espalhados pelo Mundo, mandaram levantar, original, impressionante monumento capela-súplia à Mãe Mediatrix, (12 de Maio, de 1964). Lá vão todos, cantando: «Ave, Ave, Mãe Celestial!».

Motivos de sobejo existem para as Comemorações Fátimistas que hoje principiam. Todavia, a responder-se à primeira das inquietantes perguntas que ao começo deitámos, dúvida nenhuma poderá acompanhar-nos que a vida actual não se apresenta de acordo com a Mensagem de Fátima. Triste, esmagadora verdade. (Não se consegue com flores do regozijo deixar de sentir espinhos de inquietação e de responsabilidade). Por muitos lados, nestes tempos de crise e de crises, a desordem pretende substituir a ordem e a imoralidade atormenta a moralidade. Deus continua a ser ofendido! Vieram já os resultados, calamitosos e de novo sangrentos, da guerra de Hitler, como a Mãe Senhora Bondade havia predito. Também o Papa de Fátima, caluniado após a morte, muito, muito sofreu em vida, enquanto diversas nações foram desaparecendo. Continua Deus a ser ofendido! Com a guerra, pelos empresários da guerra, esses semeadores da fome e da morte. Está o novo Papa a sofrer, em dias e noites atormentadas. A fome dos homens e das nações é outro grande pecado dos ricos, sejam homens ou países. Que os países da abundância corram em auxílio dos países da fome, recomendou Paulo VI na encíclica «Populorum Progressio». Deus continua a ser ofendido!

Fátima continua a chamar o Mundo. Na Idade Média, chamavam-no, principalmente, Roma, Compostela e Jerusalém. Desde há cinquenta anos, todos os caminhos vão dar à Cova da Iria. Católicos de todos os Continentes, hoje, e de joelhos, no centro de Portugal. Na dianteira, estará Paulo VI, o Papa Peregrino. Grande honra para Portugal, sem dúvida. Grande exemplo de humildade e esperança, acima de tudo. Só do Imaculado Coração de Maria poderá vir o dom da Paz. Tão desejado, tão necessário, este atormentado planeta tem fome de pacifismo. Autêntico. Concreto. Vem o Sumo Pontífice imetrá-lo da Mãe de Jesus, Mãe do Céu, Mãe da Igreja e Mãe dos Homens.

Fátima é a verdade, o mundo preferirá afundar-se nos negros oceanos dos vícios, enganos e mentiras? No nosso País o Dogma da Fé permanecerá, apesar das procelas, dos desencontros e das traições, generosamente o disse a Mãe de Imaculado Coração. Merecidamente Lho consagraram já os Bispos de Portugal. Preciso se torna que Lhe seja do mesmo modo consagrado oficialmente.

Procuram os homens a paz, mas sem auxílio do Céu não poderão alcançá-la. Duradoura, definitiva. Continua por isso mesmo a arma das legiões religiosas a ser o terço. En-

quanto os belicistas inventam novos engenhos, para destruir o maior número em menor espaço de tempo, reconhecem os devotos de Fátima, soldados do Exército Azul e de todos os exércitos de constante caridade cristã, que uma só arma há para atingir a Salvação: o terço. Não quer o Imaculado Coração de Maria outra arma. Assim sucedeu na Idade Média, quando a Rainha Mediatrix o colocou nas mãos do fundador da Ordem dos Pregadores. Oração e penitência, com o terço, recomendou há cinquenta anos. Foi para todo o Mundo a Mensagem de Fátima. Mãe da Paz, Virgem Peregrina, através de caminhos continentais, lembrou-o a todos quantos tinham ouvidos de ouvir. Foi uma renovação, uma primavera moral, almas acordadas e decididas, almas a subir do engano à certeza, do pecado à salvação. Não todos, é verdade, mas não poucos, felizmente. Ouvirão os países fechados em cortinas de ferro, por fim, a sublime Mensagem. Para que a ouvissem, perto e longe, foi que a Senhora da Grande Promessa apareceu na Cova da Iria, e, por Portugal, a deu ao Mundo. Já ao Sagrado Coração de Maria foram consagradas toda a Igreja e a Rússia, (Outono de 1942). A Rússia se converterá e, sobre o triste e atormentado Mundo, há-de reinar uma era de paz. Tudo será, enfim, como foi prometido, se os católicos rezarem e se sacrificarem, pois a Mensagem de Fátima é a mensagem da penitência e do Rosário.

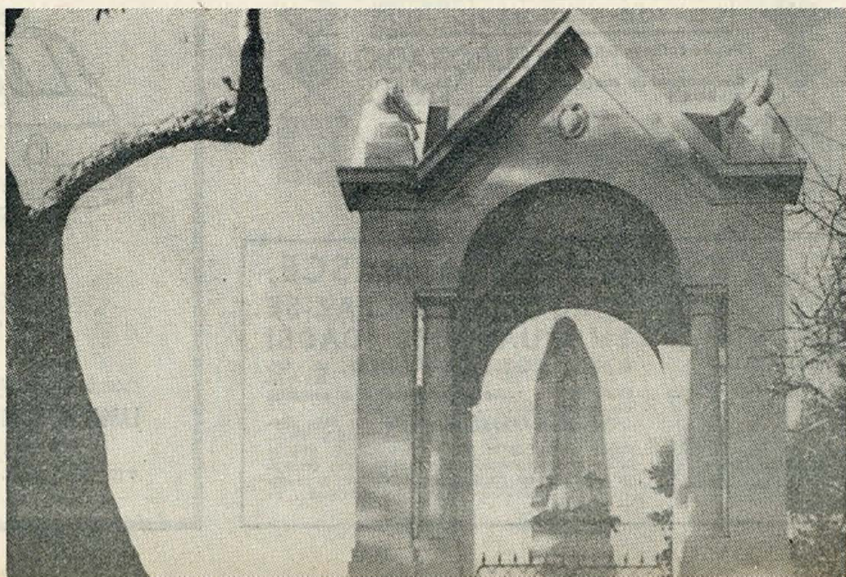
Do padre Audet, do Canadá: «A Mensagem de Fátima é o acontecimento mais extraordinário, que se desenrolou depois da Incarnação e Redenção operadas pelo Filho de Deus.»

Jesus disse: «Eu sou o Caminho, a Luz e a Vida.» Veio a Senhora do Rosário renovar aos homens a certeza abandonada. Só pretende, pois, a Mensagem de Fátima conduzir ou reconduzir ao Caminho que é Verdade, à Luz que é Salvação e à vida que é Eternidade.

Para terminar, deseje o articulista deitar alguns votos neste jubileo primeiro dia do primeiro cinquentário das incontestáveis aparições da Cova da Iria: Que todas as viagens e encontros de todos os homens e todos os povos sejam realizados por intenção de Fátima; todas as meninas hoje nascidas recebam o nome de Iria ou de Fátima; e o dia comece por um Ave, Fátima! E a noite, de mãos postas, assim termine: Graças, meu Deus, por Fátima e pelo refúgio do Imaculado Coração de Maria.

N. do A. Foram consultadas, além da colecção do «Seculo», de 1917, as seguintes obras: «Jacinta», do cônego Galamba de Oliveira; «Fátima, Altar do Mundo» dirigida por João Ameal; «Fátima, Esperança do Mundo», de Gilbert Renault; e, na Cova da Iria, após recente visita a Aljustrel, «Era uma Senhora mais Brilhante que o Sol», de padre João De Marchi, I. M. C.

O ALTAR - MONUMENTO, NOS VALINHOS, ONDE SE DEU A QUARTA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA, NO DIA 19 DE AGOSTO



Sempre
de
VIVA VOZ
com
CORIFINA



Natural confiança, convívio simples e agradável, quando a voz é pura e o hálito é fresco.

"Corifina" aclara a voz, refresca o hálito, dá à-vontade

CORIFINA®

Aos elementos naturais que entram na composição da "Corifina" está associada a vitamina "C", que corrige carências e reforça as defesas do organismo.

Sempre de VIVA VOZ com **CORIFINA**



LEIA O JORNAL «O SECULO»

Produto para cura de Emagrecer

Adypok

Aprovado pelo ROYAL DIETETIC INSTITUTE
Um dos mais famosos institutos de Dietas do mundo

(2\$50) Preço ultra económico para uma refeição normal equivalente a 250 calorias.

Perdas de peso de 1 a 3 quilos por semana

Peça em postal literaturas grátis à FAL - Apartado 2.142 - LISBOA



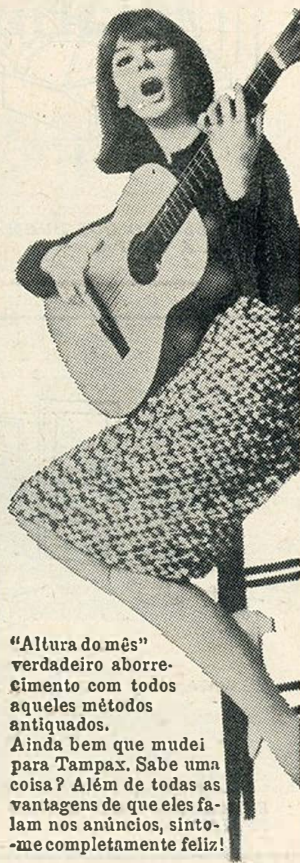
QUAL DESTES CURSOS LHE INTERESSA?

Seja qual for, escreva imediatamente a

ESCOLA NACIONAL DE CONTABILIDADE
(Fundada em 1946)
Director:

Prof. Lourenço de Carvalho
Ensino pelo correio
Av. Praia da Vitória, 13
LISBOA - 1

parei
de cantar
os
blues



"Altura do mês" verdadeiro aborrecimento com todos aqueles métodos antiquados.

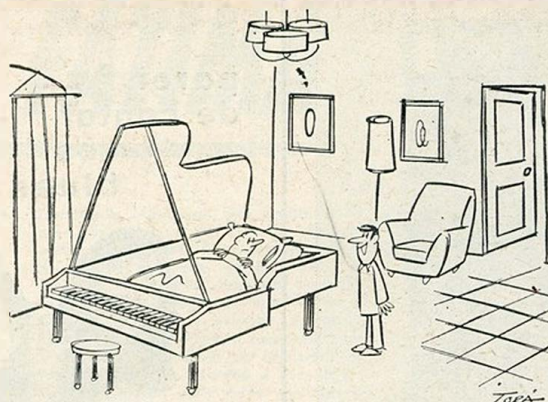
Ainda bem que mudei para Tampax. Sabe uma coisa? Além de todas as vantagens de que eles falam nos anúncios, sinto-me completamente feliz!

* * *

Tampax recebe muitas cartas, mesmo muitas, que reflectem o entusiasmo da nova geração por este produto. De facto, o próprio Tampax é novo (tem menos de trinta anos). É feito para as jovens de idade e jovens de espirito. Pode usá-lo em todas as suas actividades — é discreto porque não se nota quando colocado. Fã-la sentir-se fresca, limpa, segura, equilibrada — e milhões preferem-no. Porque não passa a usar também os tampões Tampax? De uso interno é o processo moderno. A sua escolha em duas absorções (Regular e Super).



DISTRIBUIDOR POR: A. P. AGOSTINHO, LDA - LISBOA

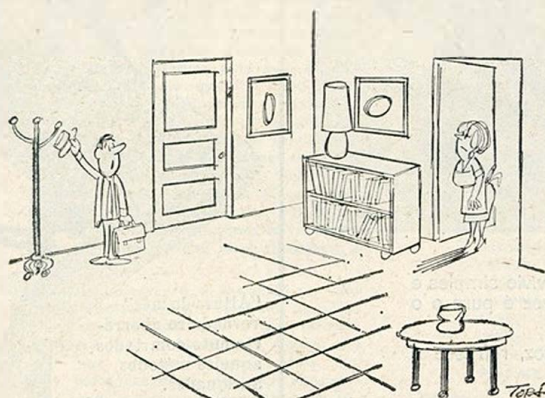


— ESPERO QUE DURMAS BEM. SE TIVERES FRIO, BAIXA A TAMPA.

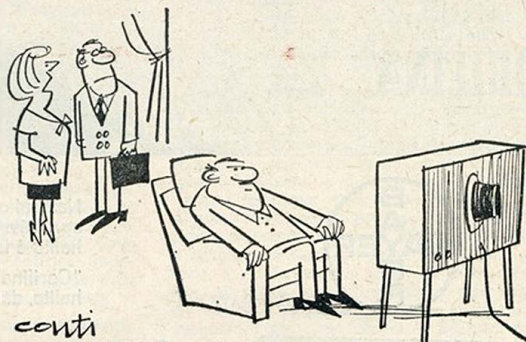


— NÃO SE ASSUSTE, SR. SANTOS. ADMIRE A PAISAGEM E NÃO TERÁ MAIS VERTIGENS.

HUMOR



— AGORA, FILHA, VOU TER MAIS TEMPO PARA ESTAR CONTIGO E COM OS PEQUENOS. FUI DESPEDIDO.



— ESTOU MUITO ABORRECIDA. SENHOR DOUTOR. MEU MARIDO DEIXOU DE PENSAR, DE IMAGINAR, DE SONHAR. SO VÊ!

TAPETES TRICANA

SERVÇOS DE LIMPEZA
E RESTAURO

WOOL RUGS AND CARPETS

Tapis points noués en laine —

Mouquettes unies et façonnées

Trade mark * Marca registada

TRICANA

TAPEÇARIA REGIONAL

DE COIMBRA, LDA.

Avenida Praia da Vitória, 48-A

(ao Monumental) LISBOA-1

Telefs. 536314-51525—LISBOA

HIPNOTISMO

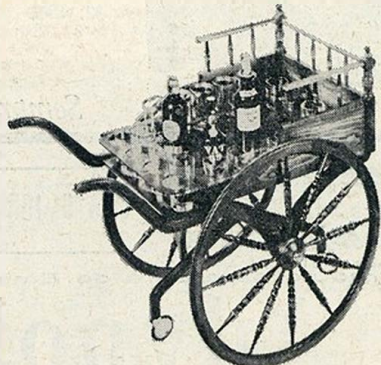
Fortaleça a sua personalidade eliminando complexos de inferioridade! Seja forte e dominador! Adquirir a força que lhe permitirá impor-se, obtendo uma nova cultura, uma nova forma de agir! Resultados largamente comprovados. Curso prático, eficiente, com longa experiência em diversos países. Peça catálogo grátis a:

O. H. KIERNAN — Apartado 24 — Estoril.



A MARCA
DO SEU FUTURO
MOBILIÁRIO

Madeiras
tratadas em estufa
com 12% de humidade
MUTENE / UNDIANUNO ou NOQUEIRA



Desenho de arquitectos
nacionais e estrangeiros

visite a

FOC

FÁBRICA JERÓNIMO OSÓRIO DE CASTRO (HERD.), LDA.

RUA D, ESTEFÂNIA, 177-A e C — TELEF. 538881 — LISBOA • RUA DO BONJARDIM, 506 — TELEF. 33484 — PORTO

UMA
SENSAÇÃO
DE
FRESCURA
NO SEU
DIA A DIA



Primavera

uma
água
de
colônia
agradável
de
tipo
francês



TEMPO

**Opilca depila...
num instante
faz da pele
uma carícia!**



OPILCA depila melhor
e mais depressa, tornando-a
impecavelmente bela
Sem perigo de qualquer cheiro
desagradável pode usar OPILCA
para as axilas, rosto e pernas,
certa do êxito
duma depilação perfeita.



UM PRODUTO OLIVIN

O sucesso de um homem



cabelos bem penteados
cabelos sem caspa
cabelos ricos de saúde

PANTENE

a loção capilar
com maior êxito no mundo.



SAMMY DAVIS

*rei do music-hall
negro, judeu,
sem um olho
e casado
com uma sueca
loura
de olhos azuis*



A HISTÓRIA DE SAMMY DAVIS É A HISTÓRIA DE UM NEGRO QUE TRIUNFA NOS ESTADOS UNIDOS. DE UM NEGRO AINDA POR CIMA JUDEU, E COXO E CEGO DE UM OLHO, QUE GRAÇAS A UM TALENTO SEM IGUAL PARA O «MUSIC-HALL». A HISTÓRIA DE SAMMY DAVIS, ESSE DANÇARINO-MÚSICO-ACTOR-CANTOR QUE VEM ACTUAR NA PRÓXIMA SEMANA A LISBOA, É A HISTÓRIA DE UMA EXCEPÇÃO, E ELE PRÓPRIO A CONTA, NUMA AUTOBIOGRAFIA QUE PUBLICOU RECENTEMENTE — INTITULADA: «YES, I CAN», «SIM, EU POSSO» — DA QUAL TRANSCREVEMOS, A SEGUIR, ALGUNS DOS MAIS SIGNIFICATIVOS PARÁGRAFOS.



SER NEGRO NOS ESTADOS UNIDOS NÃO É, EM PRINCÍPIO, UMA DESGRAÇA: É UM PROBLEMA QUE SE PODE LUTAR POR RESOLVER. EM DESGRAÇAS TRANSFORMAM-SE OS PROBLEMAS POR CUJA RESOLUÇÃO SE NÃO LUTA. SAMMY DAVIS DESCOBRIU-O; É, EM PLENA AMÉRICA, UM NEGRO SERENO, TRIUNFANTE E FELIZ

SAMMY DAVIS

QUANDO nasci, em 8 de Dezembro de 1925, meu pai era o dançarino-estrela e minha mãe a primeira corista do agrupamento de «music-hall» «Holiday in Dixieland». Mais tarde, os meus progenitores separaram-se. Fiquei com meu pai, e o seu companheiro Will Mastin, que acabei por considerar pessoa de família. Chamava-lhe tio. Tio Massey.

Ainda me lembro de certo dia em Asheville, Carolina do Norte, quando uma porção de artistas do grupo estava em nossa casa. Eu sentia-me inspiradíssimo e pus-me a imitá-los a todos. Mais: toquei piano, dancei, fiz tudo o que me ocorreu, estimulado pelos sorrisos que despertava e o número de gente que fazia acorrer a ver-me. E quando acabei, o tio Massey ergueu-me nos braços e declarou: «A partir de hoje, entras no nosso número!»

Imaginem só a minha alegria! E foi assim que comecei. Subi nesse dia para um tablado e dos tablados fiz desde então para cá a minha vida.

Os começos, porém, foram difíceis. Vivia-se a grande crise dos anos 30. As coisas corriam mal, tanto no «show-business» como

por toda a parte. Não foram nem um nem dois os artistas que abandonaram o ofício para se tornarem garagistas, ou criados de restaurante, ou porteiros de hotel, que sempre rendia mais.

Para cúmulo, o cinema tornara-se sonoro. Isso constituiu um rude golpe para as formas tradicionais de espectáculo. A nós, porém, trouxe-nos sorte — e numa altura em que bem precisávamos dela.

Lembro-me também desse dia: o meu pai apareceu em casa muito excitado; disse-me: «Moço, prepara-te! Vais entrar num filme!»

O filme chamava-se «Rufus Jones for Presidents» e exigia a participação de um catalejo que soubesse dançar e cantar. Eu fiquei aprovado nos testes. E estreei-me no cinema, entrei no primeiro de uma já longa série de filmes.

Foi mais ou menos por essa altura que conheci Frank Sinatra. Conheci-o de uma maneira muito simples: estava nos estúdios com o meu pai quando um rapaz dos seus vinte anos se chegou a nós de mão estendida e nos disse: «Viva! Sou Frank Sinatra. Cantou com a orquestra de Dossey.»

Eu já ouvira muitos dos seus

discos. Tornámo-nos amigos. Nos intervalos das actuações íamos juntos mastigar sanduíches. Ele tratava-me um pouco como um irmão mais velho. Eu gostava muito dele. E gosto.

«Ora viva! Sou Mickey Rooney»

Decorria a guerra, entretimentos. Um dia, eu e meu pai ouvíamos a rádio e, de repente, o programa foi interrompido para um locutor anunciar que os japoneses haviam bombardeado Pearl Harbour. «Os Estados Unidos declaram guerra ao Japão.»

A nossa reacção foi imediata. Corremos ao centro de recrutamento. Mas dispensaram a nossa boa vontade. Ao meu pai por ser «demasiado velho», a mim, por «demasiado novo». Que voltasse dentro de dois anos, disseram-me. Eu volvi: «Mas daqui por dois anos já a guerra acabou!»

«Fica descansado. Ela espera por ti.»

E esperou mesmo.

*

Foi ao sair do exército que conheci outro dos meus melhores amigos. Estava com o meu pai e o tio Massey num hotel de Boston. Entrou um homenzinho baixo, de mãos nos bolsos, que avançou para nós, em jeito agressivo, e se especeu à nossa frente e disse: «Ora viva! Eu sou Mickey Rooney.»

Depois, observou-me melhor e vociferou: «Raios me partam! Será que nunca encontrarei ninguém mais pequeno do que eu? São todos maiores do que eu, e mesmo tu, que és um anãozinho. Que é que sabes fazer?»

«Canto, danço, toco trompete e bateria, faço imitações...»

«Ah, sim? E quem é que imitas?»

«James Cagney, Edward Robinson, Danny Kay...»

O empresário intrometeu-se: «Está descansado, Mickey, que as imitações são para ti.» Mas Mickey retrucou-lhe: «Deixa o miúdo experimentar.»

Na noite da estreia, veio visitar-me ao camarim e gabou-me. «A imitação do Danny Kay é soberba.» Depois, fui para o palco e portei-me bem. Quando chegou a vez de Mickey entrar em cena os aplausos redobram mas ele apontava para nós, para mim, meu pai e meu tio, como se fossemos nós que os merecéssemos e pôs-se a dançar cantando, e piscava ao mesmo tempo o olho ao público e indicava-me com o polegar, em jeito de quem diz: «Que grande ponto.» E no dia a seguir os jornais falaram de mim.

Foi o próprio Mickey quem nos veio mostrar. Alegre como se fosse um êxito dele. E tentou arranjar-me um papel para um filme. Falou-me nisso. Eu fiquei esperançado. Só que Mickey me apareceu mais tarde, face de quem vive uma tragédia, e me disse, com muita tristeza na voz, e também revolta:

«Olha, não vale a pena esconder-to: falei com os produtores: disseram-me que não queriam um negro. Disseram-me que lhes arranjasse um mexicano, que sempre era melhor.»

Regressei a pé a casa. Conhecia já bem o Mickey, calculava quanto teria ele lutado por mim, servindo-se do peso do seu nome. E não obstante havia quem me pudesse cortar todas as esperanças ao retrucar simplesmente: «Arranja um mexicano, que sempre é melhor do que um negro.»

Ajudaram-me muito. Mickey e Frank. Graças a eles arranjei contratos, além de muita coragem, que as suas palavras me insuflaram. Frank meteu-me numa porção de «shows» dos quais era a vedeta. O nosso «trio» — eu, meu pai e meu tio — pôs-se a singrar a todo o pano. E veio um contrato para actuarmos no «Cis-o's», a anteceder a entrega dos Oscars.

Sala cheia. Entre a assistência, um nunca mais acabar de celebridades, actores, realizadores, produtores...

Foi a batalha da nossa vida. Mas foi um triunfo. Por mim, quando entrei nas imitações, render-se a sala. Hurraram quando tentei compor a figura de Sinatra; e ao ouvirem-me cantar como Armstrong, batiam com tanta força nas cadeiras que a sala estremecia. E depois imitei vedetas do «écran», Humphrey Bogart, John Gasfield e de súbito percebi que me estava a acontecer qualquer coisa que nunca me acontecera antes: subjugara o público, sentia-o fisicamente, a vibrar comigo, a apreender o menor dos meus gestos, a respirar, a viver ao meu ritmo. Foi o dia mais belo da minha vida. Com os aplausos, fizeram o pano subir e baixaram nove vezes. Quando voltei ao camarim e ouvi o público ainda a chamar-me... desatei a chorar.

*

Foi um Las Vegas, pouco tempo depois desse espectáculo, que me aconteceu pela primeira vez algo que depois me viria a acontecer muitas mais vezes. Eu estava num hotel, sentira fome e telefonara a pedir que trouxessem um bife e uma cerveja. Esperava um empregado. Mas, quem me trouxe a refeição foi uma rapariga, corista no espectáculo em que eu estava a actuar. Com umas «blue-jeans» tão apertadas que mais pareciam pintura sobre a pele, entrou pelo meu quarto, muito sorridente, sedutora e loura.

«Que lindos «groms» que têm nesta casa!» — brincou eu.

Ela riu e atirou-se sobre um maple. Eu disse-lhe que não actuaría nessa noite, precisava de ir a Los Angeles. E ela: «Eu sei. Por isso mesmo me pareceu que apreciaria um pouco de companhia antes da viagem.»

E pronto. Depois de um triunfo, as raparigas brancas passaram a olhar-me com outros olhos.

«Ah, meu Deus! Cego não!»

Actuar em Las Vegas, para mim, representava uma vingança. Anos antes, estivera lá e fora corrido de um hotel, por um polícia, por ser negro. Agora, não havia hotel quem o me hospedasse. E os polícias, se corriam sobre mim, era para me abrirem as portas.

Vivia portanto uma temporada feliz. Mas o azar cortou-a. Foi depois do episódio atrás referido, com a loura. Eu metiera-me no

meu Cadillac e rolava estrada fora, rumo a Los Angeles. E não cheguei lá.

Um carro verde com umas mulheres dentro ultrapassou-me. Vi-o rolar aos ziguezagues à minha frente. Vi-o afrouxar; e, depois, repentinamente, derrapar e parar atravessado na estrada. Depois não vi mais nada; carregara no travão com todas as forças, mas inutilmente; e senti, sim, o fragor do choque e uma dor fulgurante no olho esquerdo.

Os carros estavam ambos parados e ouvi o tropel de gente que se aproximava. E uma voz: «E Sammy Davis!»

Sai. Dei uns passos para ver o que acontecera às mulheres do carro verde. Um soldado deteve-me. «Elas estão bem. Você é que precisa de ir para um hospital a toda a pressa.»

«Eu?»
Instintivamente, passei a mão pela face. Tacteei então algo frio, pendente. E percebi que era o meu olho. O meu olho, fora da órbita, suspenso quase junto à boca por uma coisa como um fio.

Tentei freneticamente repô-lo entre as pálpebras, como se me custasse que me vissem naquele estado e o pudesse reintroduzir na órbita sem ninguém dar por nada. Depois, senti que já não estava de pé, mas ajoelhado no asfalto. E por fim a cabeça desatou-me a girar; só bradava: «Ah, Deus! Faz com que não fique cego! Cego não, meu Deus!» — até que desmaiei.

Quando recuperei os sentidos, estava no interior duma ambulância. Ouvia ulvar a sirene. E só pensava: «Então podem acontecer coisas destas? Pode acontecer a um homem esfaltar-se a trabalhar como um bruto, vinte e seis anos, endurecer à custa de sofrimento e humilhações, e então, de um momento para outro, perder tudo, tudo, num instante de má

sorte? Teria eu lugar neste mundo? Maldita vida, grande maldita de vida.»

*

O médico desenrolou-me as ligaduras e fez-me observar ao espelho. «Tive de lhe tirar o olho — disse. — Você levou trinta agramas no interior e no exterior da pálpebra.»

Devolvi-lhe o espelho. «Beio — disse. — Agora é que estou bom para o cinema, doutor. Estou mesmo bom para o papel de Frankenstein.»

A mão amiga

Houve uma restolhada no hospital. Uma enfermeira entrou pelo meu quarto dentro, esbaforida a gaguejar: «E Frank Sinatra... E Frank Sinatra». E Frank apareceu.

«Viva, Sam.»

Fiscou um olho à enfermeira, que o fitava com ar embevecido e avançou para mim.

«Olha lá, tu não vais passar a convalescença neste quarto. Porque é que não vens comigo para a minha casa de Palm Springs? Mas espera... Tu estás a chorar ou quê?»

A voz saiu-me num murmúrio rouco:

«Frank, tu não imaginas o que representa para mim esta tua visita.»

Depois, de roldão, entraram os jornalistas. Explodiram «lanches». Fiz para as objectivas um sorriso do estilo «sufocador mas ocioso». E estendi a mão para a mão amiga de Frank e apertei-lha e olhá-

mo-nos e ele foi-se e o que senti na altura por ele multiplicou por mil a devoção que já lhe tinha. Grande. Incomparável Frank!

*

Will Mastin, o tio Massey, sempre que pôde, tal como meu pai, esteve comigo. Os jornalistas, porém, era como se o não vissem. Ele ficava sentado a um canto, a olhar para mim, carinhoso e triste. Certa vez, eu disse-lhe: «Massey, estive a pensar...»

Ele sobressaltou-se. Eu sabia-o com medo de que eu quisesse deixar o trio. Tinha suficiente nome para me governar sozinho. E depois do sobressalto ele armou a expressão de quem pensa: «Ora cá está o momento.»

«Massey — apressá-me então a dizer — nós devíamos estar ligados por um contrato, eu, tu e o meu pai. Vamos continuar assim, só com uma diferença: pô-lo por escrito.»

«Tens a certeza de que é isso o que queres?» — perguntou-me de pois de um grande silêncio.

«Absoluta.»

Ele, como Frank, avançou para mim e na sua face de homem bom eu vi dissiparem-se todos os receios, as dúvidas, as angústias secretas; e estendeu-me a mão amiga, tal como Frank, e a esse contacto fraternal vieram-me à memória, claramente, luminosamente, todos os agrestes e suaves tempos que tínhamos vivido juntos.

Vo'ta e meia acouteceia não me admitirem num hotel. A fama e a fortuna não são suficientemente fortes contra certos preconcei-

tos. Mas de um momento para o outro foram os meus irmãos de cor que desata-am a atacar-me. Isso deu-se depois de um regresso aos palcos, saído do hospital. Foi um regresso que não esqueço. A sala inteira a aplaudir, o Frank, comigo, no tablado a mostrar-me e a gabar a pé a que ainda me cobria a vista...

Mas, no dia a seguir, lia num jornal: «Sammy Davis Júnior, que era o orgulho dos negros, tornou-se a sua vergonha. A crónica dos seus escândalos emporcalha-nos a todos nós, que temos a pele da cor da sua. Olha-te a um espelho, Sammy: ainda não deixaste de ser negro.»

Mas eu não precisava de espelho para o saber. Só que naquela altura me começou a apetecer esquecê-lo. E embebedei-me. Desatei a embebedar-me. E um dia, num bar, voltei a ver Lora, uma soberba rapariga negra que eu conhecera anos atrás, e falei-lhe com a voz empastada de «whisky» e às tantas propus-lhe casamento e ela aceitou e casámos e eu fiz-lhe a infelicidade, bêbedo de manhã à noite, a saber perfeitamente que o que fazia era destruir-me e sem conseguir importar-me um pouco que fosse com isso — até que um dia atirei com o meu carro directo a um precipício a 100 à hora e salvei-me por milagre. Exactamente: por milagre. Porque o carro parou de chofre à beira do abismo devido à transmissão se ter partido e enterrado no chão como uma lança, e se isto não é um milagre então não sei como chamar-lhe.

*

Foi quando me converti ao judaísmo. Depois do suicídio frustrado senti que precisava de reconstruir uma moral. E a religião israelita atraíu-me porque via nela

SAMMY COM O BUGLE. O DIA MAIS FELIZ DA SUA VIDA: AQUELE EM QUE, PELA PRIMEIRA VEZ, SENTIU FISICAMENTE UMA SALA BALOUÇAR COM ELE, AGITAR-SE AO SEU RITMO. REAGIR A CADA UM DOS GESTOS, MESMO OS MAIS IMPERCEPTÍVEIS, DA SUA ACTUAÇÃO





INSTITUTO DE BELEZA

NOGUEIRA-LUIGI, L.^{DA}

LADIES HAIRDRESSER • COIFFEUR POUR DAMES

RUA NOVA DO ALMADA, 36, 1.º

TELEFONES 32 84 65 - 36 90 64 — LISBOA

HOTEL ESTORIL-SOL—TELEF. 28 22 70

HOTEL CIDADELA — TELEF. 28 32 15 — CASCAIS

SAMMY DAVIS

muitas relações com a situação dos negros. E eu-me, além de negro, judeu. Com dois, em vez de um, motivos para o desprezo branco. Mas parece-me que com isso deixei de os dar para a hostilidade dos meus irmãos de cor. Porque voltei a transformar-me, mas para melhor. Creio.

May Britt

Divorciara-me, claro. E um dia estava a almoçar nos estúdios da Fox com Barbara Luna, uma actriz secundária de quem gostava muito, e gostava como de uma irmã, uma irmã mais nova quando apareceu na sala uma rapariga alta, de cabelos louros a cair-lhe sobre as costas. «Meu Deus», bradei.

(A cara sobretudo fascinara-me. Era de uma beleza quase imaterial.)

Barbara tinha seguido o meu olhar.

«É May Britt» — disse-me.

«Que rapariga, deus do céu, que rapariga!»

«Esquece-a.»

Voltei-me para Barbara:

«Que quer isso dizer: esquece-a?»

«Ela não pensa em mais nada senão no trabalho. Não sai. Não convive.»

Fiz ouvidos de mercador. Só tinha olhos para a esbelta loura, cuja simples aparição fora capaz de exercer em mim o mesmo efeito que um murro bem dado na nuca.

*

Para entrar em contacto com ela usei de todos os possíveis estratégias. E consegui. Faltava o principal.

Ela, entretanto, cada vez mais me fascinava. Quando, pela primeira vez, logrei que aceitasse jantar fora comigo, demorei horas a vestir-me e encharquei-me com uma loção «after shave». Parecia um colega amoroso. Mas havia razão para isso. Nunca conhecera rapariga como aquela. Era simples, discreta, clara como o sol. Ignorava as frases inúteis, os falsos semblantes, as respostas que o não são. Com ela, era «sim» ou «não», sem meio termo. Era «amor» ou «debestor». Parecia de outro mundo!

Foi por essa altura que deu aos jornais para falarem num tal «clã de Sinatra». Faria eu parte dele, assim como Dean Martin, Peter Lawford, e mais alguns. Para além da amizade que de facto nos unia, tudo derivou de um filme — «O Desconhecido de Las Vegas» — que rodámos juntos. Es-

UM PRÉMIO JOHNSON & JOHNSON PARA OS TRÊS GÉMEOS DE S. JOÃO DO ESTORIL



ASPECTO DA ENTREGA DO PRÉMIO JOHNSON & JOHNSON À MÃE DOS TRÊS GÉMEOS

Acontecimento tão invulgar como o nascimento dos três lindos gémeos que a gravura documenta, reveste-se sempre de grande regozijo e interesse para todos.

Facto mais curioso ainda a assinalar é que estes encantadores bebés encontram-se entre os felizes contemplados da original promoção «ESPERA UM BEBÉ?» que Johnson & Johnson tem levado a efeito há já alguns meses, oferecendo prémios de produtos para bebé às mães dos bebés nascidos em determinadas datas do mês.

Na fotografia, registamos o momento em que a Ex.^{ma} Senhora D. Maria de Fátima Cremon de Lemos, assistente social da firma Johnson & Johnson, faz a entrega do excelente prémio Johnson & Johnson à Ex.^{ma} Senhora D. Maria Margarida da Silva Santos, que, sem dúvida, verificará a alta qualidade e pureza destes produtos, especialmente preparados para a pele delicada dos seus lindos bebés.

sa falsa imagem de nós mesmos divertia-nos, por um lado, mas por outro era irritante.

Não dei muita importância a isso, no entanto. O que me importava era o amor de May Britt. E ela anuiu, quando a convidei a vir assistir a umas filmagens em que, com o clã, estava a participar. E apesar de me ter pregado a decepção de não aparecer sozinho, mas com a mãe, proporcionou-me a felicidade do primeiro beijo.

Casamento de escândalo

Estava eu em Londres. Actuava perante a rainha. Com êxito. Sentia-me feliz. May Britt fizera a viagem comigo. E foi quando conheci o pai dela e marcámos o casamento.

O pai de May era um escândalo muito alto e distinto. Disse-me que sabia tudo a meu respeito, através das cartas da filha. E terminou: «Eu e minha mulher sentimo-nos orgulhosos de o ter por filho.»

«Quer dizer... quer dizer que não se importa?»

Ele falou lentamente, procurando as palavras do inglês:

«Pensa que nos aborrece o facto de você ter uma cor de pele diferente da nossa? Para mim e para a minha mulher, o que conta é a força do vosso amor e as suas qualidades de homem. O que conta é a felicidade da nossa filha.»

«Então, Sammy, já não te servem as negras?»

«Regressa ao Congo, negro depravado!»

«Malito cachorro negro, acabo de saber que esse macarrão do Sinatra vai apadrinhar o teu aborto. Pois bem, é interessante saber que espécie de canalha apoia Kennedy. Assinado: um bom americano que teria votado em Kennedy.»

Os jornais faziam copiosas referências ao meu casamento e, como por acaso, insistiam sempre no facto de Frank Sinatra, testemunha dessa união mista, trabalhar na campanha de candidatura de John Kennedy, à presidência. Deste modo, a minha vida privada tinha reflexos na vida política.

Um articulista:

«Se Kennedy for eleito, o grande problema é saber se nomeará Sammy Davis Jr. embaixador no Congo ou em Israel. A ilustrar esta «prosa», um boneco que me representava, em posição de macaco, à mesa de Kennedy. Legendas: «Continuará a chamar-se-lhe Casa Branca?».

Parecia impossível que um simples casamento pudesse desencadear tamanhos furores. Mas a verdade é que desencadeava. E eles beneficiavam Nixon, prejudicando John Kennedy. Eu podia imaginar o estilo de pressões que devia sofrer Sinatra. Trabalhara duramente na campanha de Kennedy e agora fazia-o perder votos, só por apadrinhar um matrimónio.

Frank, todavia, continuava imperturbável. Acabei por compreender

que me cabia a mim tomar a iniciativa. Liguei para Colorado Springs, onde Frank passava os fins de semana.

— Frank, queria simplesmente advertir-te: eu e May estamos ainda tão embaraçados com os preparativos do casamento que tivemos de o adiar.»

«Sam, tu estás a mentir!»

«Ah!... Bom, é verdade. Estou a mentir. Mas, ouve, Frank, acho que o melhor é deixarmos o casamento... Para depois das eleições.»

Houve um silêncio do outro lado do fio. Depois:

«É o teu casamento, Sam. Eu lá estarei, qualquer que seja o dia. Amanhã, se é amanhã.»

«Impossível, Frank. Já adiei tudo.»

Novo silêncio. E depois a voz de Peter Lawford:

«Frank não pode falar. Está muito comovido. Olha, Sam...»

«O que é, Peter?»

«Sam... o que acabas de fazer é maravilhoso.»

No palco, de pistola

Certo dia recebi um bilhete que rezava assim: «Vou dar-te um tiro enquanto actuas. Adivinha quando.»

Eu contratara dez detectives particulares para me vigiarem a casa e seguirem May Britt para toda a parte. No dia da estreia do meu novo espectáculo fí-lo ocupar cadeiras em redor dela. Depois, no palco, abri com um

número de manipulação de armas. Depois, como que inadvertidamente, conservei uma pistola à cintura. E é que a tinha carregada com balas de verdade.

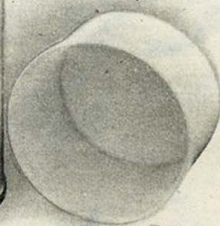
May Britt ficava tomada de um espanto repugnado cada vez que recebia provas desta sanha. Não conseguia compreendê-las. Eu evitava o mais possível que ela as recebesse, mas tudo o que podia fazer era mandar repintar, manhã cedo, as portas de casa, nas quais, durante a noite, haviam sido gravadas as inscrições mais obscenas.

Em todo o caso, nunca ela manifestou a mais pequena hesitação ou receio. E a sua coragem, o seu amor e a sua confiança fortaleceram-me a coragem, o amor e a confiança.

Passado o período das eleições, Kennedy presidente, chegou, finalmente, o dia do matrimónio. E eu e Britt entramos na sinagoga. E eu vi: Frank Sinatra, Peter Lawford e a sua mulher, Pat, irmã do presidente, e o meu pai e o tio Massey, entre muitos amigos. E eles apareceram-me como o conjunto das coisas boas que eu pudera adquirir ao longo de uma difícil caminhada. E estremei de emoção. Estava ao lado de May Britt e chegava-me, como que de longe, a voz do rabino, que dizia: «Deus todo poderoso, sumamente abençoado, supremo em poder e glória, guia e abençoa este homem e esta mulher...»

* Miss spray net

DÁ AOS SEUS CABELOS UM BRILHO DE JUVENTUDE



* Miss spray net
É A LACA MAIS AVANÇADA DO MUNDO

* Miss spray net
DÁ AO PENTEADO BELEZA E FLEXIBILIDADE

* Miss spray net
ELIMINA-SE ESCOVANDO

* Helene Curtis ONDE NASCE A BELEZA QUE VOCÊ DESEJA



HOMENAGEADA A MEMÓRIA DE BARROS QUEIRÓS

No cemitério do Alto de S. João foi inaugurado, na última semana, um artístico mausoléu destinado a perpetuar a memória do antigo presidente do governo da República, Thomé José de Barros Queirós, figura de prestígio relevante durante a primeira República. O mausoléu de linhas sóbrias e elegantes é obra do arquitecto José Segurado, sendo valorizado por uma vigorosa cabeça, de autoria do escultor João Fragoso. Na pedra do túmulo que guarda os restos mortais do grande político e patriota lêem-se estas palavras de Brito Camacho: «Barros Queirós, um dos amigos a quem mais estimo e um dos portugueses que mais considero.» Barros Queirós iniciou a sua vida pública, em 1890, como secretário da direcção do Centro Fraternidade Republicana, sendo, depois, vereador do Município de Lisboa, deputado às Constituintes, ministro das Finanças, em 1915, e presidente do Conselho de Ministros, em 1921.



CASAMENTO DA FILHA DO EMBAIXADOR DE FRANÇA

Os Jeronimos voltaram a ser cenário de novo casamento que ali reuniu um mundo elegante e aristocrático. A noiva era filha dos condes de Rose, que há anos ocupam a embaixada de França em Lisboa, que contraiu matrimónio com o nobre espanhol D. Francisco Davilla-Armero y de Chavarri, filho dos marqueses de Triano. Oitocentos convidados, entre os quais membros do governo, missões diplomáticas e numerosos aristocratas assistiram ao casamento de France de Rose que vestia um modelo exclusivo de Dior, em organza branca bordado à mão de seda natural, formando pérolas cheias e um véu de tule com quatro metros de comprimento.

NOVA VÍTIMA DO GRANDE PRÉMIO DE MÓNACO

O último Grande Prémio de Mônaco foi cenário de trágico acidente de que foi vítima o automobilista Lorenzo Bandini. Na 83.ª volta, quando em segundo lugar recuperava sobre o neozelandês Hume, que viria a vencer, Bandini despiستou-se e chocou sucessivamente com uma parede e um poste. Entalado contra o volante, o automobilista estava coberto de sangue e sofreu queimaduras em setenta por cento do corpo. Assistiam à corrida a mulher e o pai de Bandini, um dos quinze ou vinte melhores volantes internacionais, embora nunca tenha ganhado uma corrida. O acidente ocorreu no mesmo local onde Alberto Ascari se projectou no mar um ano antes do acidente que o vitimaria.





O meu "Bolo de Laranja"

são fica mesmo como eu gosto
feito com Vaqueiro!

A Vaqueiro deixa-o saboroso, muito fino e macio!

Em casa da Sr.^a D. Ana Maria Trindade Martins Parraça o bolo de laranja é dos | guloso entusiasmo. Realmente é um bolo
que são sempre recebidos por todos com | óptimo porque a Sr.^a D. Ana Maria o pre-
para com todo o cuidado e com Vaqueiro!

Vaqueiro torna tudo mais apetitoso





Dois símbolos, dois amigos para as curvas



Uma curva, um problema a resolver. E o sinal de trânsito é o 1.º amigo: aconselha prudência. O outro amigo, o MG 1100. Porque para o MG 1100, com a sua notável estabilidade e grande força de tracção às rodas da frente, a curva não oferece dificuldade — e já não é problema. É mais uma curva que fica para trás, muito rapidamente para trás . . . Um sinal de trânsito e uma marca que se impõem: dois amigos para as curvas.

A. M. ALMEIDA, S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 11, 11-A - Lisboa
Rua Sá da Bandeira, 501 - Porto